«DL»-LITERARIO: PANORAMA DAS ARTES E DAS LETRAS

Diário de Lisboa

Nós e o Mundo em MESA REDONDA
suplemento das sextas-feiras

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 12 DE AGOSTO DE 1971 N.º 17 471 ANO 51.º PREÇO 1$50

DE BARQUILHO EM PUNHO

É a forma clássica de comer gelados... enquanto se é jovem. Depois, surgem preconceitos, começa a funcionar o «parece mal». Os melhores clientes dos gelados são as crianças. Os «especialistas» debruçam-se sobre a «questão sorvete» que até já foi analisada pelos psicólogos, esse sorvete que marcou na corte de Florença, no séc. XVI.

(Ler na página central)

ANTES DO «SAFARI» MOÇAMBICANO

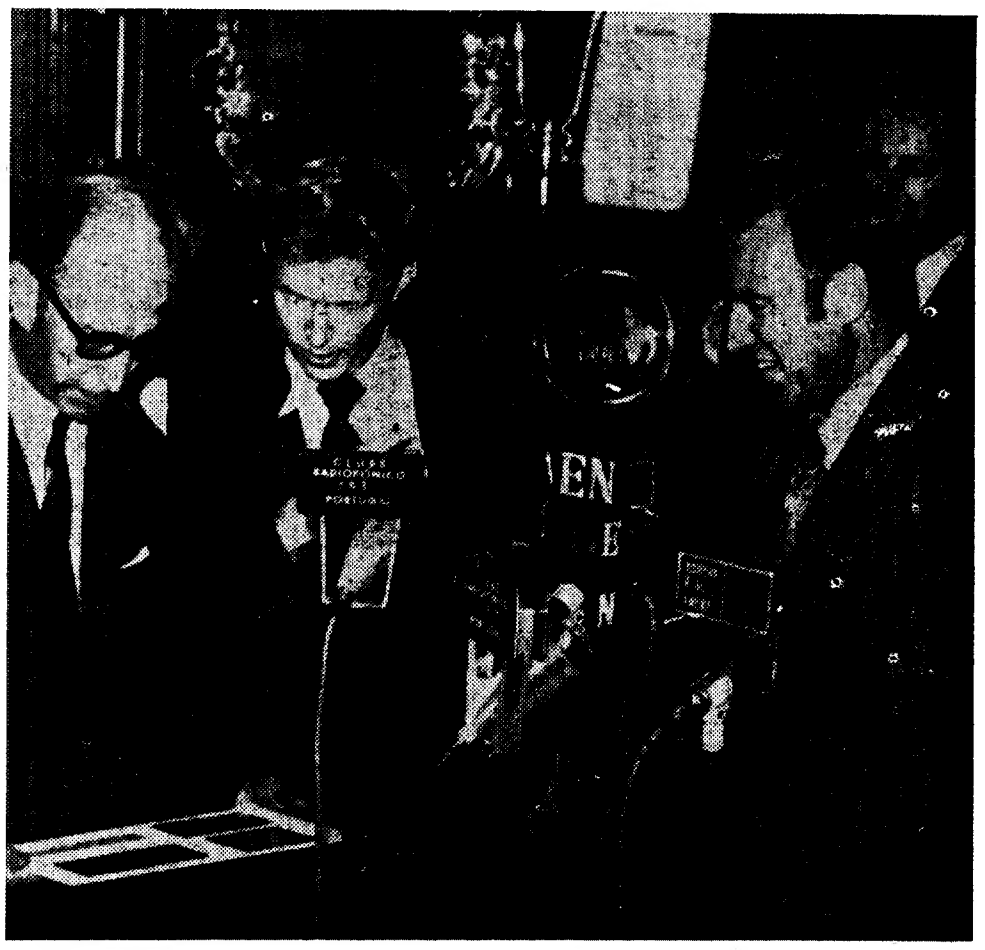
Lovell e Roosa passeiam por Lisboa

Os astronautas James Lovell e Stuart Roosa estão em Lisboa, desde esta manhã, e seguirão, amanhã, á noite, para Moçambique, onde vão participar num safari de duas semanas, na Gorongosa.

Lovell, de 43 anos, já cumpriu quatro missões, tendo sido o primeiro homem a viajar pela segunda vez para a Lua, é o recordista da permanência no espaço, com 715 horas e 15 minutos, mas, tal como o seu companheiro, Roosa, de 37 anos (completa 38, no dia 16), nunca chegou a pôr os pés em solo lunar, embora qualquer deles tenho andado lá perto.

Durante 14 dias, os dois astronautas terão oportunidade de caçar e tirar fotografias em terrenos tão diferentes como savana (onde abundam inhalas, antílopes e gazelas), pantanos (paraíso de milhares de búfalos, leopardos e burros do mato) e montanhas (ao encontro de kudos, elefantes, zebras, pala-palas e elandes). Nos intervalos, para amenizar a relativa monotonia da busca dos animais de grande porte, os homens que viram a lua de perto

(Continua na 13.ª página)



Lovell e Roosa oferecem uma lembrança ao eng.º Vaz Pinto

ANDREI GROMYKO DEIXOU A ÍNDIA

NOVA DELHI, 12 (F. P.) — Andrei Gromyko, ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, deixou hoje Nova Delhi a caminho de Moscovo depois de uma visita oficial de quatro dias á Índia.

O chefe da diplomacia soviética declarou á partida que o tratado indo-soviético que acaba de ser estabelecido «constitui um acontecimento histórico de primeira importancia na vida da URSS e da India». O tratado foi acolhido favorávelmente por «todos a quem agrada a causa da paz no Mundo», acrescentou Gromyko.

HOJE 28 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

«BIG» MINH, VAN THIEU E CAO KY, as três figuras em evidência na perspectiva das eleições presidenciais de Outubro no Vietnam do Sul

CAO KY NÃO SE CONSIDERA AFASTADO DAS ELEIÇÕES

(Ler na página 14)

O CHEFE DO ESTADO FALA HOJE AO PAÍS

Hoje, às 23 horas, através da Rádio e da Televisão, o Chefe do Estado fará uma comunicação ao País sobre um assunto relativo às relações luso-brasileiras.

VISITA PORTUGAL O MINISTRO BRASILEIRO GIBSON BARBOSA

BRASILIA, 12—(A. N. I.) — Sómente ontem á noite é que foi anunciada a visita a Lisboa do ministro das Relações Exteriores do Brasil, que se realiza assim antes da viagem do ministro português dos Negócios Estrangeiros, Rui Patrício, ao Brasil, agora anunciada para os princípios de Setembro.

O Itamaraty confirmou, ontem á noite, que o ministro das Relações Exteriores par-

(Continua na ultima página)

Por decisão do Município de Cascais

UMA PRAÇA DO ESTORIL VAI TER O NOME DE TEODORO DOS SANTOS

Na sua ultima reunião, o Município de Cascais decidiu dar o nome de Teodoro dos Santos a uma praça do Estoril.

Em face desta decisão, o largo em frente do novo Casino do Estoril, limitado a Norte e Poente pela Rua de Lisboa, a nascente pela Praça Almeida Garrett e pelo edifício do Casino, englobando o pequeno troço da Avenida de Aida, e, a Sul, com a sua inclusão, pelo arruamento sem denominação que substitui o antigo troço da Avenida Amaral, passará a chamar-se Praça Teodoro dos Santos.

Desta forma, a memória do dinâmico industrial ficará perpetuada na zona para cujo progresso tão decisivamente concorreu, precisamente no local onde se ergue uma das suas mais vultuosas obras. Assim, a Praça Teodoro dos Santos ficará a recordar aos vindouros um nome grande, dos maiores de quantos entre nós têm, devotadamente, concorrido para um maior incremento da industria turística nacional. Demasiado justa para ser preciso enunciar aqui os seus fundamentos, esta decisão da Câmara Municipal de Cascais é, em boa verdade, a primeira homenagem póstuma a um homem para o qual o País tem uma dívida de gratidão que não fica ainda totalmente saldada.

Teodoro dos Santos — o seu nome vai ser dado a uma praça do Estoril

ATRIBUÍDOS OS «PRÉMIOS DE IMPRENSA» DE BAILADO

A Casa da Imprensa, após decisão do júri constituído pelos jornalistas e críticos D. Manuela de Azevedo, Luís de Oliveira Nunes, José Blanc Portugal e Tomás Ribas, decidiu atribuir os seguintes prémios de Bailado, referentes a 1970 (todos por unanimidade):

De coreógrafo — a Milko Sparemblek pela sua coreografia «gravitação»;

De bailarina — a Marjorie Lambert, pelo conjunto das suas interpretações;

De cenógrafo — a Artur Casais pelo conjunto das suas criações;

De revelação — à bailarina Graça Barroso.

O júri decidiu, por maioria, não atribuir o prémio de bailarina, previsto no regulamento, e propôs que fosse registado o seu «voto de decepção» perante a circunstância de o panorama da dança não permitir que se alargue o âmbito da atribuição dos prémios e de que esse panorama se tenha revelado em 1970 mais restrito ainda do que nas temporadas anteriores».

Os premiados receberão os respectivos prémios em cerimónia que se realizará oportunamente.

O ROTARY CLUBE DE LUANDA — instituição de utilidade pública

COIMBRA, 12 — Na reunião do Rotary Clube de Coimbra, o presidente dirigiu saudações especiais aos srs. Fortunato Bandeira, do Rotary Clube de Santos (Brasil) e Virgílio de Carvalho, do clube similar de Luanda.

O sr. Alberto Mourão tratou de assuntos de secretaria e referiu-se à visita dos jovens estrangeiros a Coimbra, o qual mereceu os elogios do sr. dr. Mário Gomes, que dirige a Comissão de Auxílio à Juventude.

O sr. Virgílio de Carvalho informou que o governador de Angola considerou o Rotary Clube de Luanda como instituição de utilidade pública, resolução para a qual — disse — devem ter contribuido, sem dúvida, o facto de o clube ter organizado a assistência aos invisuais de Angola, e ainda a quantidade de bolsas de estudo distribuídas.

Os srs. Rui Clímaco, Teixeira Lopes e Virgílio de Carvalho trataram de assuntos ligados à vida da comunidade local ou aos interesses do clube, havendo, sobre alguns pontos, verdadeiro colóquio.

Foi anunciado que, na próxima reunião, a sr.ª D. Fernanda de Carvalho fará uma conferência sobre «A influência da música na compreensão mundial».

REGRESSO EM FORMA AOS 45 ANOS

LUÍS MIGUEL DOMINGUIN

— A SURPRESA DO ANO NAS PRAÇAS ESPANHOLAS

MADRID, 12. — (A. N. I.) — Passada a primeira parte da temporada tauromáquica espanhola, pode desde já afirmar-se que a surpresa do ano foi o facto de Luís Miguel Dominguin ter recuperado o cartel de «gran maestro» de que gozou até á sua retirada dos «ruedos» há uns bons dez anos.

Aos 45 anos de idade, Luís Miguel continua a falar de cátedra nesta reaparição, superando-se de corrida em corrida, pois, se é certo que naquela em que inaugurou o seu regresso aos redondéis, em Las Palmas, não foi bem sucedido, não há duvida que nas seguintes tem demonstrado, tanto aos que acreditavam nele como aos que o achavam «velho», que a sua arte, o seu valor e o seu saber se mantêm integros.

Na realidade, Dominguin já lançou no horizonte tauromáquico uma interrogação: irá Luís Miguel destronar «El Cordobés», que, embora com actuações irregulares este ano, vai sendo o «diestro» que mais publico atrai ás praças?

Outro motivo de comentário para os aficionados é o escasso rendimento, artístico e económico, dos «mano-a-mano» entre António Ordoñez e Paco Camilo.

Ordoñez, desde a colhida que sofreu em Madrid, na Isidrada, não é o mesmo, mas Camilo também não está no seu melhor.

Volvendo as vistas para aqueles que vieram do outro lado do Atlantico, tem de afirmar-se que as revelações deste ano têm como principal protagonista o colombiano Jaime Gonzalez «El Puños», que deixou sem orelhas catorze dos dezasseis toiros que lidou.

«El Puños» participou até agora em 25 corridas, a maior parte nas principais feiras, sendo o triunfador máximo em quase todas elas, «e alternando com figuras que também contam», segundo salienta o seu «descobridor» e apoderado, Diego Martinez.

Os outros latino-americanos que têm colhido louros nesta temporada espanhola são Eloy Cavazos e Curro Rivera. Este conta 31 corridas com 48 orelhas para a pamóplia, avantajando-se a Cavazos proporcionalmente em troféus por ter obtido 27 em 16 tardes.

Dos outros matadores estrangeiros destacaram-se neste espaço de tempo o português José Falcão, com doze corridas, o mexicano António Lomelin, com dez, os colombianos Manolo Zuniga, Oscar Cruz e Enrique Trujillo, com oito, cinco e uma, respectivamente, e os venezuelanos Tomás Parra, Efrain e Curro Giron e José Narvaez, com sete, cinco, quatro e três corridas cada um.

Ainda uma referência a outros estrangeiros que aguardam a alternativa esta temporada — o português Ricardo Chibanga e os colombianos German Uruena e Pedrin Castaneda.

E, concluída a Feira de Málaga, com Miguel Marquez no alto da glorificação, vão começar as de San Sebastian, Gijon e Bilbau. Como todas as outras e desde sempre, serão o cenário de tardes triunfais para uns e de derrota para outros.

Um apontamento final: a Feira de Linares, no próximo dia 28, onde «Manolete» encontrou a morte, será inaugurada por «El Cordobés», Diego Puerta e Miguel Marquez.

PEREGRINAÇÕES A FÁTIMA

COIMBRA, 12 — Nestes dois ultimos dias, têm passado por esta cidade, em direcção ao santuário de Fátima, milhares de peregrinos, os quais visitaram a cidade e os monumentos, em especial a Universidade, onde o movimento foi verdadeiramente extraordinário.

HOJE, ÀS 22 HORAS

CAMPO PEQUENO

os toureiros do ano e toiros de verdade na Corrida da Imprensa

CONDE BATISTA PAQUIRRI FALCÃO

e os Forcados Amadores de Santarém com toiros de A. J. Teixeira

MELHOR NÃO HÁ!

JÁ VISITOU

A FEIRA DO ARTESANATO EM CASCAIS?

APROVEITE A OPORTUNIDADE

A Feira está aberta todos os dias, das 16 horas à 1 da madrugada e constitui um autêntico mostruário das virtudes e do engenho do povo português

PAVILHÕES DE ARTESANATO DO CONTINENTE, DAS ILHAS E DO ULTRAMAR

Restaurantes típicos com petiscos regionais

AMANHÃ, 6.ª-FEIRA, às 22 horas:

PASSAGEM DE MODELOS da Boutique ASTA de Cascais

com tecidos de Alcobaça

A Feira de Artesanato é uma realização da Junta de Turismo da Costa do Sol

Escola de Hotelaria e Turismo Alexandre d'Almeida

(Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira)

Av. António Augusto de Aguiar, 21-1.º
Telefone 4 66 06 — LISBOA-1

INSCRIÇÕES

(Abertas até 15 de Setembro para frequência dos Cursos de:

FORMAÇÃO e APERFEIÇOAMENTO

Recepção
Portaria
Cozinha-Pastelaria
Mesa e Bar
Economato
Gov. Andares
Escanções
Línguas (aperf.)

A Secretaria da Escola prestará todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17, e aos sábados das 9 às 12 h., as informações pormenorizadas e fornecerá boletins de inscrição.

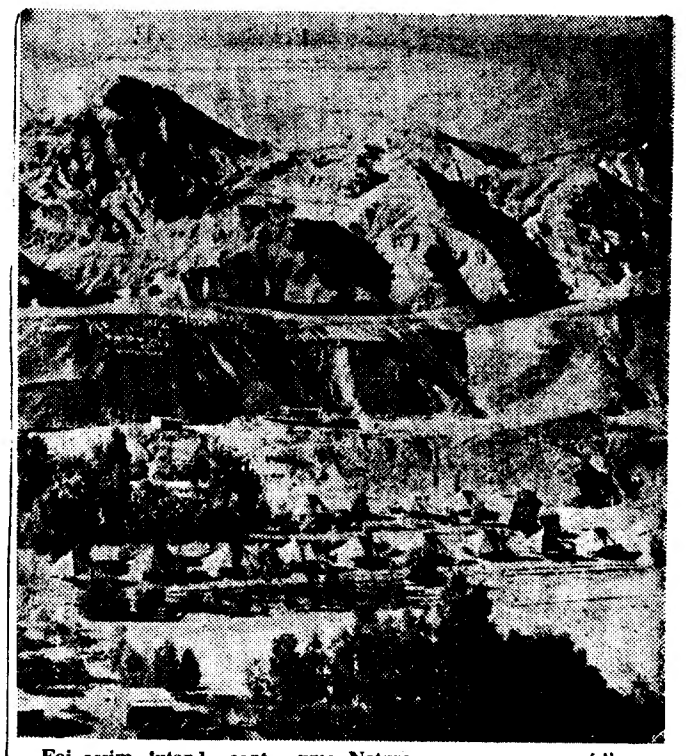
ISRAEL, TERRA DOS MILAGRES CIENTÍFICOS

I — UM ACTO DE FÉ

Terão eles descoberto um processo de dessalinizar a água do mar nitidamente mais barato do que os sistemas actuais? Terão eles construído mísseis capazes de atingir os países vizinhos? Construirão eles, em série, aviões derivados dos «Mirages» franceses?

Estas perguntas — e muitas outras — formulam-se a propósito dos investigadores e engenheiros de um país que, de há uns anos para cá, tem sido notícia, mas, a propósito do qual, feitas as contas, pouco se sabe: Israel. Não contando ainda trinta anos, dispondo de três milhões de habitantes — sem se incluírem as conquistas da Guerra dos Seis Dias — disperso por 22 000 quilómetros quadrados, o Estado judaico considera-se a terra dos milagres... Será de o incluir, ainda, na lista dos países em vias de desenvolvimento, ou tratar-se-á de uma nação moderna?

No decurso de uma viagem de estudo, que durou três semanas, Dominique Verguèse procurou elucidar a natureza e amplidão do desenvolvimento técnico e industrial daquele país. Sem pretender dar resposta a todas as perguntas que fossem surgindo durante uma tal análise, a série de artigos cuja publicação hoje iniciamos tentará apresentar as orientações e as dificuldades da investigação e da tecnologia israelitas.



Foi assim, lutando contra uma Natureza nem sempre pródiga, que começaram a surgir as cidades em Israel

Por DOMINIQUE VERGUÈSE

Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»

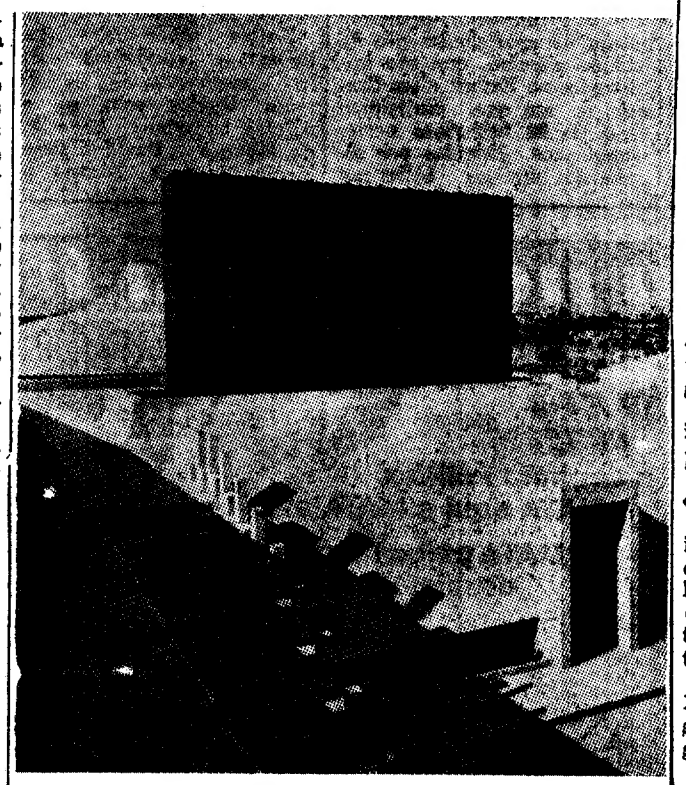
TEL-AVIVE — Para encontrar, ou reencontrar, a fé na ciência e na técnica, é a Israel que uma pessoa se deve dirigir. Na altura em que os Estados Unidos e os países industrializados da Europa se interrogam sobre a rentabilidade dos esforços que consentiram, nos últimos vinte anos, em favor da investigação e hesitam no seu prosseguimento no mesmo ritmo, Israel adopta a atitude inversa. Os dois objectivos — a sobrevivência e o desenvolvimento do país — que perseguem, com notável unanimidade, só englobarão todos os israelitas se se puder contar com a ciência e a técnica. É, pelo menos, o que acreditam, firmemente, os responsáveis, tanto nos ministérios como na Universidade e na indústria.

Israel tem algumas boas razões para se sentir optimista, neste ponto. Desde o nascimento do Estado judaico, o progresso do país assenta, em grande parte, no desenvolvimento da agricultura, a qual tem apelado, constante e sistemàticamente, para a investigação. A indústria, pelo contrário, tem-se desenvolvido a um ritmo bastante lento, mantendo-se, até há bem pouco, bastante tradicional. Conhecerá ela o mesmo êxito se recorrer a métodos análogos aos da agricultura?

O Governo espera que sim; e se alguns israelitas deixam transparecer que os resultados industriais já conseguidos têm mais a ver com o milagre do que com uma explicação racional, o certo é que outros, tal como este professor de Física da Universidade de Jerusalém, reconhecem que o milagre tem sólidas razões para se ter produzido.

Comparado com outros Estados tão jovens como ele, tanto em África como na Ásia, Israel dispõe de um grande trunfo: uma larga parcela da sua população, originária de países industrializados, não precisa de ser educada nem preparada.

Criaram-se embriões de universidades e institutos de investigação ainda mesmo antes do nascimento do Estado. O Instituto de Investigação Agrícola Vulcani foi fundado em 1921, o Technion em 1924, a Universidade de Jerusalém em 1925, o Instituto Weitzmann em 1934. O esforço de pesquisa fundamental, portanto, conta já com alguns decénios, estando hoje o País bem preparado para o acelerar e adaptar-se às exigências do moderno desenvolvimento.



O Santuário do Livro — base para muitos «milagres»

As despesas do Estado nos domínios da educação, aliás, têm aumentado, constantemente. Durante o ano de 1969-1970, 44 000 estudantes — o seu número aumentou de 30 % por ano, nestes últimos anos — dividiram-se pelos estabelecimentos de ensino superior, cabendo 15 300 à Universidade Hebraica de Jerusalém, 7150 ao Instituto de Tecnologia, ou Technion, de Haifa, 9920 á Universidade de Tel-Avive... Neste total incluem-se 13 000 estudantes que se consagram a disciplinas científicas (não se contando os que tiram cursos médicos ou agronómicos).

A imigração permanente de especialistas introduz, enfim, no País conhecimentos científicos e técnicos recentes, métodos modernos, ideias constantemente renovadas. Trata-se de um segundo trunfo, tão importante como o primeiro, de que não dispõem os demais jovens Estados. Em 1970, num total de 40 000 imigrantes, 15 a 20 % dispunham de um diploma universitário.

A esta imigração natural veio, recentemente, juntar-se uma outra: de há uns dois ou três anos para cá, as indústrias têm procurado «importar» engenheiros e técnicos, especialmente dos Estados Unidos, sobretudo se tais especialistas mostrarem vontade de se instalar, definitivamente, no País. Mas tal recrutamento nem sempre é fácil. Apesar do desemprego que se verifica nos Estados Unidos, os melhores especialistas americanos só muito raramente deixam de contar com trabalho, e os que se mostram inclinados a emigrar estão, bastante vezes, habituados a trabalhar em domínios muito avançados, com importantes meios financeiros. O que Israel nem sempre lhes pode oferecer.

Consciente do problema, o Governo empreendeu, em Março de 1971, atrair para Israel uns quinze eminentes cientistas estrangeiros, oferecendo-lhes condições de trabalho particularmente vantajosas: poderá cada um deles dispor de assistentes e de equipamentos com os quais o Governo está pronto a despender 100 000 dólares. Procuram-se, sobretudo, especialistas em sectores avançados — electrónica, óptica, biologia, estudos de materiais... Se a operação resultar, será, sem duvida, repetida.

A INVESTIGAÇÃO: MAIS DE 2 % DO PRODUTO NACIONAL BRUTO

Israel dispõe, hoje em dia, de cerca de 5000 investigadores ou engenheiros nos sectores civis de pesquisa, e, sem duvida, igual, se não maior, número no sector militar, contra apenas 2900 engenheiros ou técnicos «civis», em 1966-1967. Cerca de 1% do Produto Nacional Bruto — 150 milhões de libras israelitas, em 1969, e 180 milhões, em 1970 — é hoje consagrado ás despesas com a investigação e o desenvolvimento, isto é, uns 1500 milhões de escudos em 1970. Cerca de 20% provêm do estrangeiro — donativos, contratos —, dos quais 25 a 30 milhões de libras israelitas vindas dos Estados Unidos (205 a 245 milhões de escudos).

Os créditos para a investigação civil, que aumentaram de 76% em cinco anos, repartem-se por três grandes grupos de estabelecimentos:

1) As universidades e os institutos particulares, como, por exemplo, o Instituto Weitzmann, absorvem cerca de 60%;

2) Os institutos oficiais de investigação, dependentes dos diversos ministérios, partilham 25% daquelas verbas (Instituto Vulcani de Investigações Agronómicas, Instituto de Pesquisas Mineiras);

3) A indústria recebeu, em 1970, 14% das somas consagradas pelo Estado à investigação civil.

O Ministério da Defesa, que se recusa a dar qualquer informe sobre as actividades de investigação, possui vários laboratórios, espalhados pelo país, nomeadamente o «Weapons Development Authority» no Norte de Israel. O orçamento da investigação militar é, oficialmente, equivalente ao civil, mas deve, de facto, ultrapassá-lo, para atingir 1,3 a 1,5% do Produto Nacional Bruto.

Terá um país tão preocupado com a sua defesa, como é Israel, orientado todos os seus trabalhos de investigação e desenvolvimento apenas em função das necessidades militares? Na verdade, os esforços no campo da investigação civil nunca foram organizados. Outrora independentes sob o ponto de vista financeiro, graças a donativos de toda a espécie, e embora hoje o respectivo orçamento seja suportado, em 70%, pelo Estado, as universidades continuaram muito autónomas e ciosas de tal autonomia: as suas pesquisas foram sempre, por tradição, fundamentais. Salvo em medicina e agronomia, os institutos públicos, cujos trabalhos são, mais ou menos, orientados pelo Estado, que os financia, nem sempre são muito dinâmicos. Quanto à indústria, essa dedica-se pouco à investigação.

Israel não dispos, até agora, de ministério ou de plano de investigação. Uma flexível estrutura interministerial — o Conselho Nacional para a Investigação e o Desenvolvimento — é o único organismo a ter uma visão de conjunto do esforço de investigação civil e militar do país. Dependente do Primeiro-Ministro, aquele Conselho tenta, actualmente, definir uma política geral e propor objectivos, mas não dispõe de fundos importantes. Em tais condições, o papel dos seus vinte e quatro membros — um investigador universitário por cada ministério — não pode, pois, ser mais do que consultivo.

Há apenas três ou quatro anos, a tradição da investigação académica, livre de todo e qualquer constrangimento, era tão forte nas universidades e institutos particulares

(Continua na 6.ª página)

UM CONCEITO NOVO NO ESPAÇO ECONÓMICO

AUGUSTINE REIS & CIA. BANQUEIROS

PUBLIMPAR

NOVO CASINO ESTORIL

HOJE, EM ESTREIA

SALA DE JOGOS

TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

SLOT MACHINES

ACESSO LIVRE MAIORES 21 ANOS

SHEELA MUNRO

vedeta da canção e da TV inglesa

MICHEL DE LA VEGA

ILUSÃO E LEVITAÇÃO

LIDIA RIBEIRO

BLUEBELL GIRLS' SHOW

Shegundo Galarza e seu Conjunto

Jirina's Combo

Ferrer Trindade e sua Orquestra

VIRGINIE ELYSÉES

SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.

Grupo C/Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR Á 1,0H.

maiores de 21 anos

TEATRO GIL VICENTE

CASCAIS TEL. 280919

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

IVONE princesa de Borgonha

de WITOLD GOMBROWICZ

HOJE E TODAS AS NOITES ÀS 22 HORAS

Patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol

Subsídios: Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian

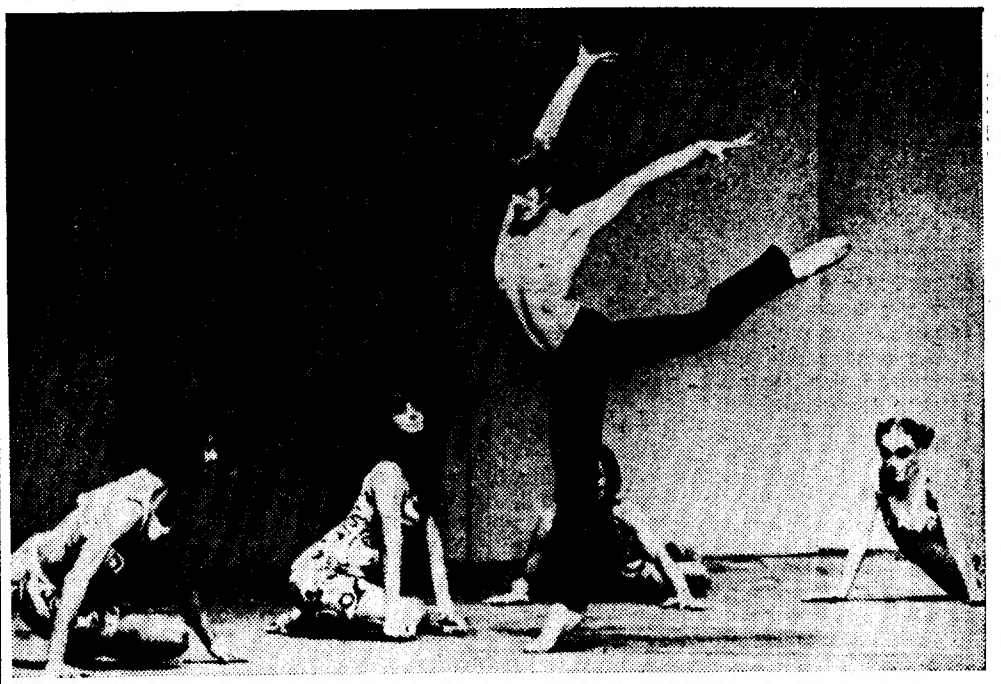
M/18

PASSAPORTES

WASTEELS EXPRESSO

Av. António Augusto de Aguiar, 88 C — Lisboa — Tel. 42185

Rua Caminhos de Ferro, n.º 62 C — Lisboa — Tel. 868588



O bailarino Voitek Lowsky, que se deslocou propositadamente a Portugal para participar no I Verão Internacional de Bailado

I VERÃO INTERNACIONAL DE BAILADO EM SINTRA, LISBOA E PORTO

Está a decorrer em Portugal o I Verão Internacional de Bailado, promovido pela Academia de Artes da Costa do Sol. O programa consiste em cursos de aperfeiçoamento de bailado clássico, que são ministrados no Estoril e em Cascais, e em que participam cerca de 60 bailarinos norte-americanos, dirigidos por alguns dos maiores bailarinos do mundo; e numa série de espectáculos a efectuar em Sintra, Lisboa e Porto.

Nestes espectáculos participa o «Andahazy Ballet», representando os Estados Unidos com os seguintes bailarinos: Anne Marie Holmes, David Holmes, Menia Martinez, Dianna Richards, Helen Starr, Keith Martin, Voitek Lowsky, o português Jorge Salavisa, Barry Magrath, Lorenzo Monreal, etc.

Os espectáculos a preços populares, realizar-se-ão em Sintra, a 16 e 18, em Lisboa a 19, 20 e 21 e no Porto a 22 e 23.

uma nova Mata-Hari?

muito mais perigosa...

a senhora Pollifax MATA aqui e MATA ali...

MATA pulgas e mosquitos, de mistura com espiões.

MATA de frente e de costas e até a fazer o "pino"...

MATA toda a bicharia, MATA em nome de...

C.I.A.!

Rosalind Russell

a incrível AVENTURA

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK

HOJE ÀS 21,30

A MAIS «INCRÍVEL» ESTREIA DO ANO!

United Artists

COLORIDO "Mrs. Pollifax-Spy" GRUPO B 10 ANOS

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido. Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

ATRIVM

PARA VOS SERVIR

Complexo de RESTAURANTES

Em plena Baixa. Na rua de S. Julião

SELF-SERVICE

CAFETERIA

RESTAURANTE DE LUXO-GRILL ROOM

e na rua da Prata, MINI-SNACK

Único no género no nosso País. Equipamento ultra-moderno

Facilidade de parqueamento a partir das 20 horas

A FEIRA POPULAR DE LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»

SEMPRE ANIMADÍSSIMA

É A FESTA N.º 1 DA CIDADE DE LISBOA

Ali há de tudo: Restaurantes, Esplanadas, Cafés, Cervejarias, Confeitarias, Vinhos de todas as regiões, Sorteios, etc.

PAVILHÕES E «STANDS» DE EXPOSIÇÕES

TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE

ABERTURA ÀS 19 HORAS

CONCURSO INTERNACIONAL PARA VIOLONCELISTAS

O prestígio da Costa do Sol como centro de cultura musical constitui, sem dúvida, um dos factores mais significativos daquela zona do turismo português. Além dos Cursos Musicais Internacionais de Férias, os Concursos Internacionais, também promovidos pela Junta de Turismo da Costa do Sol, atraem numerosos artistas estrangeiros ao nosso País. Este ano, a par dos X Cursos Internacionais, que começam no dia 23, realiza-se o III Concurso Internacional Maurice Eisenberg, para violoncelistas (1 a 7 de Setembro).

Os prémios são bastante atraentes: vinte mil escudos para o 1.º prémio; quinze mil para o segundo; e dez mil para o terceiro. A Pro-Arte instituiu, como nos anos anteriores, um prémio de cinco mil escudos para o artista português melhor classificado no concurso.

O regulamento e quaisquer outras informações podem ser solicitados á Secretaria da Junta de Turismo da Costa do Sol (Arcadas do Parque-Estoril), ou pelo telefone 260113.

UMA ROSA PARA TODOS

Título original: «A Rose for Everyone» ou Una Rosa por Tutti.
Realização: Franco Rosi, 1967 (Itália);
Intérpretes: Claudia Cardinale, Nino Manfredi, Mario Adolf, Akim Tamiroff, Lando Buzzanca, etc.
Distribuição: Columbia Filmes.
Estreia: cinema Monumental (10-8-1971).

Franco Rosi assinara duas películas que recordamos com grande apreço: «Um Italiano na América» (Smog) e «Os Dias Contados». Depois entreteve-se a fabricar cinema comestível, intercalando comédias digeríveis com obras em episódios. Franco Rosi surge-nos presentemente com «Uma Rosa para Todos», filme datado de 1967 (e só agora estreado entre nós). Trata-se de mais uma comédia, relativamente idiota, muito medíocre, fazendo a mistura achada ideal entre folclore brasileiro + situações picarescas + sátira + erotismo e que tem como consequência uma salgalhada indesculpável, onde nem mesmo Claudia Cardinalle se consegue salvar. Rosa e os seus amantes, Rosa e o seu doutor acobardado, Rosa e os meninos, Rosa a cavalo, Rosa de toda a maneira não chega para evitar o malogro. Que chega, invernoso e fustigante. Onde está o Franco Rosi de «Os Dias Contados»? — L. A.

Premiado em França

COIMBRA, 12 — No Festival das Artes de Vaison-la-Romaine, de Carpentras (França), festival de cinema amador, foi premiado o filme de 8 m/m do amador José Madeira, do Clube dos Cineastas Amadores de Coimbra, com o filme «Arroz Negro». Conquistou o «Cuco de Ouro» e fez subir no mastro de honra a bandeira de Portugal.

FEIRA INTERNACIONAL DE ARTIGOS DOMÉSTICOS E FERRAGENS

COM EXPOSIÇÃO ESPECIALIZADA EM ARTIGOS PARA JARDINS

COLÓNIA

5 a 7 de Setembro 1971

CERCA DE 1200 EXPOSITORES DE 29 PAÍSES APRESENTAM A SUA OFERTA PARA OS SEGUINTES SECTORES:

aparelhos de cozinha e uso doméstico, inclusive artigos em matérias sintéticas e aparelhos eléctricos,
talheres, utensílios de mesa, vidro, porcelanas, cerâmica, artigos para presentes,
artigos para o artífice caseiro, artigos para automóveis,
utensílios, equipamento e acessórios para jardins.

INFORMAÇÕES:
CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA LUSO-ALEMÃ
Av. Elias Garcia, 123, 4.º — Lisboa-1
Telefones: 77 25 87 / 77 81 68 — Telegramas: COMALEM

VII VOLTA A S. MIGUEL

Reportagem de NUNO COUTINHO, enviado especial

motor

SAIU HOJE

NESTE NÚMERO:

- Lisboa de novo na rota do «Monte Carlo»
- Rallye Internacional da Beira (DINIZ ROSAS)
- As 6 Horas de Nova Lisboa
- Pinhol em 9.º lugar na Grã-Bretanha
- Técnica e Psicologia dos Break (PHILIPPE TOUSSAINT)
- Os mecânicos em Nurburgring
- Novo regulamento de segurança na Fórmula 1
- Página de Karting (HERLÂNDER GARCIA)
- Noticiário e as habituais secções

EM SUPLEMENTO ESPECIAL:

Tudo (ou quase...) sobre a Rampa da Sr.ª da Graça

PREÇO: 2$50

SE AINDA NÃO VIU A

eva

DE AGOSTO

NÃO DEIXE DE A COMPRAR E LER, ENTRE OUTRAS COISAS:

- **A «Brasileira» Museu do Chiado,** com a reprodução a cores de todos os quadros ali expostos
- **À espera de «S. Ex.ª»,** sensacionais entrevistas com STTAU MONTEIRO e IGREJAS CAEIRO
- **Shakespeare era um escritor sexy**
- **O problema das relações pais-adolescentes**
- **As mil faces da mulher**

E MUITOS OUTROS ASSUNTOS DE EXTRAORDINÁRIO INTERESSE.

UM MAGAZINE SENSACIONAL

UM CARRO NOVO EM TROCA DO SEU SEM GASTAR UM CENTAVO

20 DIAS

para tentar a possibilidade de trocar o seu carro por outro, novinho em folha, sem gastar um centavo!

Basta dirigir-se a um dos salões de Vendas Automóveis abaixo indicados e inscrever-se até 20 de Agosto.

AUTO INDUSTRIAL, S.A.R.L.
(Av. Duque de Loulé, 93 - Lisboa)

ou na

MARTICAR, S.A.R.L.
(R. Almirante Barroso, 9-A - Lisboa)

UMA BELA OCASIÃO EM 20 DIAS DE VERÃO!
Sorteio a realizar em 31 de Agosto de 1971

M/6 anos — Grupo A

Coruche

(Capital do Sorraia)

FESTAS EM HONRA DE NOSSA SENHORA DO CASTELO, EM 1971

2 grandiosas corridas de toiros nos dias 16 e 17 de Agosto
TOIROS das acreditadas ganaderias do dr. António Silva, de Coruche, Conde de Cabral, Herd.ºs, e Irmãos Veigas, da Golegã

CAVALEIROS
J. Mestre Baptista, José B. Núncio e Luís M. da Veiga

ESPADAS
Armando Soares, José Simões e Ricardo Chibanga (já matador de touros)

FORCADOS
Amadores do Ribatejo e Amadores de Coruche

CHUVA ATÉ AO DIA 25

Segundo o Boletim Meteorológico para a Agricultura, é esta a antevisão das condições meteorológicas médias no Continente até ao dia 25: Céu por vezes muito nublado nas regiões a norte do Tejo e geralmente pouco nublado ou limpo a sul do mesmo rio; períodos de chuva fraca ou de chuvisco nas regiões a norte do sistema Lousã-Estrela nos primeiros dias do período e possibilidade de aguaceiros com trovoadas isoladas nas regiões do interior a partir do dia 17; vento fraco ou moderado do quadrante Norte, por vezes com regime de nortada no litoral oeste, a sul do cabo Carvoeiro; temperatura média do ar geralmente próxima dos valores normais da época.

ISRAEL, TERRA DOS MILAGRES CIENTÍFICOS

(Continuação da 3.ª página)

que a pesquisa aplicada — salvo a agronómica — era considerada como uma tarefa sem nobreza, na qual era quase indigno participar. Demonstrava-se um certo desprezo para com os institutos governamentais, que se pagavam da mesma moeda. Mesmo hoje, ainda é raro ver um estabelecimento de ensino superior, como o Technion, despender 32,5 milhões de escudos para construir uma fábrica-piloto de dessalinização da água do mar, em que se suprimiram os tubos e membranas habituais.

Esta situação, evidentemente, não favorece os contactos entre a Universidade — que nem sempre tem muito para oferecer — e a indústria — que ainda não compreendeu o interesse de se dedicar à investigação, cujo nível tecnológico deixa muito a desejar e que está, portanto, mal preparada para tirar partido dos trabalhos universitários, que lhe poderiam ser úteis. De facto, é quase sempre a Universidade que vai até à indústria. No Technion, a equipa de química de Mme. Schmuckler descobriu, por exemplo, um tipo de resina (de pequenos grãos amarelados) capaz de separar ínfimas quantidades de metais raros — ouro, platina, ósmio, irídio — dissolvidos numa solução ácida, mesmo em presença de outros metais. Uma fábrica-piloto está a produzir esta resina, em Haifa.

ESTIMULAR A INVESTIGAÇÃO APLICADA

O Governo procura, naturalmente, provocar um movimento de interesse pela investigação aplicada, sobretudo de há dois ou três anos para cá. Surgiu-lhe, recentemente, uma oportunidade. Dos 20% do orçamento para a investigação civil, financiados pelo estrangeiro, a maior parte vem, todos os anos, dos Estados Unidos — cerca de 280 milhões de escudos — graças a um acordo conhecido pelo nome de «public law 480»: os excedentes alimentares americanos são pagos por Israel em moeda local e esse dinheiro é, exclusivamente, consagrado pelas diversas agências americanas a financiar as investigações nas universidades israelitas. Mas tais fundos acabarão em 1972...

Substituindo-se, em grande parte, àquele auxílio americano, o Governo vai tentar estimular a investigação aplicada nas universidades, recorrendo a dois meios: aumentará o orçamento da investigação aplicada — 10% por ano — mais ràpidamente do que o da investigação fundamental — 5% por ano; concederá importantes bolsas — 6 500 000$00 por ano — a estudantes que apresentem teses sobre assuntos de investigação aplicada. Tomando nota desta evolução, as universidades criam novos departamentos — matemáticas aplicadas, informática — na procura de novas fontes de financiamento para os seus projectos científicos (como o telescópio com 1 m de diâmetro, comprado aos Estados Unidos, graças a um donativo, e que será instalado no Negueve, por um custo total de 11 milhões de escudos).

Na indústria, o Governo persegue o mesmo objectivo, tomando à sua conta metade das despesas ocasionadas pelos trabalhos que lhe interessam — investigações sobre membranas levadas a cabo por duas firmas, Tal Baruch e Hydronautics, fabrico de calculadores pela Elbit, de circuitos electrónicos pela Tediran... — suportando as indústrias a outra metade. Os fundos públicos destinados à investigação industrial foram multiplicados por vinte, passando de 4 275 000$00, em 1966-1967, para 82 500 000$00, em 1970-1971. No total, o ano passado foram despendidos 165 milhões de escudos em investigações relativas a mais de uma centena de projectos. Para obter auxílio do Estado, o industrial apenas tem de propor uma investigação que interesse ao país, ou que leve a um produto nele fabricado. O Governo, aliás, parece contar mais com a indústria do que com os institutos públicos, para desenvolver a investigação aplicada.

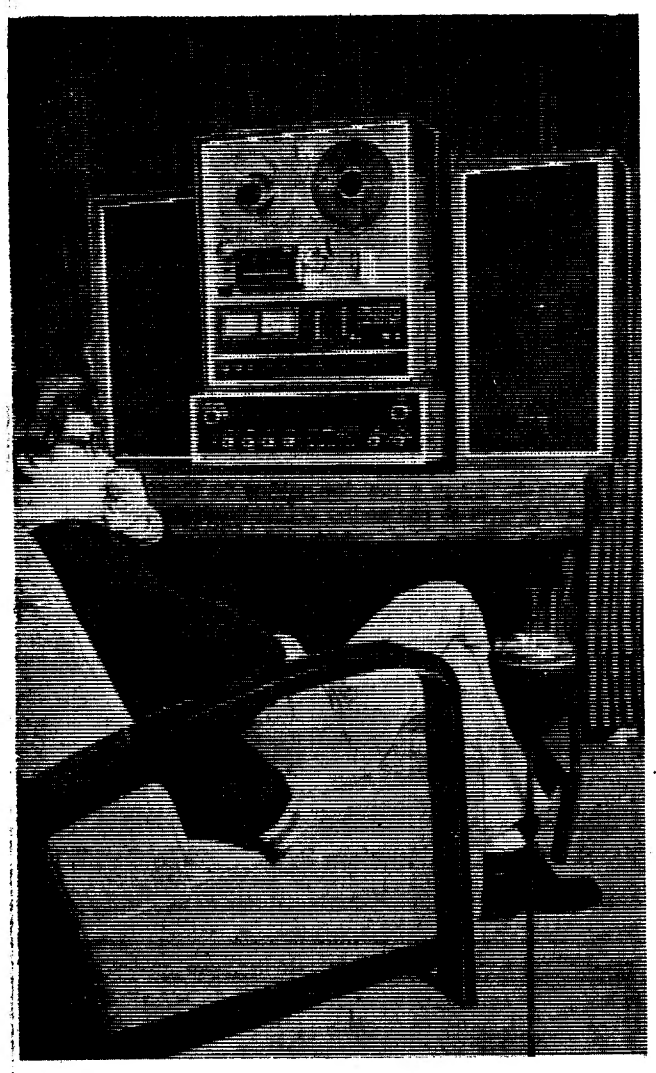
AS «SCIENCE-BASED INDUSTRIES»

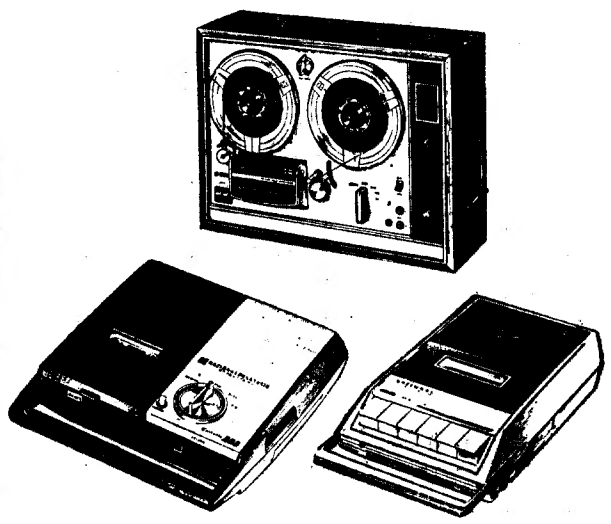
Esta reorientação nos esforços de pesquisa já teve repercussões nos intitutos particulares. O professor A. Sabin, que é, há ano e meio, o novo presidente do Instituto Weitzmann (esteve antes na Universidade de Cincinnati), procura, hoje em dia, desenvolver a investigação aplicada, sem, no entanto, com isso prejudicar a fundamental. Mas, é preciso notar, «em 99% dos casos, as aplicações práticas possíveis em que pensam os investigadores não têm interesse para a indústria, porque aqueles não conhecem as necessidades desta. É á industria, em cooperação com os economistas, que compete definir as necessidades da sociedade e da Nação, e «orientar a investigação». Assim, o professor Sabin criou doze comissões, constituídas por industriais, economistas e investigadores, comissões essas que se esforçam por promover os produtos susceptíveis de serem fabricados e exportados, em colaboração com firmas estrangeiras, se for necessário.

Esta posição parece ser a melhor, se considerarmos os resultados muito variáveis das experiências tentadas, nos últimos anos, pelas universidades e baseadas numa atitude contrária... Em 1959, o Instituto Weitzmann estabeleceu, assim, uma empresa Yeda Research and Development Co., encarregada de interessar a indústria nos trabalhos do Instituto e de dar a conhecer aos investigadores as necessidades industriais. A Yeda devia, sobretudo, promover a instalação — no «campus» ou suas proximidades — de novas indústrias, as «science-based industries», que comercializariam os produtos resultantes das experiências laboratoriais. Em 1964, a Universidade de Jerusalém criou uma sociedade similiar, Yassum Research and Development Co., encarregada de obter as patentes resultantes das descobertas laboratoriais, de negociar contratos de pesquisa entre os laboratórios e a indústria ou o Governo. Mas a Yassum começou por financiar a construção de fábricas-piloto, na Universidade, fábricas essas que se encontram, hoje, fechadas. Actualmente, pede a opinião da indústria antes de se lançar em qualquer empreendimento. Um dos seus êxitos foi ter conseguido participar com 40% dos capitais na firma Ames Yssum, filial de uma empresa americana, que fabrica produtos que auxiliam a estabelecer um diagnóstico.

A maior parte das «science-based industries» instaladas nos parques industriais estabelecidos junto das universidades e do Instituto Weitzmann não tem mais do que uns anos de existência e emprega umas cinquenta pessoas. Outras ainda foram criadas graças à iniciativa de antigos professores ou engenheiros. São quase todas filiais de firmas americanas, o que as auxilia a vender os seus produtos ao estrangeiro, e são, substancialmente, ajudadas pelo Estado nas suas investigações. Existem, no total, umas quarenta, e o respectivo êxito parece muito variável. No entanto, algumas delas progrediram rápidamente, ao fabricarem, quer produtos civis, quer equipamento militar.

conhece realmente o meu gravador?





Se conhece o meu gravador NATIONAL, o portátil ou o de mesa, pois óptimo!

Está portanto, tão contente como nós e confiante de ter feito uma boa escolha; Melhor, pode confirmar como nós, as vantagens da técnica avançada dos nossos gravadores e da excelente qualidade dos produtos NATIONAL.

Não conhece? Pois pode ter a certeza de que, entre os vários modelos que constituem a completa gama de gravadores NATIONAL há, sem dúvida, pelo menos mais do que um, que corresponde àquilo que V. entende por um «BOM GRAVADOR».

É exigente? Também nós!... daí a razão da nossa preferência.

NATIONAL

sonipol • LISBOA – PORTO

CANAL DA CRÍTICA

POR MÁRIO CASTRIM

CUMPRIMENTOS À FAMÍLIA

Soames acaba de entregar a alma ao creador, dádiva a que todos os proprietários, mesmo os mais avarentos, mesmo os mais possessivos, são obrigados, e isso é que os dana que eu sei lá. Com a morte de Soames num sorriso mal adivinhado, num halo de felicidade e de amor dos telespectadores (ele, um traste, um pirata, alvo, há cerca de quatro meses, de rancor desses mesmos telespectadores...) com a morte de Soames desaparece um dos vultos mais eminentes da nossa terra (oh! oh! fa lançado, desculpem) desapareceu um dos folhetins mais populares deste país. Digo ainda: desapareceu um dos momentos mais importantes da Televisão portuguesa.

Certo, a Televisão portuguesa não participou no fabrico de nenhum dos 26 episódios — mas transmitiu-os. Deu luz verde — e deu grande machadada no conceito para os programas menores de 12 anos. Catástrofe nenhuma não houve — e não haverá. Os menores de 12 anos têm mais em que pensar. (Não, não esqueço as torcidelas na legendação. Algumas cómicas. Particularmente na primeira parte, a caça á palavra chegou a assumir aspectos de ferocidade puritana. A demonstrar que, afinal de contas, e ao contrário do que pretendia o filósofo, vale mais uma palavra do que cem mil imagens).

Pois se festejarmos a luz verde, não esquecemos quanto a Televisão portuguesa desperdiçou a oportunidade de tornar o folhetim mais inteligível a, nosso publico. A «Família Forsyte» é um romance que atravessa várias épocas da vida inglesa e da vida internacional. Se algumas delas são acessíveis ao conhecimento generalizado (está nesse caso a guerra de 1914 18) outras estão muito longe da experiência do publico português. Certos acontecimentos ou noções precisavam de um acordar da memória ou de uma activação de interesses. O esforço da Televisão portuguesa em tal aspecto, marcou pela quase total ausência.

O puritanismo vitoriano, a guerra dos «Boers», a maré do trabalhismo, o «foggarcismo», o sufragismo, etc., etc., exigiam esclarecimentos, através de palavras simples que iriam enriquecer, que iriam, até, justificar esta «Família Forsyte», muito longe, de ser o romance sentimental e fácil que os ultimos episódios aparentemente mostravam.

Sabe-se como Galsworthy teve dificuldade em separar-se dos seus títeres forsaiticos. O mesmo acontecerá decerto ao publico português. Proponho um jogo: arquitectamos nós um novo romance para Kit, o neto de Soames, e para o filho de Jon que vai nascer. Será um romance talvez mais apaixonante ainda: a guerra-fria, ar bomba de Hiroxima, o Terror — e novamente a esperança da vitória sobre o Grande Medo, com pequenos (e grandes!) nucleos de desespero, de tristeza de sangue...

Quem quer ser Galsworthy?

●

E AGORA, COMO É?

São onze e meia da noite. No quarto onde escrevo, com janelas para o largo provinciano, ouvem-se os passos no empedrado irregular. Chego á janela. Grupos compactos que regressam a casa, depois de assistirem no café da terra ou nas casas das vizinhas, á morte consoladinha do Soames. Pessoas que tinham, até agora, um destino para as suas quartas-feiras...

E de hoje em diante? Como vai ser? Como serão as quartas-feiras sem as forsaites e sem a excelência do trabalho de actores, realizador, adaptadores, etc.?

Ora como será... Está visto que regressamos á aldrabice pistoleira dos departamentos esses e erres, á mentira da evasão ianque, á lavagem ao cérebro dos delírios da fantasia nas suas cabriolices no vácuo.

Está visto que regressamos. Mas não se poderá nunca mais dizer que é disso que o publico gosta, que o «povinho» o que quer, é coboiada. A «Família Forsyte» teve, além de outros, o mérito de provar que não é assim.

Onze e meia da noite. Os passos no largo, no largo pequeno, quase cenário teatral. Som que está na minhainfância: passos das vizinhas e familiares que regressavam, em grupos, das novenas. Restará alguma dúvida a alguém de como a Televisão concorre para a transformação dos costumes?

●

COM A PRATA DA CASA

A popularidade da «Família Forsyte» verifica-se no fenómeno da publicidade. Esta, no seu afã (que é o seu destino...) de se procurar a mais vasta recenção, não desperdiça nenhumas oportunidades de papinha

(Continua na página seguinte)

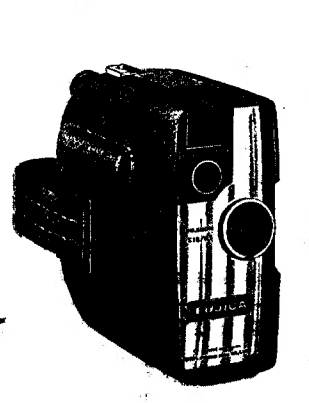
Agora, do Japão, mais uma novidade...

FUJICA

a nova câmara de filmar de carregamento instantâneo

Single-8 C100

PARA AQUELES QUE GOSTAM DE SE MOVER LIVREMENTE.



A CÂMARA DE FILMAR LEVE, COMPACTA, DE TAMANHO REDUZIDO E QUE SE maneja com uma só mão.

AS FAMOSAS CÂMARAS DE FILMAR FUJICA SÃO COMPLETAMENTE AUTOMÁTICAS E TORNAM O CINEMA MAIS FÁCIL DO QUE A FOTOGRAFIA.

REPRESENTANTE GERAL PARA PORTUGAL:

HITZEMANN & CA. LDA.

PORTO — R. SÁ DA BANDEIRA, 520/526 — TELS. 22135/6 e 26301

LISBOA — R. DE FILIPE FOLQUE, 2 C E D — TELEFS. 53786/9

Rádio

EMISSORA — 1.º programa metropolitano — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da juventude; 17 e 30: «Falua», programa para adolescentes por Ana Maria; 18 e 05: O convidado de hoje: Andy Williams; 18 e 20: Espectáculo: Teatro por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Musica popular portuguesa; 19: Cartaz dos espectáculos; 19 e 10: Selecção da opereta: «Uma noite em Veneza», de Johann Strauss; 20: Diário sonoro; 20 e 20: O conjunto: «The Beatles»; 20 e 30: 21.º episódio do folhetim: «Mathias Sandorf»; 20 e 50: Melodias; 21: Momento 71; 21 e 20: Musica só musica; 21 e 50: Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10: Guitarradas pelo conjunto de Jorge Fontes; 22 e 30: Ritmos de todo o mundo; 23 e 05: Musica latino-americana; 24: Fecho

2.º Programa metropolitano — Às 16: Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão; 18: Musica portuguesa; 19: O canto e os seus intérpretes por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro; 21: Árias de óperas de Mussorgsky pelo baixo Kim Borg; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Musica sinfónica — Dois rondos de Mozart; 22: História do teatro português, pelo dr. Duarte Ivo Cruz «António Ribeiro Chiado»; 22 e 48: Três peças op 49 (Rousel) — Piano: Françoise Petit; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

Programa estereofónico — MF 2 — Às 21: Instrumentistas; 21 e 20: Conjuntos; 21 e 50: Musica portuguesa; 22: Musica de camara; 22 e 48: Canções pelo barítono Dietrich Fischer-Dieskau Eine Leichenphantasie, D. 7 (Schubert); 23 e 10: O pianista Friedrich Gulda; 23 e 50: Musica de camara; 0 e 10: Musica sinfónica; 1: Fecho.

RÁDIO CLUB — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57. O nosso programa; 19 e 04: Vértice; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Rabbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Quando telefone toca; 23 e 04: Clube da juventude.

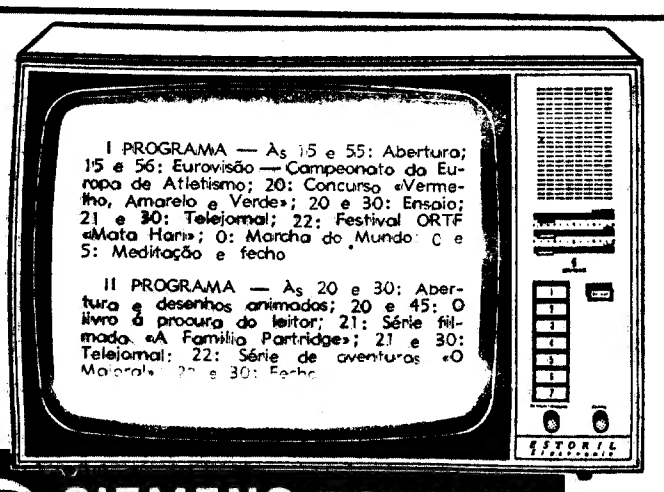
RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Acerte connosco; 18 e 20: Boletim litúrgico; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim da S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário — No final — continuação do programa «Página um»; 20 e 58: Meditando; 21: Carrilhão — O 4.º mundo; 21 e 16: Jazz Roland Kirk e outros; 22: Musica seleccionada; 22 e 15: Transmissão das cerimónias religiosas de Fátima e Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 15: Noticiário regional e boletim de filmes e religioso; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas, boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Carrilhão — Quarto Mundo; 21 e 15: Musica portuguesa; 22: Orquestras ligeiras; 22 e 15: Transmissão das cerimónias religiosas de Fátima e Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30 **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2. **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

TV dia a dia

HOJE PODE VER..



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER..

I PROGRAMA — 1.º período — Às 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série — «Uma Mãe para Eddie»; 13 e 45: Telejornal; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo à noite; 14 e 20: Fecho. **2.º período** — Às 15 e 55: Abertura; 15 e 56: Eurovisão — Campeonato da Europa de Atletismo. Transmissão directa de Helsínquia; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Filme infantil — «Os Poucetofes»; 20: Cartaz TV; 20 e 25: Em foco: Entrevista com os astronautas da Apolo-14; 21: Série comédia — «Casei com uma Feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de cinema — «O Grande Elias»; 23 e 55: Marcha do Mundo; 0 e 5: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Desenhos Animados; 20 e 40: Minidecoração; 21: Filme de série «Uma Mãe para Eddie»; 21 e 30: Telejornal; 22: Eurovisão — Taça da Europa de Cantores de Knokke Le Zoute — Final. Com a participação dos seguintes artistas: Raquel, Margaluz e Franciska, pela Espanha; Mihaela Mihai, Eurelian Andreescu e Aura Urziceanu, pela Roménia; Bobby Sansom, Susan Maughan e Robert Young, pela Inglaterra; Pascale Concorde, Jean-Pierre Savelli e Danielle Licari, jela França; e 23 e 50: Fecho.

CORPORAÇÃO DO CRÉDITO E SEGUROS

Sob a presidência do dr. Arnaldo Pinheiros Torres, reuniu-se a direcção da Corporação do Crédito e Seguros, estando presentes os srs. Gilberto Inocêncio Miranda Cardoso e dr. João António de Morais Leitão.

A direcção tomou conhecimento do ofício do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa, no qual o mesmo tomava a iniciativa da arbitragem no processo de revisão contratual do Contrato Colectivo de Trabalho dos Empregados das Casas de Câmbios, e fazia a indicação do seu árbitro; e da matéria respeitante à legislação de acidentes de trabalho e doenças profissionais.

A direcção procedeu, também, à designação de um representante das entidades patronais para a Comissão Coordenadora do Serviço Social Corporativo e do Trabalho. E igualmente tomou conhecimento de que a seu pedido, o sr Gilberto Inocêncio Miranda Cardoso não tomava posse do cargo de representante da Corporação na Comissão Especializada sobre Reabilitação Profissional, para que fora escolhido sendo chamado à efectividade o membro suplente sr. dr. João António de Morais Leitão.

MATERNIDADE ALFREDO DA COSTA

O sr. dr. Jorge Manuel Neves Brás, director do serviço de ginecologia do quadro da Maternidade do Dr. Alfredo da Costa foi nomeado director da mesma maternidade.

Em três linhas

Foi reforçada em esc. 50 000 000$00 uma verba inscrita na tabela de despesa do orçamento privativo das forças terrestres ultramarinas em vigor no ano corrente na província de Angola.

///

Um decreto, pela Presidência do Conselho e pelo Ministério do Ultramar estabelece a concessão de pensões de invalidez ou de preço de sangue a civis que colaborem, a título eventual, com as forças militares em operações no Ultramar.

///

Serão postos em circulação na província de Angola selos postais de 2$50 comemorativos da V. Conferência Regional de África da Mecânica dos Solos e Engenharia de Fundações

///

É criada uma escola do ensino primário elementar masculina, com dois lugares docentes, no núcleo escolar da sede do concelho de Coimbra, sendo-lhe atribuído o n.º 25.

///

O sr. dr. Francisco da Silva Cristóvão foi nomeado, pelo período inicial de um ano segundo conservador dos palácios e monumentos nacionais.

///

Podem os interessados requerer a sua transferência para a tesouraria da Fazenda Pública no concelho da Calheta (Funchal) (3.ª classe).

///

O sr. coronel Fernando Homem da Costa foi nomeado presidente da Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira.

///

O sr. dr. José Alberto de Lencastre Cabral foi exonerado, a seu pedido e com público louvor do cargo de vogal da Comissão Reguladora das Moagens de Ramas.

///

Na Junta Autónoma de Estradas está aberto concurso para arrematação da empreitada de construção da estrada nacional n.º 219 entre Campo de Víboras e Algoso. Preço base do concurso: 7 957 380$00.

///

Foi cancelado o alvará n.º 562, referente ao paiol permanente da Companhia das Minas de Ouro de Penedono, S. A. R. L., sito no lugar de Santo António, freguesia de Granja, concelho de Penedono, distrito de Viseu.

///

O sr. dr. João Manuel Chagas Rocha Santos, professor efectivo da Escola Industrial e Comercial de Alfredo da Silva, no Barreiro, foi nomeado director da Escola Industrial e Comercial do Montijo.

///

A Brigada de Trânsito da G. N. R. encontrou na estrada nacional uma mala preta com bolsa lateral, fechada, que se presume conter roupa e também, no troço Coimbra - Condeixa - a - Nova, uma caixa de cartão com diversos artigos de vestuário.

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Sob a presidência do corregedor Bernardino de Sousa, efectuou-se ontem, no 1.º Juízo Criminal da Boa Hora, a 168.ª sessão do julgamento do caso da herança Sommer.

Antes de abrir a audiência, o presidente do colectivo ditou um despacho relativo ao requerimento apresentado, na véspera, pelo dr. Manuel João da Palma Carlos, patrono do réu revel, sr. António Champalimaud, respeitante á posição do advogado dr. Jorge Ferreira Pinto Basto que, apresentado igualmente pela defesa, se escusou a depor, conforme foi referido, alegando deveres de segredo profissional. Nesse despacho, determinou o tribunal, indeferindo o requerimento do dr. Palma Carlos, que o dr. Pinto Basto não poderia ser ouvido, nem como testemunha, nem como declarante, com a alegação de que os factos evocados para fundamentar o impetrado «mostram em si mesmos que só poderiam ter vindo ao conhecimento da testemunha através da sua actividade profissional, não devendo por isso ser revelados sem violação do respectivo sigilo»

Em seguida, iniciou-se o interrogatório da testemunha de defesa dr. Manuel Marques Baganha, professor contratado de Contabilidade Aplicada da Faculdade de Economia do Porto, autor de um parecer sobre matéria relacionada com as acções pendentes nos tribunais cíveis.

Interrogado pelo dr. Palma Carlos, o dr. Marques Baganha confirmou e deu como reproduzido o seu mencionado parecer, reiterando também, em face de documentos que, apensos aos autos, lhe foram exibidos, que D. Maria Luísa Sommer recebeu de dividendos, por acções da Empresa de Cimentos de Leiria, a quantia de 11 531$80, respeitante ao ano de 1943.

Respondendo á pergunta seguinte, confirmou uma declaração anterior no sentido de terem sido restituídas integralmente a D. Maria Luísa, as mil acções incluídas no lote e dez mil que tinham caucionado um empréstimo contraído por Montês Champalimaud, Lda., em Maio de 1944, no Crédit Franco-Portugais, acrescentando, quando lhe foi chamada a atenção para o facto de as acções restituídas não serem, dada a respectiva numeração, as anteriormente emprestadas: «— *Mantenho o meu parecer, pois o numero das acções restituídas foi igual ao das acções emprestadas, embora a restituição se tivesse operado em títulos de uma emissão posterior á daquelas que serviram para caucionar o empréstimo. Considero perfeitamente admissível a prática que assim foi adoptada quando da restituição das acções a D. Maria Luísa, visto que os direitos conferidos pelos títulos não dependem da particular numeração destes. Desejo deixar esclarecido que, ao usar o termo «admissível», não contemplo o que deveria passar-se dentro de uma organização formalmente perfeita, mas sim o que na actuação prática pode acontecer, sendo de salientar que os factos contemplados pela pergunta decorreram na década de 40 em que a organização administrativa das empresas, incluindo o sector bancário, era no nosso País, em geral, bastante rudimentar.*»

A terminar, observou ainda: «— *Do que deixo exposto ressalta que do facto de terem sido restituídas, em troca das inicialmente distribuídas, outras acções de emissão posterior não resultou qualquer prejuízo para a proprietária das mesmas, uma vez que nenhuma das acções, nem as emprestadas, nem as restituídas, conferia direitos diferenciados*».

Após o intervalo habitual, o sr. dr. Manuel Baganha prosseguiu o seu depoimento, reiterando, com base em documentos juntos ao processo e que para o efeito lhe foram facultados, outros passos das suas declarações juntas aos autos.

Os trabalhos foram depois suspensos, para continuarem hoje.

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

32 203 . 4 800 000$
32 673 . 480 000$
6 484 . 240 000$

APROXIMAÇÕES AO PRIMEIRO PRÉMIO

32 202 . 15 060$
32 204 . 15 060$

PRÉMIOS DE 18 000$00

73 950 5660 5962 7131 8344 14811 19075 19868 19968 21777 22494 28834 29697 33883 35477 37933 40895 44456 47991

PRÉMIOS DE 480$00 (Centenas)

6401 6500 32201 32300 32601 32700

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três ultimos algarismos sejam 203, 403 e 673, são contemplados com 1.800$00, em cada bilhete. Os terminados em 48 são contemplados com 1.440$00; os terminados em 094, 612, 755, 830 ou 991, são contemplados com 960$00. Por sua vez, os numeros cujos dois ultimos algarismos sejam 03 ou 73 são premiados com 840$00 e os terminados em 70, 78, 84 ou 99, são premiados com 480$00. Por ultimo, todos os restantes numeros cujo algarismo final — terminação — seja 3, têm direito a 360$00 de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da Lista Oficial.

Câmara Corporativa

Sob a presidência do eng. José Frederico do Casal Ribeiro Ulrich, reuniu-se a secção da Indústria da Câmara Corporativa, com todas as suas 12 subsecções, a fim de apreciar o projecto de parecer subsidiário sobre o projecto de proposta de lei acerca do Fomento Industrial, de que é relator o procurador eng.º António Augusto Pessoa Monteiro, tendo o referido parecer subsidiário sido aprovado

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

feita no caminho do publico — e não poupou, claro, o êxito da *Família*. Aí está, num engenhoso apontamento a *família* de moscos e moscardos destruidos, um a um, pelo *mata que se farta*...

Outras rubricas da Televisão têm servido para veículo publicitário. Recordemos «Os Vingadores», as touradas, as explorações espaciais, as óperas o folclore — e até o *pi, pi* do relógio do «Telejornal» e o Boletim Meteorológico.

Não se pode dizer que os criativos portugueses estejam a dar mostras de muita imaginação, tanto mais que a maior parte dos aproveitanços baratinhos se processa sem o recurso ao humor capaz de obter uma nova dimensão. Meus caros, se a publicidade na TV é um mal (por enquanto) inevitável, tratem ao menos de o tornar divertido. Façam ao menos sorrir a vítima..

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I
(Maiores de 25 anos)

a furna
almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

CHURRASCO
ABERTO ATÉ AS 8.30 H
Rua dos Portas St Antão 83
Telef 323059

SPORTKAR-BAR
AV DEFENSORES DE CHAVES, 87-C
ALMOÇOS, JANTARES E CEIAS NUM AMBIENTE DIFERENTE

PRÉMIO GRANDE
32 673 — 480 CONTOS
VENDIDO ESTA SEMANA PELO
CAMPIÃO
A CASA DE LOTARIAS MAIS ANTIGA DO MUNDO

automóveis Citroën s.a.r.l.
Comunica a todos os estimados clientes e fornecedores que os seus serviços estarão encerrados para férias do pessoal, de 16 a 30 de Agosto.
Neste período a assistência técnica será assegurada por uma equipa de Serviços Rápidos, na oficina oficial da Av. Defensores de Chaves, n.º 12 Lisboa, e pelas oficinas autorizadas:
TECNAUTO — Rua Abílio Lopes do Rego, 2-A — Lisboa
LUBRICAR — Av. Guerra Junqueiro, 7-A — Lisboa
SCAL — Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 74-C — Lisboa
SOVENDO — R. Cova da Moura, 2-A — Lisboa
Citroën

ESTA ESTRANHA LISBOA

QUEM NÃO QUER VER O PROBLEMA DOS CEGOS?

Direito à assistência? Ou súplica à caridade? Trata-se de escolher. Ou não? Talvez haja quem escolha por todos nós, talvez nem seja **a**, **b** ou **c**, mas o peso dos hábitos...

Mas vamos aos factos, que até são paradoxais. Segundo um parecer da Direcção-Geral da Assistência, relativo à Liga de Cegos João de Deus e dirigido ao respectivo presidente da Direcção, o apoio assistencial que a Liga está a dar aos sócios necessitados «situa-se numa linha de caridade no **sentido antigo da palavra».** Estabelece-se aqui especiosa, mas bem intencionada, diferença entre caridade antiga e caridade moderna: o que importa e urge não é isso, é dignificar civilmente os homens, sem excepção de grau, idade, fortuna, nascimento ou profissão, de modo a precindir da caridade. Bom, tornando à curiosa informação dos serviços técnicos da mencionada Direcção-Geral da Assistência, a Liga João de Deus não daria aos cegos necessitados todo o apoio possível. Vejamos como e porquê. Acerca dos trabalhos de gravaçeõs e transcrições para Braile, sabe-se que há serviços oficiais trabalhando neste campo de modo desordenado, ou seja, sem a possível e desejável coordenação. Sugere-se, pois, que as várias entidades existentes, de fraco rendimento, se fundam num único serviço bem organizado e bem apetrechado, com vista a uma mehor e mais vasta produção.

Quanto ao incremento que a Liga (e neste ponto há que prestar homenagem à sua acção, quer se aceite quer se discuta) está dando aos estudos liceais dos cegos, entendem os técnicos da Assistência que «um cego deve sobretudo escoher uma tarefa em que use dos quatro sentidos de que dispõe». Aqui, o parecer tem aspectos positivos e outros francamente negativos. Por um lado, põe a nu a circunstância de se orientarem indivíduos para caminhos onde não acharão resposta concreta, no que concerne ao trabalho. É por demais notório que os cegos não conseguem fàcilmente emprego, sejam quais forem as suas habilitações. Por outro lado — e é aqui que bate o ponto — não é argumento adiantar-se que a educação dos cegos, a menos que revelem faculdades

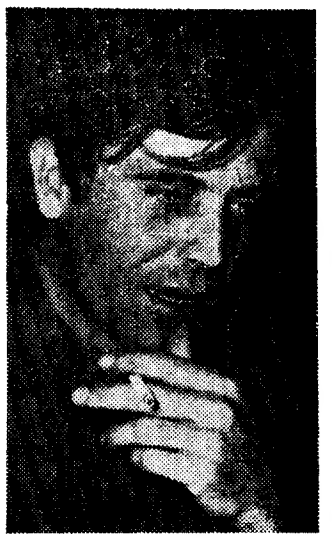
Por URBANO TAVARES RODRIGUES

intelectuais de excepção, custa caríssima, dado o preço do material especializado de que carecem. O que está profundamente errado, e estará por muitos e maus tempos, é o estatuto que rege toda a sua existência e formação.

O parecer dos técnicos da assistência crítica, frontal e amigamente a Liga (a mor parte das vezes a crítica é a titude mais sèriamente cordial) no tocante à falta, ou escassez, de actividades recreativas e ocupação de tempos livres, que poderiam ser meio de reunião e contacto não só dos cegos entre si mas, quanto possível, dos cegos com indivíduos com vista. Para esse efeito, propõe — e tudo isso tem interesse — conferências, colóquios, leituras de peças de teatro, audições de música, audições orientadas (e, se não forem mesmo criticamente orientadas, só desorientadoras serão) de programas de televisão, etc.

Uma das facetas simpáticas deste parecer é, como se torna patente, o desejo de evitar a segregação dos cegos, promovendo a sua relação intensiva com o mundo dos outros. O parecer contesta, por exemplo, a consciência de grupo à parte que leva à preferência dada a professores cegos no ensino dos cegos.

Ora a este bem intencionado trabalho da Direcção-Geral da Assistência obtemperou a Direcção da Liga de Cegos João de Deus que, antes de mais, a sua actividade não se confundia com a caridade à moda antiga. Baseando-se na letra dos estatutos, reduziu a questão a termos formais e fê-lo, inegàvelmente, com lógica e gramática. Não sofre dúvida que a Liga não tem que preparar ninguém para o desempenho de tarefas ou profissões, dado que tal competência pertence principalmente ao Estado, que no artigo 126.º do Decreto-Lei n.º 49 408 de 24-11-1969 se obriga a desenvolver acções de formação e aperfeiçoamento profissional em favor de indivíduos com diminuições físicas. Uma vantagem, ao menos, terá resultado desta confrontação: a Liga declara estar disposta a um esforço para a criação de infra-estruturas tendentes ao melhoramento da sua sede (com o apoio dos sócios cegos). Recusa toda a argumentação relativa à escolha preferencial de professores cegos. Em suma, aduz argumentos que em si mesmos são razoáveis, se examinados em pormenor, mas que reflectem quase sempre a força da inércia, o conservantismo da boa gente de bem. Não é, porém, de modo algum a Liga que pretendemos visar. Queremos, sim, alertar o País para as graves mazelas, insuficiências, perrices, carências, que esta discussão põe a nu como uma chaga.



MESTRE BAPTISTA

É ESTA NOITE A «CORRIDA DA IMPRENSA»

Já apontada, e com fortes motivos, como o grande espectáculo tauromáquico do ano, a Corrida da Imprensa, que se realiza logo á noite, na praça do Campo Pequeno, a favor da obra de assistência aos jornalistas de Lisboa, está a despertar enorme e justificado interesse junto da «aficion» de todo o País.

Os espadas são, como já informámos, o português José Falcão e o espanhol «Paquirri», dois ídolos dos aficionados ibéricos que, em confronto directo, constituem o mais elevado cartel que neste momento era possível arranjar. Os toiros, de rara bravura, pertencem á ganaderia de José António Teixeira. Os cavaleiros oferecem a garantia de alta qualidade pela forma em que se encontram e pela arte e raça do seu toureio: Manuel Conde e Mestre Baptista. Os forcados são os Amadores de Santaréem, de créditos mais que firmados.

A colorir ainda mais o brilho da corrida da Casa da Imprensa, verificar-se-á a cerimónia de entrega dos «Óscares» atribuídos pelos jornalistas aos melhores toureiros da temporada de 1970: José Julio, Luís Miguel da Veiga e Forcados Amadores do Montijo. Uma festa em cheio, pois, que reune todos os predicados para agradar aos aficionados mais exigentes: logo á noite, no Campo Pequeno.

[redacted] o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

Cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira- Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis. **Consumo mínimo, 60$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Tel. 327256.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Maria da Nazaré Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga Tocam: Fontes Rocha, José Luís, Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Tel.860816.**

TIMPANAS

Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín., 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 676655 e 672431.**

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto, Francisco Martins e Alcindo Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef. 328307 ✲ Consumo mínimo: 60$00 ✲ Encerra aos domingos.**

ADEGA MACHADO

Cantam: Maria Portugal, Tina Ferreira, Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo Fados de Coimbra por Loubét Bravo Tocam: Libento Conde, Américo Silva e Vítor Ferreira. Fandango pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Os Arautos. **Encerra ás 2.as-feiras. Consumo mínimo, 70$00. Rua do Norte, 91. Tel. 30095-28713.**

[redacted] restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs.: 264521-264526-264596-264621-264946.**

ADAGIO

A presença de JOSÉ LETRIA, Pop-Saul e Undergroung ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h. ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695.**

TAMILA

Marão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Música constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 ✲ Telef. 667264.

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente. **Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA—LISBOA — Tel. 861633**

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira ✲ Aberto até ás 5 da madrugada ✲ Rua da Trindade, 9—Telef. 327109 ✲ Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Musica constante ✲ **Av. Marechal Carmona ✲ Tel. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas**

MAXIME

Conjuntos ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerra aos domingos.

a furna
música gravada
ceias até ás 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(a duque de loulé)

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

CONJUNTO OLI'VER ✲ **Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.**

BATACLAM
BAR DISCOTECA
Rua Ramalho Ortigão, 39-A
Telef. 560430

BAR: Aberto das 19.00 ás 3.30 h.
DISC.: Aberto das 22.00 ás 3.30 h.
NOITES DE PARIS EM LISBOA

ENCERRADO AOS DOMINGOS

VERÃO: TEMPO DE GELADOS... (1)

DA CORTE ÀS PORTAS

Os melhores fregueses de gelados são as crianças

Saído de grandes unidades industriais ou de fábricas «caseiras», o gelado é sempre o gelado. Tem função social respeitável, conforta, como todas as coisas adocicadas. É artigo de largo consumo durante os meses de calor — varia a procura com a temperatura ambiente — e aqui já caberia um «porquê?».

A produção maciça foi consequência da democratização do gelado? No nosso século, o gelado começou a ser democrático quando vendido em carrinhos, pelas ruas da cidade, á porta das escolas e dos liceus .. E só depois de experimentado pela população mais jovem e por alguns que não tinham preconceitos de ir rua fora de barquilho em punho, começou a ser servido em locais mais «distintos», á mesa ocasional, entre duas frases, ou no fim de refeição abundante. Passou-se isto no Portugal do século XX.

Mas o gelado não nasceu democrático: nasceu nobre. Surgiu ligado aos Medicis (que de nobres não começaram por ter mais que a riqueza, naqueles belos tempos dos «condottieri»). E foi assim: no início do «cinquecento», num ano que não ficou registado, a corte florentina convidou os mais famosos cozinheiros da Toscania a competirem na preparação do prato mais singular que até então fosse visto. Novos-riquismos da corte de Florença, a que não deixaram de corresponder os mestres cozinheiros da região e até um criador de galinhas, de nome Ruggeri, que era o único a saber preparar um doce gelado, cuja receita não revelava a ninguém. Os cortesãos ajuizaram o doce que dava pelo nome de «sorbetto» e foram unanimes em declarar o criador de galinhas vencedor do concurso. Quando Catarina de Medici desposou o rei de França, Henrique, numa bela aliança da finança com a nobreza, lembrou-se logo do sorvete e fez questão de levar consigo, para Paris, o único italiano capaz de o confeccionar. Ruggeri, mal se apanhou na capital francesa, foi habitar um palácio imponente, encarregando-se da preparação de gelados cheios de fantasia para os banquetes reais.

Aquele doce surgido de um concurso popularizou-se e, como se sabe, hoje encontra-se industrializado em larga escala.

A Itália, portanto, foi a pátria do gelado e Ruggeri merecia bem uma estátua (tivesse ele empunhado o gládio em vez de criar galinhas e misturar cremes...).

Mas voltemos do «cinquecento» á actualidade (sem nos esquecermos que o sorvete já é pedido pelo «brasileiro» Bento Montalegre no «Eusébio Macário», do Camilo) para lhe analisarmos, de relance, as «tendências».

Bons cremes e alguma fantasia

Recentemente, a Imprensa italiana ocupou-se dos gelados e, lá, o produto é tratado de maneira bem diferente, procura-se rechear os cones de bons cremes e, também, de alguma fantasia. Por cá, no campo da fantasia, só conhecemos aqueles bonequinhos de plástico que «premeiam» os compradores miudos ou graudos...

A industrialização dos gelados, em Itália, alterou o panorama, deu uma nova imagem a um produto de largo consumo. Os gelados continuam a ter a sua grande fonte de escoamento entre os jovens, na Itália como em Portugal. No primeiro destes países, verifica-se uma tendência com interesse: 95 por cento da produção de gelados é consumida pelas ruas, por crianças (infancia até aos primeiros anos da adolescência). Quando a rapaziada ronda os 16 anos, começa a ter vergonha de andar de barquilho em punho, mas nem por isso deixa de co-

Nem é preciso perder tempo...

A MAIORIA ESTÁ DE ACORDO

ESTEJA TAMBÉM DE ACORDO AO APLICAR

OS SEUS CAPITAIS EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

ADQUIRINDO APARTAMENTOS MOBILADOS

PREÇOS DESDE 140 CONTOS A 1.000 CONTOS

MAIS DE 50.000 CONTOS EM PROPRIEDADES PARA ESCRITURA IMEDIATA

MAIS DE 250.000 CONTOS DE PROPRIEDADES EM CONSTRUÇÃO PARA VENDA

INFORMAÇÕES

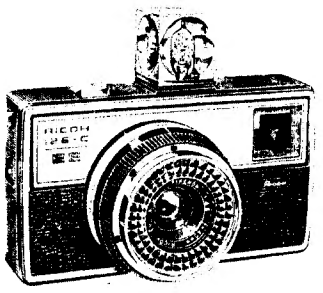
J. PIMENTA, S.A.R.L.

P Marquês de Pombal,15-Telfs.45843-47843 Lisboa

RICOH

Modelo 126-C

Uma máquina fotográfica de alta qualidade apenas por **Esc. 990$00** (com estojo).



Completamente automática com célula foto-eléctrica.

Carregamento instantâneo. Objectiva de grande classe sem necessidade de focagem dando sempre fotos de absoluta nitidez. Flash incorporado usa: 'o o moderno flash-cubo.

A venda em todas as boas casas de artigos fotográficos.

Representantes exclusivos:

Estabelecimentos

M. Simões Jr. S. A. R. L.

Departamento Foto-Ciné
Rua dos Douradores, 10

LISBOA-2

gostoso Tartex

MANTEM A LINHA

NOIVOS

As alianças e prendas da OURIVESARIA DA MODA dão felicidade

RUA DA PRATA, 257

EXPOSIÇÃO FILATÉLICA JUVENORPEX 71

Continuam os trabalhos da comissão executiva, composta por José António Campos Pereira, Mário Jorge Beleza Bastos, Luís Eugénio de Freitas Barbosa, Susana Margarida Relvas Ferreira Botelho, Jorge Filipe Relvas Ferreira Botelho, José Alberto Ferreira de Matos e João Pedro Relvas Ferreira Botelho, para a realização da I Exposição Filatélica Juvenil do Norte de Portugal «Juvenorpex 71», em Matosinhos.

As inscrições estão abertas até ao dia 30 de Setembro, podendo os regulamentos e boletins de inscrição ser solicitados á comissão executiva, Rua do Godinho, 445, Matosinhos.

DE FLORENÇA DAS ESCOLAS...

Quem não gosta de um gelado numa quente tarde de Verão?

mer gelados. Mas de outras maneiras menos ostensivas: á mesa dos «cafés», e, também, á mesa das refeições, como sobremesa. No que respeita a esta ultima forma, que não pesa significativamente no escoamento do produto (já apontámos a percentagem) poder-se-ia dizer que houve um regresso ás origens, com a Catarina —, que também gostava de servir alguns pratitos envenenados —, a comer o seu sorvete «made by» Ruggeri, na lauta mesa do Louvre. Em Portugal, não nos parece que o sorvete desempenhe papel significativo como sobremesa, apesar das suas sobremaneira

Uma boa sobremesa

conhecidas qualidades nutritivas e, vamos lá, do seu agradável sabor. Mas voltemos á patria do gelado, para ficarmos a conhecer alguma coisa do que se passa por cá... ou virá a passar-se, num futuro mais ou menos próximo. Nos ultimos anos, houve por lá uma metamorfose. Foram diminuindo os vendedores ambulantes, quer dizer, foram desaparecendo os produtos «caseiros», e os italianos, que gostam e querem saber o que comem, preocupam-se em averiguar se o produto era melhor dantes, quando ainda não caíra nas engrenagens da industrialização. É claro que os fabricantes artesanais preocupam-se com os efeitos da industrialização. São cerca de 40 000 pessoas, em toda a Itália, e, assim, não vêem com bons olhos a possibilidade de surgir uma regulamentação rigida, uma lei que lhes iria dificultar muito a vida ou, mesmo, a longo prazo, impedir-lhes a sobrevivência. Mas os italianos preocupam-se em consumir produtos que ofereçam garantias de higiene. Sabem que há gelados e gelados. Uns são feitos com leite e seus derivados (nata e manteiga); outros são fabricados com gorduras vegetais, mais baratas, que permitem, consequentemente, um gelado mais económico. As percentagens dos ingredientes também têm a sua importancia: frutas, leite, limão...

A composição do produto, por outro lado, deve ter em conta os intestinos do consumidor...

Tanto quanto se sabe, embora a técnica de fazer gelados tenha sofrido grande evolução nos ultimos anos, os transalpinos afirmam que a mesma não fez mais do que aperfeiçoar o sistema artesanal, usando os métodos de automatização. A emulsão da pasta feita á maneira antiga cedeu lugar, nas grandes unidades fabris, a outros processos. O amido e a gelatina dão mais consistência ao gelado e prolongam a sua conservação. Apontam os entendidos, no gelado industrial, certas vantagens, como a baixíssima percentagem de micróbios, que resulta da pasteurização da matéria-prima, que o artesão geralmente não pode fazer. Mas existe, de qualquer forma, uma gestão de qualidade.

A Imprensa italiana classifica os artesãos da seguinte maneira: «*gente séria, que defende a qualidade do seu produto, gente que faz um trabalho por vocação.*» Famílias que passam receitas de geração em geração, e que saem do seu país para fazer gelados nos países alheios

Ainda quanto ás «tendências» dos consumidores de gelados, pode dizer-se que, nos Estados Unidos, 75 por cento dos gelados são consumidos em família... Em Portugal, essa tradição não parece estar muito enraizada, embora já se vendam embalagens familiares. Mas é necessário conservar o produto num frigorífico, se não for para consumir imediatamente.

A indústria de gelados em Portugal

O leitor, a estas horas, já está a perguntar: Mas, então, em Portugal, não há industria de gelados? Há e, segundo cremos, com certa expansão. Estivemos do lado de fora da unidade industrial mais importante. Tentámos saber qual era a produção, visitar a fábrica, saber como são fabricados os gelados que se consomem por esse país fora. Embatemos (quantos telefonemas!) na chamada barreira da burocracia. Só com uma carta a dizer ao que íamos e, depois, passados os tramites (todos), talvez viesse a autorização. Mais acostumados a escrever para o publico do que para empresas, resolvemos desistir de saber do estado do gelado industrialiado no nosso País, e fomos procurar um artesão. Pelo que nos toca, estamos com os italianos: o gelado «caseiro» é outra loiça!

TURNO DE SERVIÇO NOS TRIBUNAIS DA COMARCA DE COIMBRA

COIMBRA, 12 — Nos Tribunais da Comarca, entrou de serviço para casos urgentes o turno do 1.º Juízo, 2.ª Secção (escrivão Rudolfo Marinheiro), que terá como magistrado, até ao dia 15, o dr. Soares Caramujo, e até ao dia 20, o dr. Morais Sarmento. Como agente do Ministério Público, até ao dia 15, estará presente o dr. Dionísio Alves Correia, e de 16 a 20, o dr. José Pereira Girão.

A Secção Central mantém-se aberta todos os dias, excepto aos sábados e domingos.

signé par

MAZDA

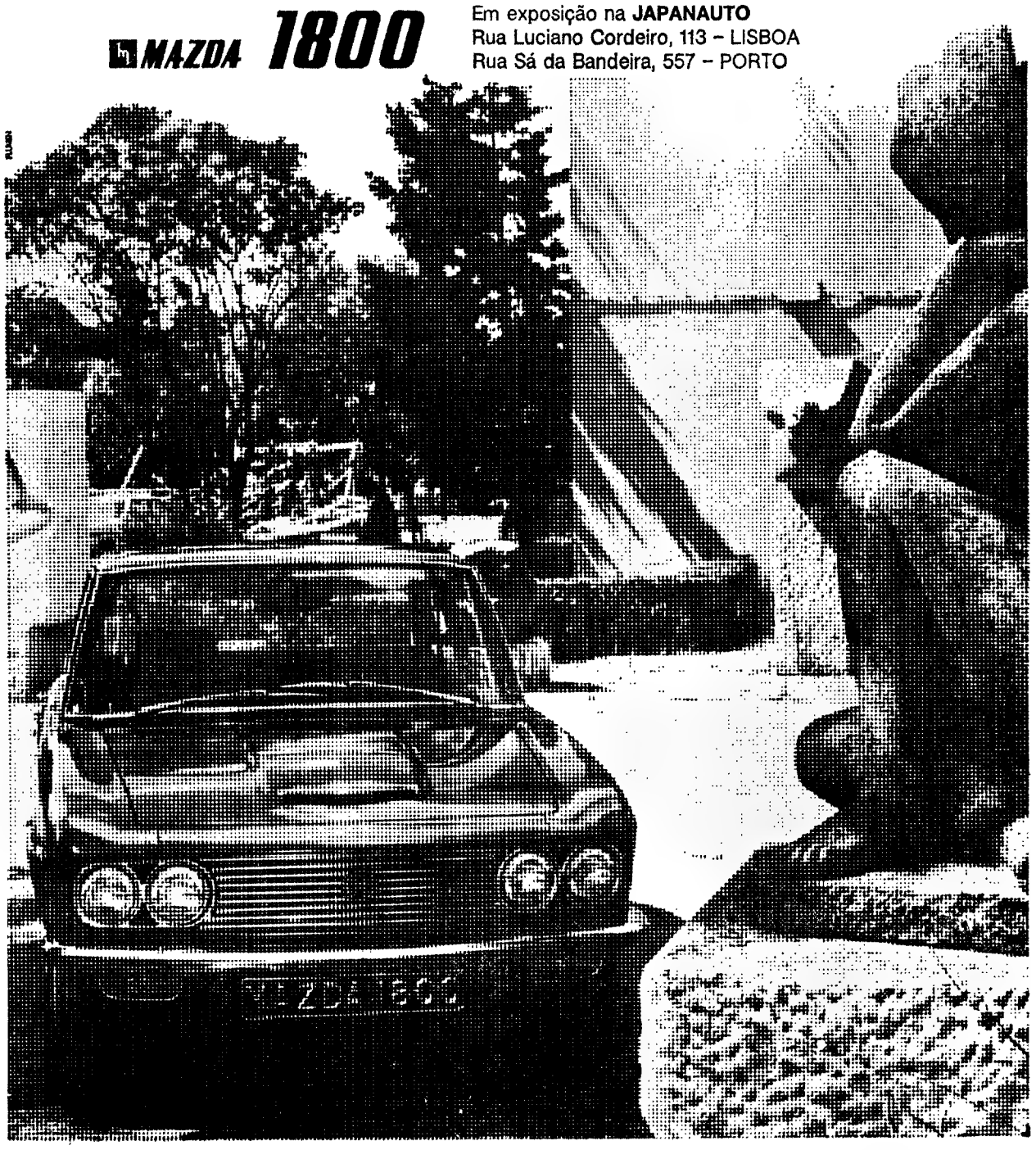
O MAZDA 1800 foi todo ele construído para lhe oferecer o máximo de conforto, segurança e distinção. Por esse motivo, além da elegância das suas linhas, os técnicos da TOYO KOGYO insistiram em equipar o seu carro com todos os pequenos nadas que o tornam diferente: rádio estereofónico, reprodutor de cassetes, antena eléctrica, encostos de cabeça, pneus radiais, bancos reclináveis, etc. Tudo isso faz parte do conforto MAZDA. O conforto a que você tem direito.

o mais criativo fabricante de automóveis do mundo

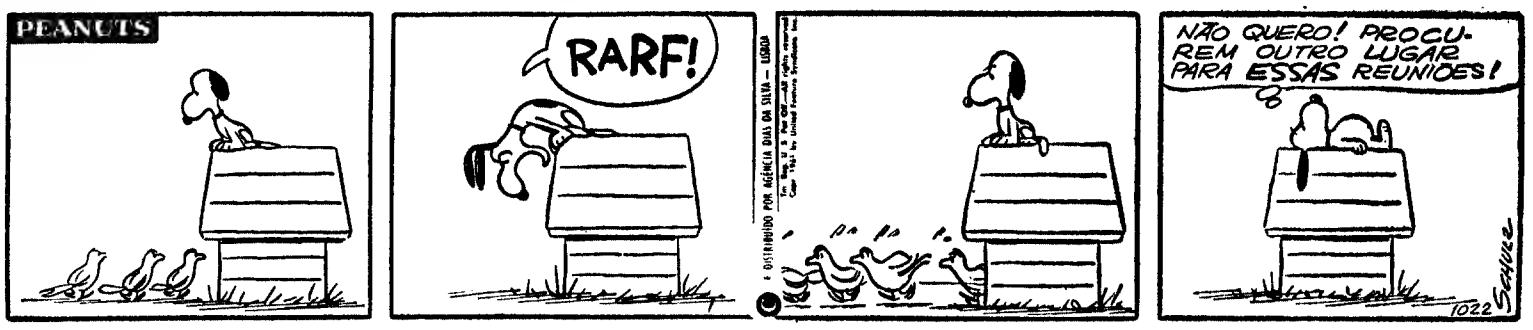
Construído por TOYO KOGYO CO. – HIROSHIMA, JAPÃO

MAZDA 1800

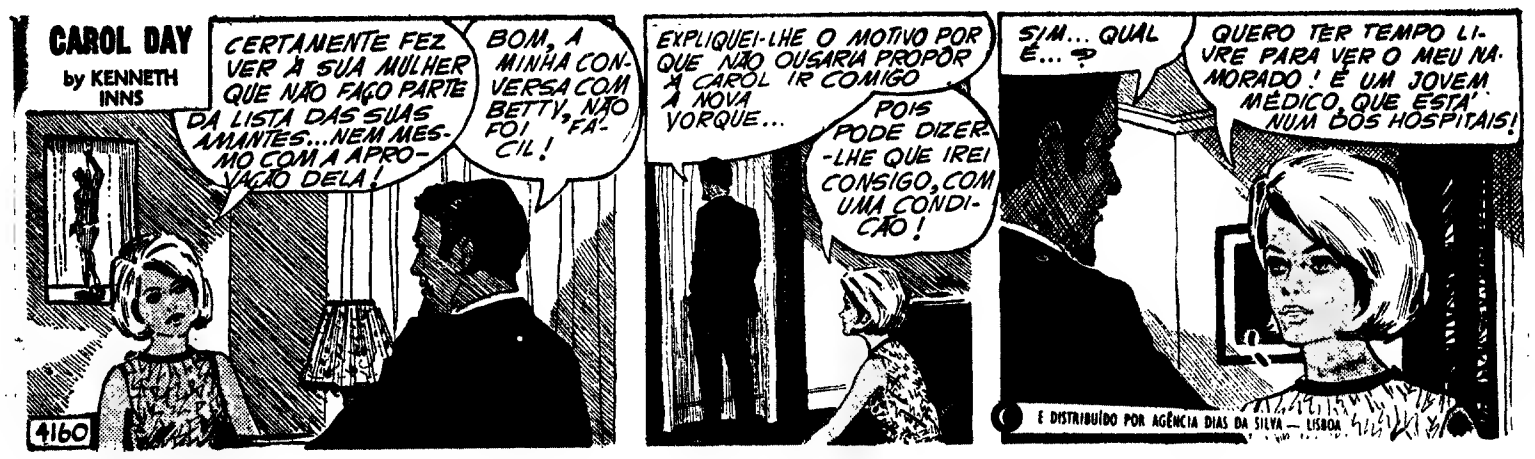
Em exposição na **JAPANAUTO**
Rua Luciano Cordeiro, 113 – LISBOA
Rua Sá da Bandeira, 557 – PORTO



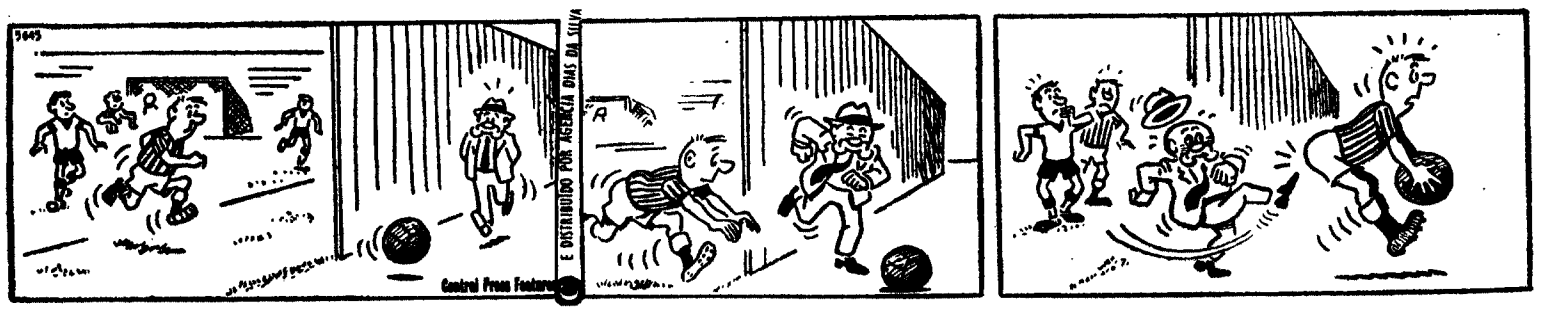
OS PEANUTS



CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 12 de Agosto de 1941 publicava:

ESTOCOLMO, 12 — Naturalmente porque receiam uma invasão britanica, os alemães estão quase a concluir na Noruega a Linha Falkenhorst — cadeia de fortificações de defesa na costa ocidental. Nesta linha têm estado a trabalhar 60 000 operários noruegueses sob as ordens de engenheiros alemães. Mandal, ao sul de Ajdenas, na entrada do fiorde de Trondhjem, forma um dos apoios da linha, que pode ser continuada mais para o norte.

■

LONDRES, 12 — Foram executados ás 7 horas da manhã, na Noruega, três noruegueses, acusados de exercerem espionagem a favor da Inglaterra.

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c. esq. (Ao Campo Pequeno) — Telefone 771639. VENDA AO PÚBLICO

CAMISAS POR MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

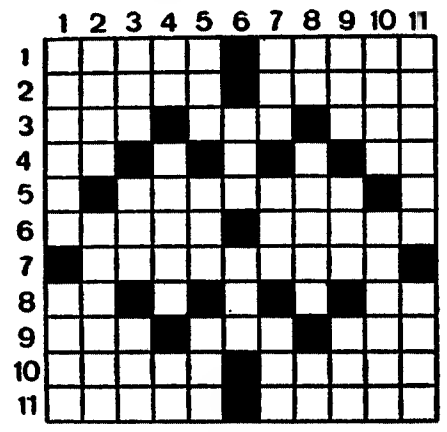
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5981

HORIZONTAIS: 1 — A morte. Empedra. 2 — Rio brasileiro. Célebre poeta e musico grego que segundo a lenda foi salvo da morte por golfinhos encantados ao som da sua lira. 3 — Graça (fig). Espaço de doze meses. O mesmo que âmio. 4 — Cobalto (s. q). Pertences. 5 — Unidas. 6 — Acabeei Romano 7 — Acabaria .8 — Quantum satis. (abrev). Em a. 9 — Pronome possessivo (inv.º). Fala. Ergo. 10 — A moral. Cidade do Albânio 11 — Que mama muito. Amargo.

VERTICAIS: 1 — Logram Pronome relativo. 2 — Grande cão de fila. Espécie de tecido ordinário fabricado na Holanda. 3 — O mesmo que nim (prov). Greda branca. Pronome pessoal. 4 — Cálcio (s. q). Repousa. Aqui. 5 — Guarnece de asas. Bagaço de uva de que se faz água pé. O sustento. 6 — Despida. Cidade de Espanha. 7 — Calote (pop). Claridade solar. Sopé. 8 — Viração. Leite de viagem. Preposição. 9 — Liga Vai para fora. Fúria. 10 — Gasta. Atirar. 11 — Freguesia do concelho de Vieira do Minho Macaco americano.



Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5980

HORIZONTAIS: 1 — Vibraram. AC. 2 — Irós. Cora. 3 — Man. Vir. Sal. 4 — Hó. Minar DE. 5 — Canadas. 6 — Sata. Ibis. 7 — Regaçar. 8 — ac. Irmão Cé. 9 — BOM. Eis. Mor. 10 — Raia Vila. 11 — Ar. Crocitar.

VERTICAIS: 1 — VINHO Sobra. 2 — Irão. Coar. 3 — BOM. Cor. Mi 4 — Rs. Matei. Ac. 5 — VINAGRE. 6 — Ruira. Amigo. 7 — Radicas. 8 — MC. Rabão. Vi. 9 — Os. Sir. Mil 10 — Arad. Cola. 11 — Calem. Gerar.

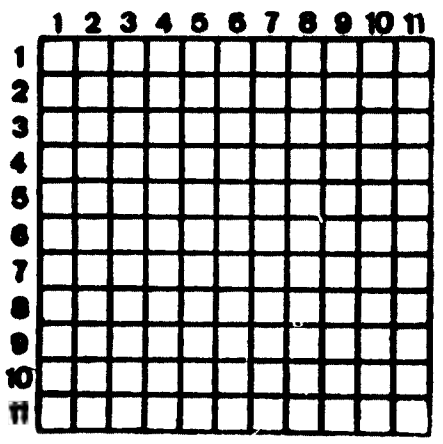
PROVÉRBIO: De bom vinho, bom vinagre.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9824

HORIZONTAIS: 1 — Pequeno porto da Pérsia Máculas. 2 — Grupos de três Aqueduto. 3 — Tocas. Janota 4 — Prendo. Chefe etíope. 5 — Árvore do Congo. Possuiná. 6 — Diabo. Migalho. 7 — Arara. 8 — Átomo. Atela grande desejo em. Vê. 9 — Mãe de Romulo e Remo Patrão. Oceano 10 — Unir. Magote. 11 — Rezara. Famas.

VERTICAIS: 1 — Rei fabuloso da Mauritânia, filho de Jupiter. Nome de um mês. 2 — Rebentos (Bras). Género. 3 — Elegantes. Fileira. 4 — Transmite gratuitamente (bens) a outrém. Trata por tu Atmosfera 5 — Antiga moeda romana de cobre. Erigira. 6 — Preposição. 7 — Fogo na língua tupi. Velhaco. 8 — Mau cheiro. Saca. Estrépito de desmoronamento 9 — Briga. Maior. 10 — Retrocedera. Rio de Portugal. 11 — Molho para estimular o apetite e dar sabor. Nome de frutos



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9823

HORIZONTAIS: 1 — Eja. Cem. Pro. 2 — Murra. Elias. 3 — Arcos. Resto. 4 — Aaro. Croa. 5 — Tua 6 — As. Caldo. Vá. 7 — Notas. Arear. 8 — Dirá. Arre. 9 — Ore. Sol. Ain 10 — Vã. Criam. Aa. 11 — Iscas. Rossi.

VERTICAIS: 1 — Ema. Mandovi. 2 — Jura. Saíras. 3 — Arcos. Tré. 4 — Ror. Coá. Co. 5 — Casotas. Srs. 6 — Ul. Moi. 7 — Mercado. Lar. 8 — Ler. Aro. Mó. 9 — Pisos. Era. 10 — Rota. Vários. 11 — Oso. Corenal.

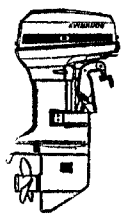
ARROZ
agulha
«MOÇAMBIQUE»
ARROZ
«TREVO»
Especiarias
«TREVO»
3 produtos procurados de alto renome
Distribuidores:
A. D. Oliveira Magalhães
EXPORT — PORTO

TRÊS HORAS NO TEJO

A C. P., concretizando uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, organiza aos domingos, desde 30 de Maio até 29 de Agosto passeios no Tejo, numa das suas modernas embarcações

PREÇO POR PASSAGEIRO ..... 12$00
Embarque na estação de Terreiro do Paço ..... *15 h*
Desembarque na mesma estação ..... *18 h*
Estas reservas podem ser pedidas à EGT — Agência de Viagens, Rua do Arsenal, 124 — Lisboa

A MAIOR NOVIDADE EM ENGENHARIA MARÍTIMA



A grande potência e o pequeno volume tornam o *EVINRUDE 50 HP* avançado no tempo.
A conjugação do sistema de alimentação em arco com o escape – agora com novo sistema de descarga – aumenta a sua potência em mais 20%.

MUITOS ANOS DE USO
ALTO VALOR DE TROCA

EVINRUDE
O PODER DA EXPERIÊNCIA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
AV. 24 DE JULHO, 52 A/G - LISBOA - TELEF. 66 77 94

EIP EV 7A

A C. P. INFORMA

HORÁRIO DAS PRINCIPAIS LIGAÇÕES LISBOA-SINES

A PARTIR DE 16 DE AGOSTO DE 1971

7.35	11.20	17.35	↓	P	Lisboa (Terreiro do Paço)	C	↑	12.00	23.35
8.15	12.00	18.15		P	Barreiro	C		11.10	22.55
8.42	12.30	18.44		P	Setúbal	C		10.37	22.22
9.40	13.24	19.37		C	Alcácer do Sal	P		9.42	21.27
10.02	13.48	19.59		C	Grândola	P		9.20	21.05
10.33	14.17	20.28		C	Ermidas-Sado	P		8.47	20.31
11.44	15.47	21.09		C	Santiago do Cacém	P		8.05	19.21
12.12	16.15	21.25		C	Sines	P		7.45	18.35

Todas estas circulações se efectuam diàriamente.

ASTRONAUTAS EM LISBOA

(Continuação da 1.ª página)

aturarão aos patos e aos gansos, nos pântanos.

Chegados, esta manhã, a Lisboa, os dois astronautas foram, ás 10 e 30, alvo de homenagem por parte da administração da TAP, nas novas instalações do Aeroporto da Portela.

Um batalhão de fotógrafos e operadores de cinema e TV registou a cerimónia, na qual o eng.º Alfredo Vaz Pinto, acompanhado por todos os administradores da companhia, recebeu Lovell e Roosa, pronunciando um discurso de boas vindas.

Depois de recordar a participação do comandante Lovell nas missões Gemini - 7 e 12 e Apolo VIII e XIII (esta ultima assinalada por um dramático regresso á Terra), o eng.º Vaz Pinto agradeceu ao coronel Roosa ter trazido consigo uma bandeira portuguesa que, juntamente com outra, foi transportada até á Lua na missão Apolo XVI, de 31 de Janeiro a 9 de Fevereiro deste ano.

O eng.º Vaz Pinto disse, depois, que «os melhoramentos tecnológicos resultantes dos projectos e exploração espaciais estão sendo introduzidos, em numero crescente, no equipamento apropriado para o transporte aéreo e a distância entre os dois sistemas está sendo reduzida com a introdução num futuro próximo de equipamento supersónico cada vez mais veloz».

O presidente da TAP informou depois os dois astronautas sobre a actividade da companhia, afirmando em certo passo:

«No nosso primeiro ano completo de operações — 1954 — voámos 2 215 347 km e no ano passado voámos 15 vezes mais, ou seja, 30 101 768 km, o que corresponde a 1,3 milhões de km mais do que 40 viagens de ida e volta á Lua. No primeiro caso, a velocidade média dos nossos aviões foi de 288 km/h, com uma capacidade de cabina média de 26 lugares; no segundo caso, a velocidade média foi de 650 km/h e a média de capacidade de cabina foi de 128 lugares.»

E depois:

«No ano passado alcançámos as marcas de um milhão de passageiros transportados e de 100 milhões de dólares de receita bruta.»

«Estamos muito felizes por aqui estarmos» — disseram, depois, os dois astronautas, visivelmente bem dispostos, respondendo, com assinalável sentido de humor, ao presidente da TAP.

Após uma troca de prendas, os dois americanos visitaram as mais importantes instalações da TAP, designadamente o hangar gigantesco para dar apoio aos Boeing 747 que no próximo ano serão acrescentados á frota da companhia.

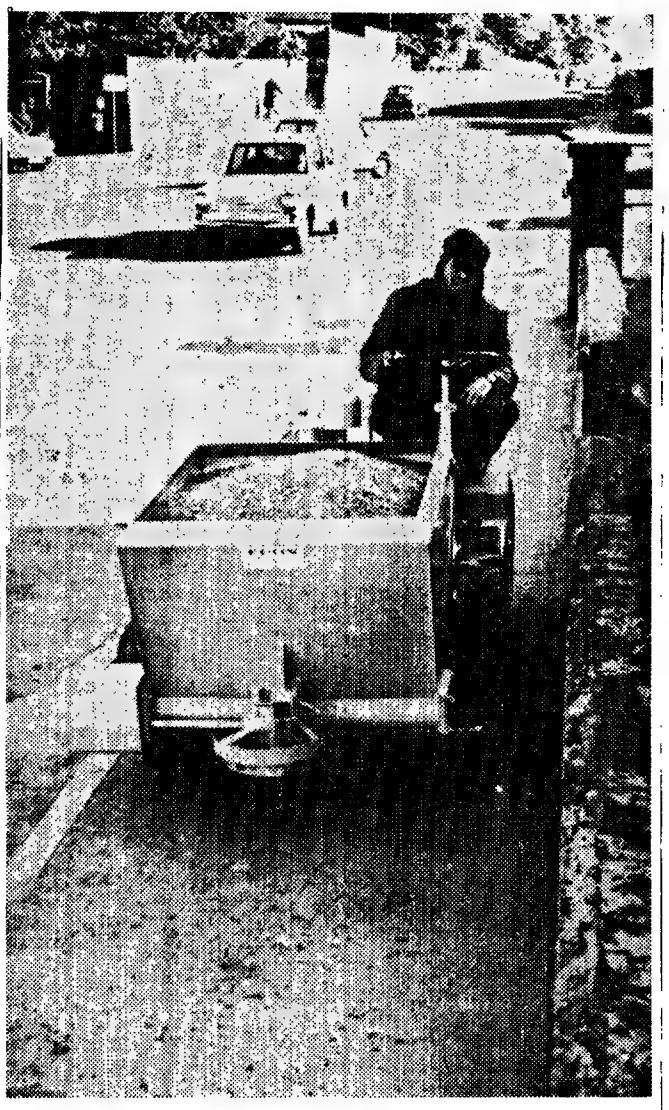
Almoço oferecido pelo B. N. U.

Ao princípio da tarde, James Lovell e Stuart Roosa, almoçaram na sede do Banco Nacional Ultramarino (proprietário da Safrique, a empresa que promove a ida dos dois astronautas ás suas coutadas, no distrito de Manica e Sofala) e, ás 16 horas, deram uma conferência de Imprensa, no Hotel Ritz.

As 18 e 30, Lovell e Roosa apresentam, no cinema do Palácio Foz, um filme sobre o voo da Apolo XIV, por eles trazido dos Estados Unidos.

A noite, jantam no Folclore, a convite da TAP.

A partida dos astronautas para Moçambique está marcada para amanhã, ás 23 horas, no voo 297, da TAP.



Esta original maquineta (á venda em Inglaterra) serve para desobstruir de neve e gelo os passeios reservados aos peões nas cidades britânicas. Um problema que não se põe, é claro, ao Município de Lisboa...

ORDEM E PROGRESSO

A Sociedade Ordem e Progresso tem novos corpos gerentes. Presidem á assembleia geral, á direcção e ao conselho fiscal, respectivamente, os srs. Mário Rocha Parreira, Augusto de Oliveira Pinto e Alvaro Ribeiro Pereira.

Novos sapadores bombeiros do Porto

PORTO, 12 — O encerramento da escola de recrutas do Batalhão de Sapadores Bombeiros está marcado para o dia 22, no quartel da prestimosa corporação.

Além da cerimónia do juramento e entrega de capacetes haverá escaladas e salvamentos, simulacro de incêndio, sob variados aspectos e desfile de pessoal e material.

DIREITO COMPARADO

Prosseguem, na Fundação Gulbenkian, as aulas dos Cursos de Verão da Faculdade Internacional para o Ensino do Direito Comparado.

O prof. António de Arruda Ferrer Correia, presidente da sessão e professor da Faculdade de Direito de Coimbra, vai dar uma série de lições no II Ciclo dos Cursos, em Direito Privado, sobre o tema «O reconhecimento e a execução das sentenças estrangeiras».

O prof. Ferrer Correia dará duas lições no dia 17 e as restantes realizar-se-ão, sempre ás 11 horas, nos dias 18, 19, 20 e 21, esta ultima em colóquio.

O empreendimento de Cabora Bassa

Foi aberto no Ministério das Finanças, a favor do mesmo Ministério, um crédito especial de 530 000 000$00, importância que deve constituir o artigo 237.º-A «Financiamento destinado ao empreendimento de Cabora Bassa, capítulo 23.º-A «III Plano de Fomento», do orçamento respeitante ao corrente ano económico do referido Ministério.

VIDA MUSICAL

VI Curso de Verão Orff-Schulwerk

A Fundação Calouste Gulbenkian vai organizar o VI Curso de Verão Orff-Schulwerk, de 16 a 29 de Setembro próximo, no Conservatório Regional de Braga.

A Obra Escolar Orff foi introduzida em Portugal em 1960, por iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian, através da professora Maria de Lourdes Martins que, como bolseira da Fundação, tomara conhecimento da obra durante a sua estadia em Munique. O interesse que a apresentação do primeiro curso despertou nos professores, pais e crianças levou a Fundação a ampliar os cursos para crianças, a criar classes de Didáctica e a conceder bolsas de estudo que permitissem a especialização de professores no Instituto Orff em Salzburgo.

Este Curso de Verão destina-se á actualização dos professores já em exercício e á informação de todos os outros que queiram tomar contacto com a «Orff-Schulwerk» Pode ser frequentado por professores de musica, educadoras de infância, professores primários, de ginástica e de dança.

As inscrições devem ser enviadas até ao dia 16 do corrente ao Serviço de Musica da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa. O preço da inscrição é de 100$00.

CONDICIONAMENTO DA CAÇA ÀS ROLAS

COIMBRA, 12 — A partir de domingo, é permitida a caça ás rolas, à espera, sem rede nem cão e em terrenos devidamente designados.

A propósito, a Comissão Venatória Regional recomendou que a caça nas margens nacionais e municipais, não deve ser praticada de forma a perturbar ou a poder pôr em perigo os que utilizem tais vias de comunicação. Para o efeito, deve entender-se como margem, uma faixa de terreno que, sem abuso de distância permita aos caçadores exercerem da melhor forma a prática do acto venatório dentro da melhor ética desportiva e espírito de civismo.

Um curso sobre Mecanismos de Acção Hormonal

PORTO, 12 — Organizado pelo Centro de Endocrinologia do Hospital de Santo António, decorrerá de 2 de Novembro a 3 de Dezembro o primeiro curso de pós-graduados sobre Mecanimos de Acção Hormonal.

A sessão inaugural presidirá o sr. secretário de Estado de Saude e Assistência e, entre outras entidades estará presente o presidente do Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian.

Neste curso colaboram algumas das sumidades da Endocrinologia e da Medicina mundiais.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures

ANÚNCIO

Concurso público para fornecimento de 2 000 contadores de água de 13 mm — 3m³

Recebem-se propostas em carta fechada, na Secretaria dos Serviços Municipalizados, até às 15 horas do dia 30 de Agosto em curso, para o fornecimento em epígrafe.

O caderno de encargos e programa de concurso estão patentes na referida Secretaria, todos os dias úteis, durante as horas de expediente

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 6 de Agosto de 1971.

O Presidente do Conselho de Administração

Luiz Filipe da Cunha de Noronha Demony

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

LOTE DE TERRENO PARA UM GRANDE HOTEL

600 QUARTOS

A Câmara Municipal de Lisboa concederá o direito de superfície por cinquenta anos de um lote de terreno situado junto à Avenida Calouste Gulbenkian, entre a Avenida Ramalho Ortigão (prolongamento) e a Avenida Salazar (prolongamento da Avenida da Liberdade), para a construção de um grande hotel com o máximo de 600 quartos.

O concurso, cujas condições estão publicadas no «Diário Municipal», será limitado às empresas hoteleiras e transportadoras, nacionais ou estrangeiras.

Os concorrentes deverão candidatar-se ao concurso até 10 de Novembro próximo e a praça terá lugar às 10 horas de 24 de Novembro seguinte.

«ESTORIL»

VENDA DE BILHETES

Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 ás 22 horas.

CARRO ROUBADO AH-78-72

Cortina 1600 G. T. vermelho. Das 9 ás 17.30 Telef. 68 17 09.

S. R.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE BISSAYA-BARRETO

COIMBRA

Até ao dia 15 de Setembro encontra-se aberta a matrícula para a frequência dos Cursos de Enfermagem Geral e de Auxiliares de Enfermagem que funcionam na Escola Bissaya-Barreto, anexa ao Hospital Geral do Centro Hospitalar de Coimbra.

Neles serão admitidos raparigas e rapazes com idade superior a 16 anos e que tenham completado respectivamente o 2.º ou 1.º ciclo dos Liceu ou equivalente.

A Escola funciona em regime de internato, semi-internato e externato.

São concedidas bolsas de estudo aos candidatos interessados.

Todas as informações serão dadas na Secretaria provisória que funciona na Maternidade Dr. Bissaya-Barreto — Quinta da Rainha — Telefones 22017-24938.

Coimbra, Agosto de 71.

O PRESIDENTE DA COMISSÃO INSTALADORA,
(Bissaya Barreto)

ENGENHEIROS

Até ao próximo dia 20 de Agosto está aberta a inscrição na SONEFE, SARL de Engenheiros das especialidades de construção civil, electrotecnia e máquinas que desejam exercer a sua actividade profissional em Lisboa, Luanda, Lobito ou Lourenço Marques.

A Empresa proporciona vários benefícios sociais e retribuição acrescida de acordo com a experiência profissional dos candidatos.

Os interessados deverão dirigir-se aos Serviços Administrativos em Lisboa — Rua José Estêvão, 83-E — onde poderão tomar conhecimento do «Regulamento do Pessoal» da Empresa e preencher os respectivos «Pedidos de Admissão».

Cao Ky não se considera afastado das eleições

SAIGÃO, 12 — (R) — O vice-presidente Cao Ky salientou hoje claramente que não se considera afastado das eleições presidenciais de Outubro.

Numa declaração préviamente preparada lida aos jornalistas, numa conferência de Imprensa, Cao Ky classifica de arbitrária e ilegal a decisão tomada pela secretaria do Supremo Tribunal de excluir o seu nome da lista dos candidatos.

«Nenhuma lei autoriza a secretaria do Supremo Tribunal a tomar tal decisão arbitrária e ilegal.»

A função da secretaria é apenas a de mandar afixar a lista das candidaturas apresentadas, não tendo qualquer competência para apreciar a validade de qualquer dos documentos submetidos ao tribunal.

«Essa competência cabe exclusivamente ao plenário do Supremo Tribunal, tal como está definido na constituição», salienta a declaração de Cao Ky.

A secretaria do Supremo Tribunal não incluiu o nome de Cao Ky na lista de candidatos que afixou porque, aparentemente, as assinaturas de 39 dos proponentes não preenchiam as condições legais. Nos termos da nova lei eleitoral apresentada este ano no Parlamento pelo presidente Van Thieu, os candidatos terão de ser propostos por 40 membros do Parlamento ou por 100 conselheiros provinciais. Assim, apenas foram aceites e afixadas as candidaturas do presidente Van Thieu e do general Van «Big» Minh.

Quando um jornalista perguntou a Cao Ky se tencionava recorrer da decisão, ele disse que não era necessário tomar essa medida, uma vez que a própria decisão da secretaria já era ilegal.

Num tom invulgarmente grave e sombrio, Cao Ky, que geralmente é uma figura teatral, renovou os seus ataques ao presidente Van Thieu, acusando-o de utilizar um órgão judiciário para fins ilegítimos, com a finalidade de deturpar os resultados das próximas eleições presidenciais.

FOI RAPTADA A NORA DO ESCRITOR ASTURIAS

CIDADE DO MÉXICO, 12 — (FP) — A nora de Miguel Angel Asturias, Prémio Nobel da Literatura e ex-embaixador da Guatemala em França, foi raptada no ultimo domingo, na Cidade do México, onde vive exilada — soube-se oficialmente na capital mexicana. Rosário Valenzuela, de nacionalidade boliviana, foi raptada em companhia de uma amiga, que foi libertada anteontem.

«Seria terrível se os tentáculos da «Mão Branca» alcançassem o México... se Rosário foi levada para a Guatemala, não escapará... á morte...» — afirmou Romary Valenzuela, irmã de Rosário.

A irmã da refugiada política raptada levantou, perante a imprensa, a possibilidade de essa organização de extrema direita da Guatemala ter organizado o rapto e declarou que o domicílio da irmã, onde vivia com o marido Rodrigo Asturias, também refugiado político, tinha sido rebuscado de alto a baixo, pelos autores do rapto, que se apoderaram, em especial, de uma carteira pertencente a Asturias.

Segundo Ana Ester Cecena que foi raptada juntamente com a mulher de Rodrigo Asturias e libertada pouco depois, os raptores apresentaram-se como agentes da Polícia mexicana. «Na casa onde estive detida» — acrestou Cecena — «havia outros guatemaltecos».

Ana Ester Cecena declarou ainda que tinha sido interrogada, bem como Rosário Valenzuela, acerca das actividades políticas dos guatemaltecos no México e acrescentou que um bloco de endereços que possuia foi copiado integralmente pelos raptores.

SEXTO CARTÓRIO NOTARIAL DO PORTO

A CARGO DO NOTÁRIO LIC. MANUEL PINTO FERREIRA

UNIATRA — União de Agentes de Tráfego, Limitada

CERTIFICO para efeitos de publicação que, por escritura de 30 do mês de Julho findo, lavrada de fls. 72 v.º a 100, do livro de escrituras diversas B-n.º 63, deste Cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

ARTIGO PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação de «UNIATRA-UNIÃO DE AGENTES DE TRÁFEGO, LIMITADA», e fica com a sede provisória na Rua de São Francisco, n.º 23-2.º andar, D.to, desta cidade. A sede definitiva será escolhida pela gerência.

ARTIGO SEGUNDO — A sociedade durará por tempo indeterminado e tem o seu início nesta data.

ARTIGO TERCEIRO — A sociedade tem por objecto o exercício do tráfego de mercadorias nos Entrepostos e Cais sob a jurisdição da Administração dos Portos do Douro e Leixões designadamente as operações de recepção ou de entrega de mercadorias, desembarcadas ou embarcadas directamente de e para o cais ou embarcações de tráfego local e todos os serviços inerentes de apartação à borda ou em terra, arrumação no Cais ou em Armazém, armazenagem, carga ou descarga e tudo quanto respeite ao manuseamento de cargas de importação ou exportação.

ARTIGO QUARTO — Um — O capital social é de esc. 2 447 500$00 e acha-se dividido nas seguintes quotas:

— Uma de 245 000$00 da Sociedade de Cargas e Descargas, Limitada; uma de 195 000$00 da sócia Artur José Borges, Sucessor, Limitada; uma de 120 000$00 da sócia Clemente Dias Coelho & C.ª, Lda.; uma de 100 000$00 da sócia A. J. Gonçalves de Moraes, Lda.; uma de 90 000$ de cada uma das sócias A. D. Oliveira, Lda. e Chaves & C.ª, Lda.; uma de 70.000$00 do sócio Manuel Martins Rodriguez de Sousa; uma de esc. 60 000$00 de cada uma das sócias Emídio Pinto Moreira & Filhos, Lda., Celso Marques & Companhia, Lda. e Pinto Miguel & Irmão, Lda.; uma de 75 000$00 da sócia António de Sousa & Comp.ª, Lda.; uma de 55 000$00 do sócio Manuel Pereira da Silva; uma de 50 000$00 de cada um dos sócios Albertino Gomes de Carvalho & C.ª, Lda., António Carlos Gaifém Pires, J. T. Costa Basto & Comp.ª e Júlio Rodrigues de Sousa & F.os, Lda.; uma de 42 000$00 de cada um dos sócios Mário da Rocha e Silva, Bernardino Marques, Lda. e José Marques Ferreira; uma de 37 500$ da sócia Rumsey & Comp.ª, Lda.; uma de 37 000$00 da sócia Amorim & Irmãos, Lda.; uma de 35 000$00 de cada uma das sócias Lago, Cunha, Guedes & Comp.ª, Lda. e Herculano Pinto Amarante, Lda.; uma de 34 000$00 de cada um dos sócios Carlos Fernandes Teixeira da Fonseca, António D. Pedroso, Lda., Arnaldo Couto & Filhos, Lda. e José Rodrigues Pinto; uma de 32 500$ da sócia José Pinto de Magalhães & C.ª, uma de 30 000$ de cada uma das sócias Dolex-Agência de Serviços Marítimos e Terrestres, Limitada e Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes, S. A. R. L.; uma de 28 000$ da sócia Guilherme Firmino Sucessora & Comp.ª, Lda.; uma de 25 000$00 de cada uma das sócias Atlanta — Sociedade de Tráfego, Lda., David José de Pinho, F.os, Limitada e José Henrique Martins Vilar & Irmão; uma de esc. 20 000$00 de cada uma das sócias Custódio José Rodrigues, F.os, Lda. e Edmundo Ferreira de Sousa; outra de 20 000$00 pertencente em comum e partes iguais aos sócios D. Esmeralda Marques dos Santos Marinheiro e Amadeu Neves dos Santos; uma de 15 000$00 de cada um dos sócios Barcagens Rio Douro, Lda., Humberto Silva, Sucessora, Lda., Jorge de Oliveira Gomes, Mário Teixeira Soares, Pinto & Soares, Lda. e D. Sílvia Marques Magalhães; uma de 12 000$00 de cada uma das sócias Azeredo & Manuel Dias, Lda., Luís de Oliveira Carvalho & Filho, Lda., Morais Napoleão & Soares, Lda., e Sepeditrans — Sociedade de Expedição e Trânsito, Lda.; e uma de 7 500$00 de cada um dos sócios Rui Pinto dos Santos, António Monteiro, Barcagens Neptuno, Limitada, D. Georgina Alves de Freitas Guedes Bandeira, José de Melo & Comp.ª Sucessora, Lda., Hamilton Tavares & Companhia, Lda., Artur de Sousa & Comp.ª, Lda., e António F. Dias, Sucessores, Lda.; outra de 7 500$ pertencente às sócias D. Alice dos Anjos Pereira Maia Sousa, D. Maria Margarida Pereira Maia Rodrigues de Sousa e D. Altina Pereira Maia Rodrigues de Sousa Fernandes, em comum e na proporção de metade para aquela e uma quarta parte para cada uma destas; e uma de 40 000$00 de cada um dos sócios A. Lino Moreira, Lda., António de Sousa Queirós, Pinto Moreira & Irmão, Lda. e Matos Figueiredo & Costa, Lda.

Dois — Cada uma dos sócios realizou já em dinheiro sessenta por cento da respectiva quota.

Três — Os restantes quarenta por cento serão realizados:

a) — por meio de letras aceites pelos respectivos sócios e entregues neste acto, com vencimento a um ano desta data e que vencerão os juros da Lei; ou, b) — pela entrega do numerário correspondente no prazo de 30 dias a contar da celebração deste acto.

Quatro — O capital social poderá ser elevado por uma ou mais vezes até ao limite de 20 000 000$00, quando a assembleia o deliberar.

Cinco — Deliberada a elevação de capital prevista no número anterior, o aumento de capital atribuído a cada sócio será proporcional ao resultado da diferença entre a quota, agora subscrita e a que lhe couber pela aplicação do critério de dimensionamento por todos os sócios acordado e a levar a efeito nas condições também comummente aceites.

Seis — A aplicação do número anterior poderá ter lugar no primeiro ou em qualquer dos ulteriores aumentos de capital e cessará logo que as quotas de todos os sócios, resultantes desses aumentos, sejam proporcionais às que lhe caberiam pela aplicação do critério aí referido.

Sete — Para efeitos dos números 5 e 6, a gerência deverá dar conhecimento aos sócios, por carta registada, do aumento de capital que a cada um couber, devendo este aumento ser realizado no prazo de 30 dias, nas condições estabelecidas nos números 2 e 3.

ARTIGO QUINTO — Um — Os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que ela necessitar, nas condições que forem estabelecidas em Assembleia Geral.

Dois — Quando mais de um sócio pretender fazer esses suprimentos, serão eles divididos igualmente pelos sócios interessados.

Três — Os suprimentos vencerão o juro da Lei.

ARTIGO SEXTO — Um — Os gerentes a eleger por uma Assembleia Geral, que terá lugar imediatamente a seguir à outorga desta escritura, serão em número de 3, sendo um deles, obrigatòriamente, eleito de entre os 40 sócios com menor quota.

Dois — No caso de morte ou impedimento de algum dos gerentes, será a respectiva vaga preenchida, até ao termo do mandato, por um sócio que será eleito, para essa eventualidade, pela assembleia referida no número anterior.

Três — Os documentos de mero expediente poderão ser assinados por ualquer dos gerentes, mas para obrigar a sociedade é necessária a assinatura de dois gerentes.

Quatro — A gerência será remunerada em conformidade com o que for deliberado em Assembleia Geral.

Cinco — É expressamente proibido aos gerentes obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e mais actos ou documentos estranhos à sociedade e aos negócios sociais.

ARTIGO SETE — Um — A gerência competem todos os poderes de gestão e administração da sociedade, nomeadamente os de:

a) — representar a sociedade em Juízo e fora dele, activa e passivamente;

b) — constituir mandatários, nos termos e para os efeitos do art.º 256.º do Código Comercial ou para quaisquer outros fins, designadamente, os de representar a sociedade perante entidades oficiais ou particulres; e,

c) — nomear os colaboradores que entender necessários, devendo, porém, dar preferência aos sócios, seus familiares ou empregados das empresas associadas, desde que lhe seja reconhecida a necessária competência.

ARTIGO OITAVO — O sócio que for sociedade comercial designará por escrito o seu representante nas Assembleias Gerais ou na gerência, quando for eleito para o exercício desta função.

ARTIGO NONO — Um — A cessão total ou parcial de quotas aos cônjuges, descendentes legítimos do cedente ou entre os sócios é inteiramente livre.

Dois — Na cessão a favor de estranhos é estabelecida preferência, primeiro a favor da sociedade e depois a favor dos sócios.

Três — Para efeitos de poder ser exercido o direito de preferência, previsto no número anterior, o sócio que pretender alienar a sua quota comunicará à gerência da sociedade, por carta registada, com aviso de recepção, o seu propósito e indicará a pessoa a quem tenciona fazer a cessão, o preço e condições de pagamento.

Quatro — No prazo de 20 dias, a gerência convocará a Assembleia Geral Extraordinária a fim de se deliberar sobre o exercício do direito de preferência.

Cinco — Se a sociedade não quiser preferir, será deferido esse direito aos sócios.

Se mais que um pretender preferir, prevalecerá o direito do sócio que possua menor quota.

Seis — Decorridos que sejam 60 dias sobre a recepção da carta referida no numero 3 deste artigo, sem que o sócio receba aviso escrito sobre o exercício de direito de preferência, poderá a cessão ser feita livremente.

ARTIGO DÉCIMO — Um — Qualqur sócio poderá apartar-se da sociedade se for titular de uma quota há mais de 5 anos.

Dois — A Sociedade fica obrigada a adquirir ou a amortizar a quota do sócio que quser exercer o direito de exoneração previsto no numero um, sendo o respectivo preço, na falta de acordo, determinado de harmonia com o disposto no numero 2 do artigo 12.º.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO — Um — Por falecimento ou interdição de qualquer sócio ou dissolução de sociedade associada, a presente sociedade continuará com os sobrevivos ou capazes e herdeiros do falecido ou representante legal do incapaz e o adjudicatário do activo da sociedade dissolvida.

Dois — Os herdeiros do sócio falecido ou adjudicatários do activo da sociedade dissolvida serão representados na sociedade por um deles á sua escolha.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO — Um — A sociedade pode deliberar a amortização de quotas nos seguintes casos:

a) — Por acordo com o sócio;

b) — Na hipótese prevista no artigo 10.º;

c) — Tratando-se de quota penhorada ou que seja por qualquer outra forma objecto de apreensão judicial;

d) — No caso de cessão, total ou parcial a estranhos, sem o prévio consentimento da sociedade;

e) — Quando qualquer sócio infrinja gravemente os seus deveres para com a sociedade, causando-lhe ou podendo vir a causar-lhe prejuízos sérios.

Dois — Nas hipóteses previstas nas alíneas b) e d) do numero um, a amortização deve ser deliberada nos 3 meses imediatamente posteriores ao conhecimento pela sociedade do facto que a permite, e o preço da amortização será igual ao valor da quota que resultar do ultimo balanço aprovado, acrescido da parte proporcional das reservas.

Três — No caso referido na alínea c) a amortização considerar-se-á efectuada mediante o depósito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, á Ordem do Juizo competente, da quantia correspondente ao valor nominal da mesma quota.

Quatro — Na hipótese prevista na alínea e) o preço da amortização será o valor nominal da respectiva quota.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO — As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 8 dias, sem prejuizo das formalidades impostas por Lei, para casos especiais e só poderão reunir em primeira convocação, se estiverem presentes sócios que detenham metade do capital.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO — Um — Em 31 de Dezembro de cada ano será dado um balanço geral dos negócios da sociedade, cuja cópia deverá ser enviada aos sócios com a antecedência mínima de 10 dias em relação á data marcada para a reunião da Assembleia Geral.

Dois — Os lucros líquidos apurados, depois de deduzida a percentagem de 5 % para o fundo de reserva legal, serão repartidos, obrigatòriamente, pelos sócios na proporção das suas quotas.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO — Um — A sociedade dissolve-se unicamente nos casos previstos na Lei.

Dois — Em caso de dissolução, a Assembleia Geral deliberará sobre a forma de liquidação e partilha.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO — Para as questões entre os sócios e a sociedade, é competente o foro da comarca do Porto, com expressa renuncia a qualquer outro.

ESTÁ EM CONFORMIDADE COM O ORIGINAL.

Sexto Cartório Notarial do Porto, aos 9 de Agosto de 1971.

O 2.º Ajudante do Cartório,
Joaquim da Costa Ramos

Actualidade internacional

IRLANDA DO NORTE

O derramamento de sangue poderá continuar

LONDRES, 12 — (R) — O general «Sir» Harry Tuzo, comandante das tropas britanicas na Irlanda do Norte, declarou que o derramamento de sangue poderá continuar ali até ao fim da semana, recomeçando mais tarde, após uma pausa.

Falando em Belfast a um jornalista do «Guardian», o comandante britanico manifestou-se, no entanto, convencido de que a situaçãov actual começará a melhorar em breve.

Pelo menos 22 pessoas já perderam a vida e muitas dezenas ficaram feridas nos três dias de luta em Belfast, Londonderry e outros pontos da província, mas o general disse que a prisão de 70 por cento dos elementos considerados mais perigosos permitirá ao Exército dominar militarmente a situação.

APLO DA DEPUTADA BERNADETTE DEVIN

COOKSTOWN (IRLANDA DO NORTE), 12 — (FP) — Bernadette Delvin, deputada do Médio-Ulter na Camara dos Comuns, lançou ontem, um apelo á mobilização maciça «para libertar os presos políticos. Eles começaram o combate, nós acabá-lo-emos. somos um povo, venceremos» — disse ela.

Foi do alto da meia duzia de degraus da entrada de uma mercearia da rua grande de Cookstown, ao cair da noite, com os seus longos cabelos espalhados sobre os ombros, que a irrequieta e jovem deputada católica lançou o seu apelo.

A DEPUTADA BERNADETTE DEVLIN, de 24 anos, deverá ser mãe dentro de semanas. Entretanto, regressou à Irlanda do Norte, logo após o recomeço dos sangrentos incidentes entre a maioria protestante e a minoria católica daquela provincia do Reino Unido

Melhora o homem de coração artificial

DETROIT, 12 — (F. P.) — Um boletim do Hospital Sinai, de Detroit, anuncia que continua a melhorar como se previa o estado de saúde de Haskell Shanks, a quem o dr. Adrian Kantrowitz aplicou um aparelho cardíaco parcialmente mecânico.

Este aparelho — revelou o vice-presidente do hospital —, a que foi dado o nome de «Patch Booster», tem a forma dum charuto, com 150 mm de comprimento e 44 na sua máxima largura.

É feito de borracha com silicones e de dracon, que serve para substituir a aorta. Tem por finalidade assumir em grande parte a bombagem do ventrículo esquerdo e aumentar o fluxo de sangue que chega ao coração pelas coronárias, e, assim, a energia do músculo cardíaco, além do débito de sangue que irriga o resto do corpo. O «Booster» é alimentado por baterias de cádmio prateado, montadas num cinto.

O dr. Kantrowitz construiu o estimulador cardíaco «Pacemaker», hoje correntemente utilizado, e praticou o primeiro enxerto de coração nos Estados Unidos, em 1967.

POLÍCIAS PRESOS NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 12 — (F. P.) — Catorze membros do «Esquadrão da Morte», incluindo sete polícias, foram presos no Estado da Guanaba — anunciavam ontem os jornais do Rio de Janeiro. Em vários Estados brasileiros estão actualmente a decorrer inquéritos para identificar os membros da organização clandestina, que seria dirigida por polícias. Mais de 300 pessoas teriam sido executadas, no ano findo, apenas no Estado de São Paulo, pelos «justiceiros» do «Esquadrão da Morte».

O comissário Sérgio Fleury e mais 16 polícias são actualmente acusados, em São Paulo, de terem participado nas execuções.

Banda em Pretória no dia 16

PRETÓRIA, 12 (ANI) — O ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, dr. Muller, confirma que o presidente do Malawi, dr. Kamazu Banda, chega no próximo dia 16 a Pretória, para iniciar uma visita oficial de uma semana á Republica da Africa do Sul.

UM CAMPO DE TÉNIS NA ORIGEM DA TRAGÉDIA DE TORREMOLINOS

BANALMADENA, 12 — (F. P.) — Uns trinta operários prosseguiram as buscas, durante a noite, á luz de projectores, para libertar as pessoas que pudessem estar ainda imobilizadas entre os escombros do Hotel Riviera, que ruiu em parte, ontem de manhã, em Banalmadena, junto de Torremolinos.

O desmoronamento de uma parte deste hotel, que oficialmente causou 4 mortos e 11 feridos, parece ter sido mais mortífero. Com efeito, segundo certas testemunhas, duas mulheres da limpeza do estabelecimento teriam igualmente perecido. Mas este acidente — declarou ontem á noite o governador civil da província de Málaga, Victor Arroya — poderia ter sido ainda mais trágico se muitos dos clientes não se encontrassem nesse momento na piscina do hotel ou na praia.

Os clientes acusam os arquitectos: para eles não há duvidas de que a construção de um campo de ténis sobre a cobertura em cimento do bar e do salão foi a causa do desastre. Um turista belga declarou que tinham sido colocadas sobre a cobertura uma camada de areia, uma de cimento e uma de alcatrão. Ontem de manhã, os operários tinham começado a colocar o revestimento final.

Um cliente holandês contou, pelo seu lado, que estava no quarto e subitamente ouviu um ruido «como o de um avião que passasse sob as suas janelas.» Depois de correr para a varanda, tinha podido ver a cobertura do bar, como num filme ao «ralanti», elevar-se lentamente até formar um «V», antes de ir abaixo, como um castelo de cartas, com um barulho de trovão. «Tudo isso durou alguns segundos», acrescentou ele.

Conferência árabe de alto nível

CAIRO, 12 — (A. N. I.) — Três dirigentes árabes vão realizar na próxima quarta-feira, em Damasco, uma conferência de alto nível — anuncia o jornal «Al Ahram», que acrescenta serem os três dirigentes o presidente Sadat do Egípto, o coronel Gaddaf, da Líbia e o presidente da Síria, general Assad.

Será esta a primeira visita de um presidente egípcio a Damasco, desde que a Síria quebrou a sua união com o Egípto em 1961.

Os três países são membros da proposta Federação das Republicas Árabes, que deverá entrar em vigor a 1 de Setembro.

O principal objectivo desta reunião, ainda segundo o jornal, será aprovar o projecto da Constituição da Federação.

PROPOSTA AMERICANA?

TEL-AVIV, 12 — (A. N. I.) — Os Estados Unidos propuseram a realização de uma conferência de alto nível sobre o Médio Oriente, envolvendo além de Israel e os países árabes, as quatro grandes potências — U. R. S. S., Estados Unidos, Inglaterra e França — declara o jornal israelita «Haaretz».

Citando círculos diplomáticos de Washington, o «Haaretz» diz que esta reunião cimeira seria semelhante á conferência de Genebra sobre a Indochina, em 1954.

John Lindsay (agora democrático) é um dos candidatos mais prováveis à presidência dos Estados Unidos

WASHINGTON, 12 — (A. N. I.) — Os democráticos consideram hoje o presidente do município de Nova York, John Lindsay, precisamente como um dos mais prováveis candidatos às eleições presidenciais pelo Partido Democrático, e crêem que Lindsay procurará captar a simpatia dos jovens eleitores, que recentemente adquiriram a capacidade de voto e dos democráticos liberais que se manifestam contra a guerra do Vietnam.

Lindsay terá a vantagem de poder contar votos nos dois partidos e com os dos independentes, mas também será considerado em vários sectores do meio democrático como um intruso, que concorrerá à presidência, sobrepondo-se a democráticos que, para isso, deram uma vida inteira de serviço ao partido.

Robert Dole, presidente nacional do Partido Republicano, produziu este comentário:

«Bem, não penso que constitua grande surpresa para a maioria dos republicanos que Lindsay tenha encontrado acolhimento no partido democrático. Presumo que ele se juntará em breve às esperanças presidenciais do Partido Democrático e não estou certo se a viragem é uma má notícia para os republicanos, porque penso que, há já algum tempo, John Lindsay era apoiado pelos democráticos.

KARL SCHILLER OPERADO

BONN, 12 — (F.P.) — O prof. Karl Schiller, ministro da Economia e das Finanças da Republica Federal Alemã, teve de ser operado urgentemente em Bucareste — soube-se hoje de fonte segura em Bonn.

Trata-se de uma operação ao seio maxilar, operação dolorosa mas que não oferece perigo.

D. ERNESTINA AMARAL DIAS

MISSA DO 7.º DIA

A família participa que se celebra missa na Igreja de N. S. de Fátima às 12 horas, 6.ª feira, 13.

DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO DIAS

MISSA DO 7.º DIA

Sua família participa que amanhã dia 13 pelas 13 horas cerá celebrada Missa do 7.º dia pelo seu eterno descanso na Igreja de Nossa Senhora da Conceição Velha (à rua da Alfândega).

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO CARREGADORES AÇOREANOS, S. A. R. L.

LINHA DOS E. U. A.

Navio porta contentores

N/M «BEAVERMOND»

Sai de Lisboa a 19 de Agosto

para BALTIMORE BOSTON NOVA YORK

Próxima saída a 27 de Agosto

Navio porta contentores

N/M «JOHANNES BOS»

Novo serviço de contentores porta a porta

Recebemos também contentores em regime Cais/Cais. Para todos os esclarecimentos contacte com os n/agentes.

LISBOA — Avenida 24 de Julho, 132 — Tel. 67 71 91

AGENTES EM LISBOA E PORTO

NAVEX — Empresa Portuguesa de Navegação, S. A. R. L. — Largo do Corpo Santo, 28-2.º Tel. 33123/5 — LISBOA-2 e R. Infante D. Henrique, 87, 1.º — Tel. 28611/29101 — PORTO

PORTIMÃO — Alberto Cardoso Ribeiro Azevedo — R. Serpa Pinto, 19 — Tel. 43

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Firmino no «Tour»?

— Hipótese para 1972

Parece, desde já, assegurada a presença de Firmino Bernardino na Volta à França em Bicicleta, edição de 1972, integrado na equipa comandada por Joaquim Agostinho — apenas se aguardando a chegada do dr. Pereira da Silva, actualmente a acompanhar a equipa de futebol «deonina» na sua digressão a África, para total resolução do assunto.

Gribaldy, o «patrão estrangeiro» de Agostinho, pensa que a inclusão de Firmino na mesma equipa do campeão português, poderá ser de grande utilidade — tanto mais que Firmino se apresenta, actualmente, como um dos melhores e mais promissores ciclistas da acanhada panorâmica da velocipedia lusa. E o próprio Agostinho veria de bom grado a presença do companheiro nas estradas gaulesas, tanto mais que o quinto classificado do «Tour», não tem ido com quem conta nas equipas de Gribaldy.

Aventa-se, ainda, como hipótese, a inclusão de outros ciclistas portugueses. E os organizadores da Volta à França não poderão deixar de aceder — uma vez que qualquer equipa chefiada por Joaquim Agostinho terá lugar certo na grande prova francesa.

BENFICA (RESERVA) NA AMÉRICA DO NORTE

A reserva do Benfica, dirigida pelo técnico José Augusto, partiu hoje para a América do Norte. No sábado defrontará o Toronto First (no Canadá), jogando, sucessivamente, com a selecção de Toronto (dia 17), em Boston (dia 20), em New Bedford (a 22) e de novo em Boston (a 26 do corrente). O regresso está previsto para a madrugada de 27.

Deslocaram-se 16 jogadores: Fidalgo, Franque, Barros, Soares, Eurico, Matine (já no Vitória de Setubal), Sarmento, Jordão, Abrantes, Casquinha, Carlos Pereira, Alves, Pedroto, Messias, Diamantino e Toni.

Diamantino e Messias só actuam nos dois primeiros jogos, voltando a Lisboa no dia 18 para seguirem na comitiva de honra que se desloca a Itália.

O dr. Alberto Faria, o massagista João Palhinhas e os dirigentes Constantino Gomes e Fausto Pires acompanham a equipa benfiquista nesta digressão norte-americana.

Lemos: o pé afinado por quatro vezes

FUTEBOL EM EXCURSÃO

SPORTING E PORTO: VITÓRIAS ULTRAMARINAS

Sporting e Futebol Clube do Porto jogaram ontem no Ultramar, defrontando (respectivamente) a selecção da Beira e uma representação de Quelimane.

Na Beira (estádio do Ferroviário) o Sporting bateu o adversário por 2-0. O grupo local, actuando com muito afã, contrariou os «leões», impedindo-os de obterem volumoso resultado.

As equipas:

SELECÇÃO DA BEIRA — Maló (Barros); Mambo, Adeira, Sameiro e Bulha; Paiva, Paulo (Ratinho) e Mário Borja; Zacarias, António Jorge, Manaca (Zeca Simões e depois Braga).

SPORTING — Damas (Botelho); Laranjeira, Caló, José Carlos (Hilário) e Manaca; Gonçalves, Wagner (Mourinho) e Peres (Chico); Nelson, Yazalde e Rocha (Pedro Gomes.

Golos de Yazalde e Chico.

Em Quelimane, o F. C. do Porto goleou rotundamente uma selecção que se dividiu em duas formações para enfrentar os nortenhos.

As turmas:

F. C. PORTO — Rui (Armando); Gualter, Armando Manhiça (Vieira Nunes), Rolando e Leopoldo; Ricardo, Pavão e Bené; Abel (Joaquinzinho), Lemos e Nóbrega.

QUELIMANE (15 minutos) — Guiterres; Pedro, Candeias, Veloso e Ramos; Mota e Perdiz; Lacuna, Alexandre, Condelac e Boura.

MISTO — (restante tempo) — Silvério; Pedro, Candeias, Jerónimo e Moreira; Torres e Bilale; Neves, Julião, Jacinto e Madinho.

Golos de Lemos (4), Abel (2), Nóbrega, Bené e Ricardo. O tento local pertenceu a Rui Serrano.

Nota curiosa: no grupo do Porto alinhou ainda o junior Ho Wing (da Beira) que está a ser examinado por Teixeira com vista ao seu ingresso no «plantel» das Antas.

*

O Sporting joga em Nampula, no próximo domingo.

ANDEBOL DE ONZE

F. C. PORTO CAMPEÃO NACIONAL

F. C. do Porto e Salgueiros disputaram, ontem à noite, no campo eng. «Vidal Pinheiro», o encontro da segunda «mão» da final de andebol de onze, que terminou com a vitória dos «azuis-brancos», por 20-10.

Os portistas, que venceram os dois encontros, conquistaram o título nacional da modalidade.

ANUNCIAM DO BRASIL

PORTUGAL NA «MINI-COPA» COBRARÁ MAIS DINHEIRO QUE A BOLÍVIA E O EQUADOR

RIO DE JANEIRO, 12 — (A.N.I.) — Abílio de Almeida, secretário-geral da Confederação Brasileira de Desportos, em entrevista colectiva á Imprensa, declarou que a entidade brasileira gastará quatro milhões de dólares (cerca de 112 mil contos) com a organização do torneio de futebol «Mini-Copa-1972», em que será disputada a «Taça Independência».

Disse que o torneio será dirigido por 20 árbitros — 8 sul-americanos, 8 europeus e 4 escolhidos na Africa, Asia e América Central.

Os prémios serão os seguintes: 1.º classificado, 50 mil dólares; 2.º, 30 mil; 3.º, 20 mil e 4.º classificado, 10 mil dólares. (Dólar: cerca de 28 escudos).

A quota de cada equipa nos jogos das meias-finais e das finais será de 25 mil dólares. A quota de classificação não foi ainda definida.

Salientou Abílio de Almeida que não se poderá pagar á Argentina, a Portugal e á Jugoslávia o mesmo que se pagará á Bolívia e ao Equador.

As línguas oficiais serão as da F. I. F. A.: francês, espanhol, inglês e alemão.

Perguntaram-lhe por que não era utilizado o português. Respondeu Abílio de Almeida, que nesse caso sómente Portugal e o Brasil se poderiam entender.

Foram escolhidos os membros dos vários «comités», ficando a Comissão Geral entregue ao dr. João Havelange, presidente da C. B. D., e a «sir» Stanley Rous, presidente da F. I. F. A.

FUTEBOL NO «BUCELENSES»

No Clube de Futebol «Os Bucelenses» estão abertas inscrições para futebolistas dos 15 aos 17 anos que queiram representar o clube na categoria de juniores. As inscrições serão aceites às terças, quintas e domingos, dias em que se realizam os treinos.

JOGOS JUVENIS

SETÚBAL

5.ª jornada — *Basquetebol*, feminino, Escalão C — Bombeiros de Palmela-Muses do Sado, 0-26.

Minibasquetebol, feminino, Escalão B — Ninfas do Sado-Bombeiros de Palmela, 8-2.

Mini-andebol, Escalão B, Série A — Camarinha-Casal de Figueiras, 10-3; Bairro Nicolau A-Fontainhas da Praia, 11-4.

Futebol de 5, Escalão C, Série B — Esperançosos-Independente, 14-0; Celtas-Casal de Figueiras, 2-8; Amigos-Académica B, 2-7. Série E — Estrela-Luminosa B, 6-1; Idolos da Baixa-Torreirense, 4-0.

BARREIRO

4.ª jornada — *Minibasquetebol*, Escalão A, Série A — Carliz A-Barreirense B, 20-3; Figueirense-S. F. A. L., 13-14.

Futebol de 9, Escalão B, Série A — 1.º de Maio-Franceses, 2-0; Silveirense-S. F. A. L., 3-0. Série B — Sporting Lavradiense-União, 1-1; 31 de Janeiro-Amoreirense, V./F. c. Série C — Paivense-Casalense, 0-1; Independente-Unidos, não se realizou por desistência do Unidos.

MOITA

4.ª jornada — *Basquetebol* — Arroteense-Capricho A, V./F. c.

Futebol de 9, Escalão B, Série A — União Banheirense-Capricho A, 0-0; Alentejanos A-Ginásio Banheirense, V./F. c. (O Ginásio foi excluído desta competição por ter dado duas faltas de comparência).

Andebol de 7, Escalão D — Os jogos C. R. Instrução Alhos Vedros-Real Banheirense, Racing-Capricho A, foram adiados.

SEIXAL

Ténis de Mesa, masculino, Escalão C, 1.ª série — Carlos Lavado (Paio Pires)-José Sequeira (Seixal), 2-0; Carlos Lavado (Paio Pires)-Estêvão Louro (S. U. Arrentelense), 2-0; José Sequeira (Seixal)-Estêvão Louro (S. U. Arrentelense), 2-0. Apurado: Carlos Lavado.

2.ª série — Alfredo Tavares (Paio Pires)-Rui Cardoso (S. U. Arrentelense), 2-0. Torcato Pereira (Seixal) não compareceu. Apurado: Alfredo Tavares.

3.ª série — Américo Santos (D. Cavaquinhas)-Manuel Landeiroto (Seixal), 1-2; Américo Santos (D. Cavaquinhas)-Fernando Ribeiro (Académica do Seixal), 2-0; Manuel Landeiroto (Seixal)-Fernando Ribeiro (Académica do Seixal), 1-2. Por motivo de cada atleta ter sofrido uma derrota teve que proceder-se a uma (finalíssima». Manuel Landeiroto (Seixal)-Fernando Ribeiro (Arrentelense), 0-1; Manuel Landeiroto (Seixal)-Américo Santos (D. Cavaquinhas), 0-1; Américo Santos (D. Cavaquinhas)-Fernando Ribeiro (Académica do Seixal), 1-0. Apurado: Américo Santos.

4.ª série — Fernando Azinhais (Seixal)-Vítor Figueiredo (S. U. Arrentelense), 0-2; Fernando Azinhais (Seixal)-José Campos (S. Musical 5 de Outubro, Paio Pires), 1-2; Vítor Figueiredo (S. U. Arrentelense)-José Campos 2-0. Apurado: Vítor Figueiredo.

Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve

CEAL

S. A. R. L.

CAPITAL: 70.000.000$00

SEDE: Rua D. Francisco Manuel de Melo, 23-A, 5.º a 7.º

LISBOA-1

Tendo-se procedido em 26 de Julho p.p. ao sorteio de obrigações desta Companhia de 5 % 1959 foram extraídos os seguintes números:

33 026	33 344	34 294	35 290	36 277
33 037	33 354	34 325	35 312	36 281
33 060	33 375	34 356	35 351	36 309
33 076	33 384	34 358	35 415	36 328
33 078	33 390	34 386	35 452	36 344
33 103	33 397	34 425	35 470	36 347
33 127	33 398	34 438	36 034	36 353
33 142	33 409	34 489	36 084	36 363
33 159	33 483	34 492	36 095	36 376
33 160	34 005	35 026	36 100	36 445
33 162	34 020	35 052	36 119	36 485
33 167	34 032	35 108	36 125	36 505
33 229	34 041	35 158	36 223	36 522
33 240	34 148	35 208	36 226	36 523
33 294	34 183	35 237	36 253	36 536
33 309	34 244	35 244	36 255	36 565
33 314	34 293	35 259	36 274	—

Lisboa, 10 de Agosto de 1971.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,
ALIANÇA ELÉCTRICA DO SUL, S. A. R. L.

Francisco Alberto Corrêa Figueira

PRÉMIO INTERNACIONAL DE SINTRA

Uma Organização SONARTE - PUBLIRAMA

com o patrocínio da

SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO

e a colaboração da

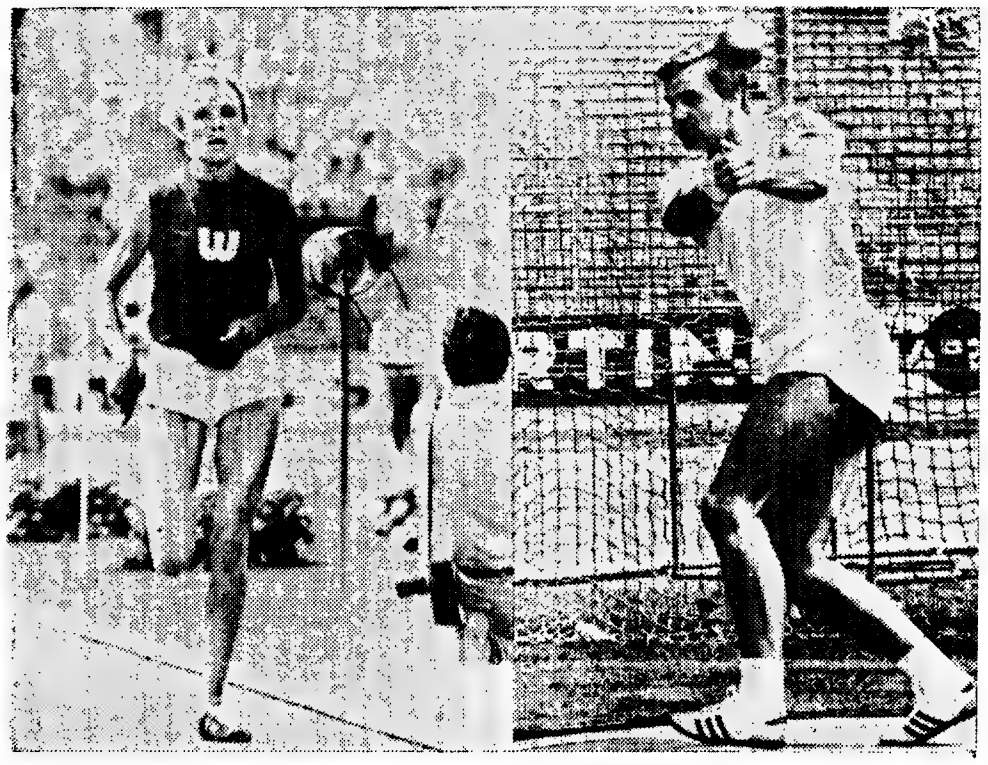
ROBBIALAC PORTUGUESA

com

JOAQUIM AGOSTINHO

E OUTRAS VEDETAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

DOMINGO A PARTIR DAS 15 HORAS



Leve como uma gasela e sem olhar ás rivais, Hildegard Falck (de Wolfsburzo, Alemanha) acaba de bater o «record» de Vera Nikoli na prova de 800 metros, estabelecendo 1 m 58 s e 3/10. Jovem esposa de outro corredor, Hildegard (22 anos) tem atraentes olhos castanhos e cabelo louro. Ao lado, na outra imagem: Uwe Beyer, novo recordista mundial do lançamento do martelo(74,90 metros). O anterior máximo pertencia ao russo Anatoli Bondartschuk, com 74,68 m

«EUROPEUS» DE ATLETISMO — DIA 2

UNIÃO SOVIÉTICA E ALEMANHA ORIENTAL: SEIS TÍTULOS EM SETE POSSÍVEIS

HELSÍNQUIA — A estratificação começou — e não espanta ninguém. Tem a naturalidade das coisas esperads — e nem por isso mata a gloriosa incerteza do Desporto. Pois, com toda a naturalidade, russos e alemães orientais emergem da categorizadíssima generalidade e chamam a si (começaram) a cômpita das medalhas de ouro. Por enquanto, são os russos que levam vantagem — quatro contra duas, quando vão disputadas duas jornadas e sete títulos.

Ontem apuraram-se mais quatro campeões: Valeri Borzov, nos 100 m, com 10,3 s., Jan Lusis, dardo, com 90,68 m, ambos da U R. S. S.; Max Klauss, no comprimento, com 7,92 m e Renata Stecher, nos 100 metros-femininos, com 11,4 s., os dois da Alemanha Oriental.

Claro que as finais dominaram a jornada. É de sempre. Títulos são títulos. E segue-se, ainda, que, nas eliminatórias que completaram o programa, alguns atletas limitaram-se a esforço de qualificação: bons resultados houve, mas nada de especial — que os «especiais» estavam bem distribuídos pelas séries e não havia razão para apertarem... Além dum certo ventinho muito frescote (talvez não tanto como do esquisito Verão que por cá atravessamos) mas que se mostrou contrário aos interesses dos atletas e do público.

Mas amos nas finais. Para já, colocamos em plano de especial evidência o russo Jan Lusis, vencedor do lançamento do dardo. Pela marca, pela distancia a que deixou o segundo (ganhou por 5,38 m ao seu compatriota Deninsh) e porque se trata dum veterano.

Foi, aliás, a unica prova decisiva, em que o atleta se sobrepôs ao conjunto. Nas restantes, impressionou, principalmente, o geral de resultados. Primeiro que todas, o comprimento masculino: repare-se que apenas um escasso centímetro separou os dois primeiros: 7,92 m do alemão Klauss contra 7,91 do russo Ter-Ovanesian, um veterano que não desarma. O próprio 3.º classificado, o polaco Szudronvicz só fez menos 5 cm que o primeiro. No entanto, como a marca vencedora ficou aquem do «record» mundial do americano Bean — um metro menos apenas um centímetro!...

Nos 100 metros, tanto os masculinos como os femininos, também sobressaíram os conjuntos. Na corrida dos homens, o russo Borzov, grande favorito, conseguiu, apesar de tudo, uma diferença maior em relação ao segundo, o alemão ocidental Wucherr — 10,3 s., contra 10,5. Note-se, que o 7.º, o francês Chauvelot, que é uma revelação, fez 10,7 s.

Na corrida de senhoras, as marcas foram menos distanciadas: a vencedora, a alemã Renate Stecher (10,4 s.) conseguiu apenas um décimo de vantagem ás duas seguintes, os «ocidentais» Ingrid Becker e Elfgard. Schittenhelm. A oitava classificada, Anita Neil, da Inglaterra gastou mais 4 décimos que a vencedora.

O DECATLO

Menreu, ainda, referência a primeira jornada do Decatlo, em que dominou a figura dum extraordinário atleta — o alemão oriental Joachin Kirst, que comanda a classificação com 4455 pontos e é o grande favorito ao título. Notáveis as suas marcas nos saltos em comprimento (7,68 m) e em altura (2,16 m). Quase (?) um especialista!...

PROGRAMA DESTA TARDE

Hoje, á tarde, a partir das 16 horas, mais sete finais: Disco, Salto em Altura, 400 m. e 800 m. (femininos), e 800 m. barr. e Decatlo (masculinos).

A jornada inclui, ainda, quatro meias-finais: 200 metros e 100 m. barr. (femininos) e 200 m. e 400 metros (masculinos). Correm-se também eliminatórias de 5000 metros, com acesso á final.

Esta noite:
REUS-BENFICA
em hóquei patinado

Ao alcance dos lisboetas um resultado positivo

• Em jogo o título de campeão da Europa, que nenhuma equipa portuguesa ainda conquistou

Esta noite (22 e 30) em Reus (Espanha), a equipa de hóquei em patins do Benfica defrontará a do Reus — em jogo a contar para a primeira «mão» da segunda eliminatória da «Taça dos Clubes Campeões Europeus».

A expectativa é naturalmente grande, não só pelo reconhecido valor das duas turmas intervenientes, como, também, pelo clima muito especial que rodeia a partida após os acontecimentos extra-jogo que se verificaram em relação ao embate Benfica Voltegrá, na primeira eliminatória.

As possibilidades da equipa lisboeta apresentam-se sensívelmente iguais ás da espanhola — o que significa que a eliminatória será difícil para ambas. Além do mais, o nível do hóquei sobre patins dos dois países não permite vaticínios com um mínimo de segurança.

A comitiva do Benfica

Treze pessoas constituem a comitiva lisboeta: os dirigentes Rui Guedes e Rui Pita; o técnico José Lisboa (que volta ao clube onde se distinguiu como jogador); o massagista Ezequiel Nicolau; o mecânico Alberto Martins; e os jogadores: Ramalhete e Botas (guarda-redes), Casimiro e António José (defesas), Garrancho, Jorge Vicente, Vítor de Sousa e Rodrigues (médios e avançados).

Jogadores experientes — e técnico novo. Esta a «liga» benfiquista que, logo á noite, tentará contrariar a força e os intentos da equipa do Reus, actual campeã da Europa.

O passado luso na competição

Até este momento, apenas as equipas espanholas do Reus e do Voltregá lograram conquistar o título de campeão da Europa: o Reus nos três ultimos anos e o Voltregá em 1966-67.

Entretanto, a carreira das equipas portuguesas na «Taça dos Campeões» é a seguinte:

1966-67: Reus-C.U.F., 3-1 e C.U.F.-Reus, 0-4.

1967-68: Benfica-Mataró, 4-3 e Mataró-Benfica, 3-1.

1968-69: Coutras-Benfica, 5-9; Benfica-Coutras, 7-2; Benfica-Villanueva, 1-0; Villanueva-Benfica, 2-2; Reus-Benfica, 7-1 e Benfica-Reus, 3-0.

1969-70: Remscheid - Porto, 2-10; Porto-Remscheid, 8-8; Porto-Reus, 5-3 e Reus-Porto, 9-4.

1970-71: Benfica-Voltregá, 8-5 e Voltregá-Benfica, 8-5. Na marcação de castigos máximos o Benfica, com 3-0, desempatou a seu favor.

Enfim, o encontro desta noite é, apenas, o primeiro dos dois que Reus e Benfica terão de disputar. Mas pode (ou não) ser decisivo para o resultado da eliminatória — e se ao Reus se exige que, frente ao seu publico, consiga um resultado positivo... ao Benfica «pede-se» que esse resultado não atinja uma expressão demasiado vincada. É que o segundo jogo será realizado em Lisboa...

HOJE À NOITE

HÓQUEI EM PATINS — Taça dos Campeões Europeus: Reus-Benfica, ás 22, em Reus (Espanha).

Campeonatos de Lisboa: Oeiras-Cascais (juniores) ás 22 e 45.

Juvenis: Salesiana-F. Benfica, ás 22 e 45; Sporting de Torres-Benfica, Sintra-C. Ourique, Oeiras-Cascais e Parede-Amadora, ás 22.

Iniciados: Salesiana-B-Benfica, ás 22; Oeiras-Cascais, ás 21 e 30; e Paço de Arcos-Sporting, ás 22.

REUNIÃO — Do Atlético Clube de Portugal com os associados, na sede, ás 21 e 30.

NATAÇÃO EM ELVAS

O Clube Elvense de Natação leva a efeito no sábado, dia 14, pelas 21 horas, nas suas instalações, um torneio de natação dotado com a Taça «Vicente Abreu». Estarão presentes representantes do Clube Elvense de Natação, Sporting Clube de Tomar, C. A. Juvenis de Portalegre, S. M. de Beja, Sporting Clube de Abrantes e Ginásio Clube Figueirense.

A selecção júnior de hóquei patinado mantém-se em estágio no I. N. E. F., a poucos dias de iniciar na cidade alemã de Isherlom a sua apresentação no «europeu» da modalidade. O calendário dos portugueses oferece-lhes os seguintes adversários: França (dia 16), Itália (17), Espanha (18), Bélgica e Holanda (19), Suiça e Alemanha (20) e Inglaterra (a 21)

A jornada de ontem

«A diferença de arranque é verdadeiramente abismal»

—Fátima Matos Fernandes fala das atletas «europeias»

A propósito da 2.ª jornada dos «Europeus» de Helsínquia, Fátima Matos Fernandes, conhecida atleta do S. L. Benfica, disse-nos:

— *No que diz respeito áquilo que a Televisão nos ofereceu, a jornada foi quase totalmente preenchida com provas femininas. Extraordinária a prova de 100 metros, em que a campeã Renata Meissua venceu como se esperava: mas num tempo abaixo do normal. Isso deveu-se, sobretudo, ao vento que soprava contrário e que obrigou a grande esforço das atletas.*

Sobre a valia técnica que a maior parte das atletas apresentou, a benfiquista disse:

— *A extensão da passada, a velocidade no arranque e o alto desenvolvimento físico das atletas é notável. Em relação a nós (portuguesas) só a diferença de arranque é verdadeiramente abismal.*

«Um pormenor que eu gostaria de frisar ainda é a envergadura física das lançadoras. Nitidamente que são mulheres com grande poder físico o que não acontece entre nós».

No que diz respeito ao sector masculino disse-nos:

— *Vitórias normais no lançamento do dardo (do russo Lusis) e no salto em comprimento (do alemão oriental Max Klauss). Desilusão do finlandês Kinnunen, recordista mundial no dardo.*

E quis ajuntar ainda:

— *Espero que estas transmissões da Televisão sirvam para divulgar a modalidade e apareçam agora mais atletas com vontade de fazer «coisas».*

A C. P. INFORMA:

TRANVIAS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO-LAGOS
A partir de 16 de Agosto de 1971

Estação		Horários
Vila R.Stº.Antº.	P	6-35 7-29 8-30 10-20 12-05 14-10 15-30 17-05 18-44 19-05 21-05 23-00
[illegible]	P	7-24 8-00 9-00 11-35 12-46 14-40 16-19 17-52 19-06 19-51 20-15 21-48 23-44
[illegible]	P	7-42 8-26 9-13 11-39 13-04 14-27 14-53 16-39 18-14 19-22 Chegada 20-39 0-00
Olhão	P	7-58 8-48 9-21 11-52 12-40 13-19 14-41 15-01 17-38 18-29 19-35 20-50 22-20 0-14
Faro	C	8-00 8-56 9-30 12-10 12-53 13-35 14-56 15-10 17-46 18-40 19-42 21-08 22-31 0-30
	P	8-35 9-31 11-35 15-12 15-55 17-50 19-44 20-00 21-10 23-07
Loulé	P	9-19 9-51 12-07 15-32 16-09 18-20 20-04 20-30 21-45 23-34
Albufeira	P	9-40 10-09 12-30 15-47 16-30 18-52 20-19 20-54 22-25 23-43
Tunes	C	9-48 10-13 13-04 15-53 17-05 18-57 20-25 21-02 22-20
	P	9-05 10-11 11-15 13-08 15-54 17-11 18-00 19-00 20-27
Alcantarilha	P	6-50 7-56 9-17 10-35 10-25 11-36 13-24 16-05 17-05 18-15 19-17 20-38
Silves	P	7-06 8-14 9-30 10-40 10-36 12-00 13-39 16-14 17-00 18-21 19-26 20-49
Estômbar	P	7-15 8-24 9-39 10-57 10-41 12-16 13-47 16-21 17-40 18-38 19-30 20-56
Portimão	P	7-26 8-37 9-49 11-00 10-50 12-29 13-56 16-28 18-00 19-00 19-42 21-09
Lagos	C	7-46 9-01 10-13 11-38 11-06 12-53 14-24 16-44 18-18 19-30 20-04 21-21

HORÁRIO DAS PRINCIPAIS LIGAÇÕES
ALTO ALENTEJO-BAIXO ALENTEJO
A partir de 16 de Agosto de 1971

						Estação						
	7-10	13-05		18-35	22-00	P Vila Viçosa C			12-23	17-53	23-47	
	7-20	13-12		18-41	22-06	P Borba C			12-17	17-47	23-39	
	7-41	13-25		18-55	22-22	P Estremoz C			11-59	17-29	23-17	
	7-10	13-35		19-05	22-45	P Reguen.Monsar C			11-39	17-09	23-35	
8-10	9-15	14-45		20-21	0-40	P Évora C	7-22	7-22	10-30	16-00	21-40	23-11
8-30	9-45	15-15		20-51	1-08	C Casa Branca P	6-50	6-50	10-00	15-30	21-10	22-45
8-52	9-49	15-19	20-00	20-55	1-21	P Casa Branca C	5-56	6-41	9-48	15-18	20-53	22-35
9-19	10-17	15-47	20-24	21-23	1-56	C V.N.Baronia P	5-21	6-17	9-19	14-49	20-24	22-07
9-40	10-40	16-10	20-45	21-46	2-23	C Cuba P	4-54	5-56	8-55	14-25	20-00	21-46
9-59	11-00	16-30	21-03	22-06	2-48	C Beja P	4-31	5-40	8-35	14-05	19-40	21-26
	11-51	17-21	22-06	23-09		C Serpa-Brinch. P			7-36	13-18	18-53	
	12-08	17-38	22-23	23-34		C Pias P			7-19	13-03	18-38	
	12-29	17-59	22-44	0-03		C Moura P			6-45	12-40	18-15	
10-37					3-39	C C.V.Almodôvar P	3-42					20-41
11-07					4-17	C Funcheira P	3-00					20-10

Todas estas circulações se efectuam diàriamente.

TRANVIAS
LAGOS-VILA REAL ST.º ANTÓNIO
A partir de 16 de Agosto de 1971

Estação		Horários
Lagos	P	7-30 8-00 8-55 9-20 10-30 11-30 13-20 14-40 16-00 18-10 20-05 22-19
Portimão	P	7-57 8-17 9-07 9-51 10-47 12-16 13-40 15-09 16-27 18-27 20-30 22-47
Estômbar	P	8-06 8-25 9-17 10-00 10-56 12-26 13-48 15-18 16-36 18-35 20-40 22-57
Silves	P	8-16 8-32 9-30 10-10 11-05 12-35 13-57 15-27 16-45 18-43 20-50 23-08
Alcantarilha	P	8-27 8-42 9-41 10-22 11-16 12-46 14-07 15-38 16-56 18-53 21-01 23-20
Tunes	C	6-27 8-40 8-51 9-55 10-36 11-29 12-59 14-16 15-52 17-20 19-02 21-13 23-34
	P	6-35 7-00 9-57 10-38 13-05 14-21 15-55 19-04 21-15
Albufeira	P	6-45 7-08 8-59 10-06 10-46 13-12 14-33 16-02 19-11 21-22
Loulé	P	7-07 7-32 9-13 10-33 11-11 13-33 14-47 16-26 19-25 21-43
Faro	C	7-32 8-03 9-31 11-00 11-40 14-00 15-05 16-53 19-43 22-10
	P	7-42 8-20 9-33 10-15 11-41 12-20 13-00 14-03 15-10 16-55 18-[illegible] 19-45 22-11 0-55
Olhão	C	12-34
	P	7-57 8-39 9-43 10-34 11-54 13-17 14-13 15-20 17-15 18-30 19-55 22-21 1-13
Fuseta-A	P	(a) 8-07 8-52 9-51 10-48 12-04 13-31 14-21 15-28 17-29 18-44 20-03 22-35 1-28
Tavira	P	8-24 9-13 10-06 11-10 12-24 14-41 15-41 17-49 19-05 20-18 22-56 1-46
V.R.Stº.Antº.	C	9-06 10-02 10-30 11-52 13-02 15-24 16-06 18-38 19-56 20-41 23-41 2-30

(a) - Paragem na estação da Fuseta

MECANOGRAFIA

CURSO PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
SISTEMA I. B. M.
INÍCIO EM 17-8-71

* Condições especiais p/ estudantes
* Grátis manual completo do curso

Abertas as matrículas

IGRECI

Avenida Defensores de Chaves, 60, 3.º-Dt.º
Telefone 77 65 77 LISBOA

VENDEDOR-GERENTE

Firma de boa projecção no País, admite pessoa idónea para orientar e aumentar em Lisboa as vendas de Bebidas Nacionais e Estrangeiras de marcas consagradas.

Dá-se preferência a quem estiver bem relacionado com a Indústria Hoteleira, Confeitarias, Mercearias, Bars, etc.

Resposta com Curriculum Vitae ao N.º 3543 — OPAL — Rua do Bonjardim, 276-2.º — Porto.

HORÁRIO DAS PRINCIPAIS LIGAÇÕES
LISBOA-ALENTEJO-ALGARVE
(Via Sul)
A partir de 16 de Agosto de 1971

			Estação			
6-30	22-25	P	Lisboa (Terreiro do Paço)	C	8-45	
7-05	23-10	P	Barreiro	C	8-10	
8-13	0-28	P	Vendas Novas	C	6-47	
8-10	0-40	P	Évora	C	7-22	23-11
8-52	1-21	P	Casa Branca	C	5-56	22-35
9-20	1-57	P	Vila Nova da Baronia	C	5-21	22-15
9-41	2-25	P	Cuba	C	4-54	21-46
10-02	2-55	P	Beja	C	4-24	21-19
10-38	3-43	P	C.Verde-Almodôvar	C	3-38	20-40
11-12	4-19	P	Funcheira	C	2-10	19-52
11-55	5-25	C	Sabóia	P	1-00	19-10
12-21	5-58	C	S. Marcos	P	0-30	18-46
12-36	6-14	C	Messines	P	0-11	18-31
12-48	6-27	C	Tunes	P	23-51	18-15
13-10	6-52	C	Alcantarilha	P	23-20	17-49
13-22	7-06	C	Silves	P	23-08	17-38
13-31	7-15	C	Estômbar-Lagoa	P	22-57	17-28
13-38	7-26	C	Portimão	P	22-47	17-20
13-58	7-56	C	Lagos	P	22-15	17-00
12-59	6-45	C	Albufeira	P	23-34	18-03
13-14	7-07	C	Loulé	P	23-07	17-48
13-35	7-32	C	Faro	P	22-40	17-27
13-51	7-57	C	Olhão	P	22-20	17-14
14-10	8-24	C	Tavira	P	21-48	16-55
14-42	9-05	C	V.R.Stº.António	P	21-05	16-25

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	450$	—	450$
Consolidado 3%	462$	—	462$
Consolidado 3 1/2%	580$	—	—
Centenários 4%	1.319$	—	1.319$
Obrig. Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1 Série	—	580$	—
Externo 1 Série 6.	—	590$	595$
Externo 3 Série	—	700$	—
Externo 3 Série 6.	—	720$	—
Cautelas 1 Série	—	160$	170$

OBRIGAÇÕES	Efec.	Compra	Venda
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	865$	—
A P I 5% 58	865$	—	—
C P 4 1/4% 65	—	830$	—
C P 5 1/4 61	—	950$	970$
C U F 6%	—	945$	—
C U F 6% 68	945$	940$	—
Gás Elect 4% 48	—	—	870$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	870$	—
Gás Elect 5% 52	—	—	—
Gás Elect 5% 53	—	800$	840$
Gás Elect 5% 59	—	—	840$
Gás Elect 5% 62	—	961$	—
Gás Elect 5% 63	—	961$	970$
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	985$	—
H E A Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	745$	740$	745$
H E Cávado 6%	—	960$	—
H E Douro 5%	—	740$	—
H E Douro 6%	—	960$	980$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	950$	950$	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	950$	—
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	985$	—
Moçambique 5%	—	—	600$
Nac Elect 5%	750$	750$	760$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	845$	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	720$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	730$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	730$	—
Sonete 5%	810$	810$	—
T A P 4%	—	900$	—
Termoelec Port 5%	—	740$	—
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	92$5
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	75$	76$
U E P 5% 60	740$	730$	740$
U E P 5% 63	—	—	—

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Rua do Ouro 52-54—LISBOA—Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO —— Telex 47 ALAPI P

ACÇÕES	Efec.	Compra	Venda
Bancos			
Agricultura	2.125$	2.120$	2.130$
Alentejo	1.132$	1.130$	1.135$
Angola	—	4.080$	4.140$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	7.800$	7.800$	7.900$
E Santo	6.980$	6.960$	6.980$
E Santo n.	—	—	—
Fonsecas s. p.	—	—	—
Fomento	—	2.800$	2.850$
L & Açores p.	—	—	—
L & Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	—	6.610$	6.700$
Portugal n	3.500$	3.450$	3.520$
Portugal p	—	3.900$	4.000$
Totta Aliança	4.500$	4.480$	4.520$
Ultramarino n.	3.930$	3.920$	3.950$
Ultramarino p.	4.315$	4.310$	4.330$
Seguros			
Alentejo	140$	139$	141$
Douro	—	—	—
Mundial	955$	950$	960$
Sagres	—	3.000$	3.500$
Tranquilidade	—	80.000$	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	700$	695$	710$
Ag Cassequel	715$	710$	720$
Ag Incomati	—	—	1.700$
Ag Neves	—	—	—

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Ag S Tomé e Príncipe	—	195$	200$
Boror	—	—	—
Buzi	—	70$	71$5
Cabinda	—	175$	180$
Diamantes Angola	—	191$5	195$
H E Revué	580$	580$	590$
Ilha do Príncipe	—	570$	700$
Moçambique	178$5	178$	179$
Sonete n.	—	—	—
Sonete p.	—	385$	395$
Zambézia	64$	64$	65$
Diversas			
Cidla	6.900$	6.900$	7.000$
Cim Leiria	—	—	4.350$
Cim Tejo	—	—	—
Col Navegação	—	—	1.480$
C U F	—	1.400$	1.600$
TAP	1.370$	1.350$	1.370$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	3.700$
Petroquímica	1.180$	1.170$	1.200$
Port e Colónias	970$	970$	980$
Port Celulose	—	3.500$	3.750$
Port Pesca	—	—	1.180$
Port Tabacos	556$	555$	560$
Sacor	—	3.850$	3.870$
Siderurg Nac	2.445$	2.440$	2.450$
Socel	3.305$	3.305$	3.310$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	6.100$	6.050$	6.100$
U F Azoto	665$	660$	670$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	410$	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
C P Electricidade	1.122$	1.122$	1.123$
C P Electricidade n	1.115$	1.110$	1.115$
C P Electricidade 1969	—	—	—
Eléct Beiras	—	680$	700$
Gás Electr	366$5	366$5	367$
H E Alto Alentejo	183$	183$	183$5
H E Norte Portugal	—	236$5	245$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	192$	192$	193$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	—	—
F I D E S	—	122$6	126$3

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	5-8-71	11-8-71	12-8-71
GERAL	150,2	150,3	**150,8**
METROPOL.	148,4	148,2	**148,6**
ULTRAM.	163,3	166,1	**166,6**

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	35$00	37$50
Alemanha — Marco	8$10	8$45
América:		
— Dollars de 1 a 4	27$80	28$30
— » de 5 a 20	28$10	28$60
— » de 50 a 1000	28$20	28$70
Argentina — Peso Novo	4$00	5$50
Austria — Schilling	$4	$9
Belgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	3$50	4$80
Canadá — Dólar	27$40	28$00
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$405	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$90	8$25
Inglaterra — Libra	68$30	70$30
Itália — Lira	$044	$047
Marrocos — Dihran	5$00	5$60
Noruega — Coroa	5$35	5$65
Suécia — Coroa	3$85	4$15
Suíça — Franco	6$95	7$20
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	310$00	330$00
Inglaterra — 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino — Barra	39$50	41$50

J. BURNAY, L.ᴰᴬ Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Notas estrangeiras
Tel. 231278

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures

A N Ú N C I O

Concurso público para fornecimento de 2 000 contadores eléctricos monofásicos de 220 volts — 5 amps e 300 contadores eléctricos trifásicos de 380 volts — 5 amps — 4 fios

Recebem-se propostas em carta fechada, na Secretaria dos Serviços Municipalizados, até às 15 horas do dia 31 de Agosto em curso, para o fornecimento em epígrafe.

O caderno de encargos e programa de concurso estão patentes na referida Secretaria, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 6 de Agosto de 1971.

O Presidente do Conselho de Administração
Luiz Filipe da Cunha de Noronha Demony

A C. P. INFORMA:

HORÁRIO DAS PRINCIPAIS LIGAÇÕES
LISBOA — ALTO ALENTEJO (via Casa Branca)

A partir de 16 de Agosto de 1971

							Estação							
-	-	-	17-00	-	-	P	Lisboa (Santa Apolónia)	C	-	-	9-35	-	-	-
6-30	7-20	12-50		18-20	22-25	P	Lisboa (Terr. do Paço)	C	6-05	8-45		12-20	17-55	23-35
7-05	8-00	13-30		19-05	23-10	P	Barreiro	C	3-08	8-10		11-40	17-10	22-47
8-12	9-01	14-31	19-19	20-05	0-23	C	Vendas Novas	P	2-07	6-57	7-18	10-38	16-08	21-45
8-47	9-44	15-14	19-52	20-49	1-13	C	Casa Branca	P	1-30	6-02	6-47	9-58	15-28	21-05
9-45	10-30	16-00	20-21	21-40	2-07	C	Évora	P	0-40	5-10	6-15	9-13	14-45	20-21
-	11-39	17-09		22-35	3-05	C	Reguengos de Monsaraz	P	22-45	-		7-10	13-35	19-05
-	11-59	17-29	Automotora directa «GIRALDO»	23-17	-	C	Estremoz	P	22-22	-	Automotora directa «GIRALDO»	7-41	13-25	18-55
-	12-17	17-47		23-39	-	C	Borba	P	22-06	-		7-20	13-12	18-41
-	12-23	17-53		23-47	-	C	Vila Viçosa	P	22-00	-		7-10	13-05	18-35

Todas estas circulações se efectuam diàriamente.

Entre Lisboa e Estremoz, Borba e Vila Viçosa pode também viajar via Entroncamento, mediante um pequeno aumento de preço

CARTAZ DOS CINEMAS ✱

✱ CONDES

Telefs 322523-326710

Grupo D — (M. 18 anos)

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45

DOIS À ITALIANA

com Sophia Loren, Vittório Gassman

Ar condicionado Metrocolor

✱ VOX

Tel. 720808

As 15.15, 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA DE ÊXITO!

Grupo D — M 18 anos

JEAN-PIERRE CASSEL e STÉPHANE AUDRAN num filme onde o amor, o ódio e o oportunismo se conjugam aliciantemente!

A RUPTURA

✱ AVIS

Tel. 47163

As 15.30 e 21.45

11.ª SEMANA

(Grupo C — M 14 anos)

A «Love Story» de sempre

ROMEU E JULIETA

com Olivia Hussen e Leonard Whiting TECHNICOLOR

✱ POLITEAMA

Tel 326305

NOVOS FILMES NO CICLO: SEMANA DO BOM COW-BOY

Às 14.30 e 17:

A obra-prima de Howard Hawks

CÉU ABERTO

com Kirk Douglas

Às 19 e 22:

A epopeia de John Ford

FORTE APACHE

com John Wayne e Henry Fonda

1.º PRÉMIO DO FESTIVAL DE LUCARNO

Grupo B — M. 10 anos

Preços Especiais de Verão

✱ ODEON

Telef. 326283

As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

5.º MÊS! — 17.ª SEMANA DE ÊXITO SENSACIONAL COM O ARROJADO FILME

A PISCINA

com Alain Delon e Romy Schneider

UM APAIXONANTE DRAMA DE AMOR, CIÚME E CRIME

✱ MONUMENTAL

Tel. 555131

Às 15.15 e 21.30

(Grupo D — M. 18 anos)

Claudia Cardinale em

UMA ROSA PARA TODOS

✱ SATÉLITE

(Adultos) Tel. 562632

Às 15.30-18.30 e 21.45

25.ª SEMANA

COISAS DA VIDA

com Michel Piccob e Romy Schneidy

Situado no edifício do Monumental

✱ MUNDIAL

Tel. 538743

As 18.30 e 21.45 horas

(M. 10 anos)

James Stewart, Katharine Ross e Doug McClure num dos filmes de que Hollywood se pode orgulhar!

O VALE DA HONRA

Um sensacional «western» em belíssimo technicolor!

— AR CONDICIONADO —

✱ CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 26462176

Às 17 e 21.30

AEROPORTO

(AIRPORT)

Panavision - Technicolor

Hábil mistura de realidade e fantasia, num invulgar espectáculo dominador e excitante.

com: Burt Lancaster, Dean Martin, Jean Seberg, Van Heflin e Dana Winter.

✱ TIVOLI

(Grupo D - 18 anos) Tel. 50595

Às 3 e 6.15 da tarde (p. red) e 9.30 da noite

EM 3.ª SEMANA

Um filme policial empolgante:

A TESTEMUNHA

com Mark Lester, Lionel Jeffries, Susan George e Peter Vaughan.

✱ BERNA

(M. 10 anos) Tel. 776098

5.ª SEMANA A RIR!

As 18.30 e 21.45

Woody Allen e Janet Margolim na sensacional comédia colorida onde o imprevisto acontece sempre!

O INIMIGO PÚBLICO

Um êxito de gargalhada!

— Ar condicionado —

✱ ALVALADE

Tel. 717480

Grupo C — (M. 14 anos)

As 15.15 e 21.45 h.

CRESCE E APARECE

Tão perverso na ambição e no crime como insignificante perante o amor

com Jane Birkin, Michael Duhn e D. Presson

APOLO 70

Av. Júlio Dinis — Tel. 763319

Grupo D (18 anos)

Às 14.30, 16.45 e 21.45 horas

6.ª SEMANA

A REVELAÇÃO DO CINEMA CHECOSLOVACO

OS AMORES DE UMA LOIRA

Uma obra-prima de MILOS FORMAN

Às 19 h.: TER OU NÃO TER, de Howard Hawks com Humphrey Bogart e Lauren Bacall (Adultos)

✱ ROYAL

Tel. 865037

Às 15 e 21 h.

(Grupo D - Maiores de 18 anos)

MATA-ME DEPRESSA QUE TENHO FRIO

✱ ROMA

Tel. 727778

Às 15.30 e 21.45

Grupo D — (M. 18 anos)

A divertida história

DOIS À ITALIANA

com Sophia Loren e Vittorio Gassman Technicolor

✱ EDEN

Tel. 320768

Grupo D — (M. 18 anos)

As 15.15, 18.30 e 21.30 h.

A VIDA É UM ALIBI

Um filme dirigido e intrepretado por Vitorio Gassman, Aolfo Celi e Luciano Lucignanli

✱ IMPERIAL

Tel. 821933

(Grupo C - Maiores de 14 anos)

Às 21 horas

UM DOMINGO EM NOVA YORK

A FUGA DE TARZAN

(ar condicionado)

✱ EUROPA

Tel. 661016

As 15.15 e 21.30 h.

Grupo B (M. 10 anos)

70 m/m color.

Poderoso, espectacular! Único na História do Cinema

AS SANDÁLIAS DO PESCADOR

c/ Anthony Quinn e Orson Welles

✱ RESTELO

Tel. 610375

Às 21.30 horas

(M. 17 anos)

OS INSACIÁVEIS

com George Papard, Alan Ladd e Carol Baker.

✱ LIDO

As 21.30 Tel. 937593

Grupo B (M. 10 anos)

Um filme extraordinàriamente movimentado!

SETE VEZES SETE

c/Paul Stevens e Terry Thomas

✱ SÃO JORGE

Grupo B 10 anos Tel. 54188

Hoje às 21.30 — ESTREIA

Rosalind Russell, Mata que se farta!

A INCRÍVEL AVENTURA

Às 15.15-18.15 - Últimas exibições

AGÊNCIA DE VIGARICES

Grupo D - 18 anos

✱ ESTUDIO 444

Grupo D-M/18 anos

Às 15.30, 18.30 e 21.45

11.ª SEMANA

O triunfo de Antonioni

DESERTO VERMELHO

com Monica Vitti e Richard Harris TECHNICOLOR

✱ LIZ

Tel. 48560

Às 21 horas

Grupo B (M. 10 anos)

A RAPARIGA DO AUTOCARRO

UMA AVENTURA LOUCA

✱ outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

C. M. L. (Estufa Fria) — Às 21 e 30: «Bâton» (18 anos).
GIL VICENTE — Às 22: «Princesa de Borgonha» (18 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Querida Mamã» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Só as borboletas são livres» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Uma cama para toda a gente» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Argoman — Superdiabólico» (10 anos).
CINEARTE — Às 21: «Internato de Raparigas» (18 anos).
PARIS — Às 21: «O acossado» (18 anos)
JARDIM — Às 21: «Manequins desfigurados» (18 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Ned Kelly» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Django desafia Sartana» (10 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «O Homem que matou Liberty Valance» (10 anos)
IDEAL — Às 21: «Detective em acção» (17 anos).
CASTANHEIRA — Às 21 e 30: «Como matei Rasputine» (10 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Nunca foram vencidos» (10 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «Taurus, filho de Átila» (10 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Darling Silli» (17 anos).
OEIRAS — OEIRS-CINE — Às 21 e 15: «Alphaville» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Bandidos em Milão» (17 anos).
PAREDE — VICTÓRIA-CINE — Às 21 e 30: «Por mais alguns dólares» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «Aeroporto» (17 anos). PALÁCIO — Às 21 e 30: «Balada para um homem só» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O maior circo do mundo» (6 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O menino selvagem» (10 anos).
MEM MARTIN — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «O Bolero de Raquel» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «O magnífico Intruso» (10 anos).
COSTA DA CAPARICA — COPACABANA — Às 21: «O rendez-vous» e «Onde estavas tu quando as luzes se apagaram?» (17 anos).

● PORTO

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Zeta» (17 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «O presidente do Glorioso Futebol Clube» (10 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Amor de vampiros» (18 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «Perdido no deserto» (10 anos)
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «Como roubar um milhão!» (10 anos)
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Discussão no quarto» (18 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «O momento de morrer» (16 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «O último fica vivo!» e «Os libertadores» (16 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «O destino marca a hora» (10 anos).
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Se tu não existisses» (10 anos).
OLÍMPIA — Às 21 e 30: «A lei do Zorro» (10 anos)
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Serafino» (17 anos)

● COIMBRA

TIVOLI — Às 21 e 30: «Os corredores da montanha» (14 anos).
ESPLANADA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — Às 21 e 45: «Flashman contra o homem invisível» (10 anos)

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 3

AJUDA — **Mendes Gomes**, Calçada da Ajuda, 222, (tel 638256) * **Tapada**, Calçada da Tapada, 83-A (tel. 634721)
ALCÂNTARA — **Ester Nogueira**, Rua de Alcântara, 5-A (tel 637563)
ALFAMA — **Cruz de Malta**, Largo Chafariz de Dentro, 36 (tel 886126)
ALTO DE S. JOÃO — **Dalton**, Avenida Mouzinho de Albuquerque (à Praça Paiva Couceiro), 7-A (tel 843571)
ALVALADE — **Líbia**, Avenida da Igreja, 4-B (tel 711681) * **Celta** — Rua Moura Girão, 3-B (tel 710621)
AMOREIRAS — **Amoreiras**, Praça das Águas Livres, 8-D (tel 6815 5)
ANJOS — **Antolin**, Avenida Almirante Reis, 88-B, tel 44173) * **Magalhães**, Avenida Almirante Reis, 4-D (tel. 49479).
ARCO DO CEGO — **Providência**, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C, (t 770324)
AREEIRO — **Marbel**, Avenida de Roma, 131-A (tel 776235) * **Lusitânia**, Avenida de Roma, 18-A (tel 725443) * **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço 6-B (tel 710331) * **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (tel 710621)
BAIRRO ALTO — **Gonçalves**, Rua da Rosa, 176 (tel 262687)
BAIRRO DA LIBERDADE — **Zenel**, Rua A, 82 (tel. 651840)
BAIXA — **Fermosinho**, Praça dos Restauradores, 18, (tel 30927) * **Normal**, Rua da Prata, 220 (tels 321342-325553)
BELÉM — **Botânica**, R. da Junqueira, 38 (telef 638132).
BENFICA — **Macedo**, Estrada do Poço do Chão, 69-C (t 703697) * **Benfiles**, Estrada de Benfica, 444-A, telef 782606) * **Cente**, Estrada das Laranjeiras 202-B (tel 780841)
CAMPOLIDE — **Nova**, R. de Campolide, 297-C (tel 687475) * **Ronil**, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (tel 683438)
CAMPO DE OURIQUE — **Pinder**, Rua Maria Pia, 514 (tel 687949)
CAMPO DE SANTANA — **Peninsular**, Campo dos Mártires da Pátria, 117 (tel 553308)
CASTELO — **Santa Luzia**, Rua da Saudade, 2-B (tel 869831)
CONDE BARÃO — **Açoriana**, Largo do Conde Barão, 2 (tel 661330)
ENCARNAÇÃO — **Zira**, Praça das Casas Novas lote 66 (Bairro da Encarnação) (tel 310172)
ESTEFÂNIA — **Dália**, R. Açores, 32 (tel 52388)
ESTRADA DA DAMAIA — **Progresso**, Estrada da Damaia, 64-C (t 702226)
ESTRELA — **Linalda**, R. Ferreira Borges 30 (tel 660955) * **Neves**, Rua do Bela Vista, 35 (t 661251)
LUMIAR — **Patuleia**, R. do Lumiar, 22 (t 790332) * **Douro**, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (tel 991131)
MADRE DE DEUS — **Madre de Deus**, Rua do Morgem, 15-B (ao Bairro do Grilo) (tel 382470)
OLIVAIS — **Simão**, Rua Cidade de Cabinda, 6-A (junto à piscina) (telefone 310581)
PEDROUÇOS — **Higilux**, Rua de Pedrouços, 50 (tel 610280)
PENHA DE FRANÇA — **Europa**, Aven. General Roçadas, 27-A (tel 843880) * **Fonseca**, Rua Carvalho Araújo, 46-B (tel 841708) * **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado 20-A (tel 844361) * **Zema**, Rua General Justiniano Padrel, 2 (à Calçada dos Barbadinhos) (tel 832580)
PICHELEIRA — **Matluz**, Calçada da Picheleira, 40 B (tels 720708-728395)
SANTA MARTA — **Moreis Sarmento**, Rua de Santa Marta, 15-A/B (tel 46490)
S. BENTO — **Micael**, Rua de S. Bento, 380 (tel 662162)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — **Berna**, Avenida de Berna, 44-A, (tel 773563), **Sá da Bandeira**, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (tels. 41961-Rua do Vimato, 29-A (tels 48966-553601)

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Miramar** — R. Ernesto Silva, 8' (telef 2 2048)
CAXIAS — **Nova** — Rua Bernardim Ribeiro, -A (tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás** — Rua Costa Pinto, 86 (tel 2432084)
OEIRAS — **Oeiras** — L. Henrique Paiva Couceiro (tel 2430485)
PAREDE — **Macau** — R. José Elias Garcia 60-C (Tel 2471785)
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (tel 263052)
ESTORIL — **Marques dos Santos** — R. Ferreira, J. A 15 (Tel: 260116).
CASCAIS — **Marginal** — Av Marginal (tel 280078) * **A. Costa** — R. Freitas Reis, 24-C (tel 280214)

● Linha de Sintra

AMADORA — **Melo** — P. D João I — Lote 46 — Bairro Janeiro (Telefone 932756 * **Central** — Av Cardoso Lopes, 25 (Tel 932210) * **Igreja** — P. da Igreja, 22-A (Tel 937740) * **Jardim** — Av Conde de Oeiras, loja X-1 — Reboleira (tel 938424)
DAMAIA — **D. João V** — Av Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)
QUELUZ — **Zeller**, Rua da República, 88 (Telefone 950045 * **Correia**, L. do Mercado 3 (Tel 9509061)
CACÉM — **Garcia**, Av dos Missionários 2 (telef 2942 8)
MEM MARTINS — **Quimia**, Est Mem Martins 185 (tel 29 0021)
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (tel 980456)
SINTRA — **Marrazes** (Vila) Largo Rainha D Amélia 29 (Tel 980155)
VENDA NOVA — **Nova** — R. Elias Garcia, 10 Tel. 972530).
COLARES — **Colares** — Azoia (tel 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Gameiro** — L. António dos Santos Jorge, 15 (tel 234 00)
ALHOS VEDROS — **Portugal** — Av da Bela Rosa, 8 (tel 224250)
ALMADA — **Galeno** — R. Capitão Leitão, 85-B (Tel 2760565)
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima** — Est Nacional 221-B (t 2241411).
BARREIRO — **Soares** — Av da República, 1 (Tel 2273023)
COVA DA PIEDADE — **Castro Rodrigues** — L. 5 de Outubro 62 (Tel 270 21)
MOITA — **União Moitense** — Av Dr Teófilo Braga (tel 239025).
MONTIJO — **Moderna** — R. Bulhão Pato, 60 (Telef 230 561)
SESIMBRA — **Lopes** — R. Cândido dos Reis, 67 (tel 229028)
SETÚBAL — **Marques** — Rua Arronches Junqueiro (tel 22783) * **Bonfim** — Av Rodrigues Manito, 12 (tel. 24558)
SEIXAL — **Godinho** — L. da Igreja 5 (telef 218580)

● PORTO

Alívio de Barros, Rua Costa Cabral, 340 (T. 40593) * **Boavista**, Rua da Boavista 60 (Tel 25443) * **Botelho**, Rua de Alegria, 86d (Tel 40069) * **Central**, Rua de Santo António 403 (Tel 21684) * **Contumil**, Rua de Contumil 540 (Tel 45755) * **Cordeiro**, R. S. R. da Lameira 473 (Tel. 51928) * **Garantia**, Rua Fernandes Tomás, 696 (T. 24645) * **Lemos & Filhos, Lda.**, P. Carlos Alberto, 31 (Telefone 2 309) * **Mola**, R. do Campo Alegre, 192 (Telefone 64450) * **Peninsular**, R. Chã, 100-102 (Tel 30707) * **Pinheiro Manso**, R. S. João de Brito 25-29 (Tel. 60692) * **Sá**, Rua Vale Formoso, 181 (Tel 40427) * **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645 (Tel 48697) * **Sen.** Rua Senhora da Luz, 382-Foz (Tel 680127).

● COIMBRA

Machado, R. Bernardo de Albuquerque (tel. 23767) * **Sitélia**, Largo da Sé Velha (tel. 23234) * **Luciano & Matos**, R. da Sofia (tel. 22147 e 22148).

Diário de Lisboa

DL

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente limpo e havia neblina em alguns locais do litoral para norte do Mondego. o vento era geralmente fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima Elvas, 33,2°; mínima, Pedras Salgadas, 0,1°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, e Penhas Douradas, 9° Coimbra, 6°; Portalegre, 26° Lisboa, 22°; Faro 24°; Funchal, 21°

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na água do mar, 6°; na atmosfera 20°

PREVISAO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu pouco nublado ou limpo, com excepção do litoral para norte do Cabo Mondego, onde poderão ocorrer durante a noite períodos de muito nublado e neblina ou nevoeiro; vento fraco a moderado dos quadrantes de norte, podendo soprar a partir da tarde norte-sul no litoral para sul do Cabo Carvoeiro.

Amanhã

Nascer ás 6 e 47

Ocaso ás 20 e 35

Dia 13 Dia 20 Dia 29 Dia 5

MARÉ:

BAIXA-MAR: **Hoje** — 8 e 10 (3,7 m). 20 e 24 (3,7 m). **Dia 13** — 9 e 01 (3,5 m); 21 e 28 (3,5 m). **Dia 14** 10 e 0 (3,4 m); 22 e 53 (3,3 m)

BAIXA-MAR: **Hoje** — e 10 (1,[illegible] m); 13 e 25 ([illegible] m) **Dia 13** — 2 e 04 (1,3 m); 14 e 31 (1,4 m). **Dia 14** 3 e 12 (1,6 m); [illegible] e 5[illegible] (1,7 m)

Bahrein proclama a independência

BEIRUTE, 12. — (F. P.) — Bahrein proclamará a sua independência na próxima semana — afirma o jornal «Al Nahar», segundo o seu correspondente especial no emirato.

GIBSON BARBOSA EM PORTUGAL

(Continuação da 1.ª página)

tirá para Portugal, numa visita não préviamente anunciada.

Segundo o Itamaraty, foi o próprio Gibson Barbosa quem deu instruções aos seus colaboradores mais próximos para que nenhumas informações transpirassem acerca desta sua visita a Lisboa. A partida do ministro teria sido, porém, descoberta pelos jornalistas credenciados no Itamaraty, perante o decreto da presidência da Republica nomeando o embaixador Jorge de Carvalho e Silva, secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores, interinamente, para as funções de Gibson Barbosa durante a sua ausência.

Os motivos atribuídos a Gibson Barbosa para esta subita viagem a Lisboa são de vária ordem, mas a versão que predomina é a de que ele vai tratar junto do prof. Marcello Caetano e do dr. Rui Patrício de medidas importantíssimas para o fortalecimento e dinamização da comunidade luso-brasileira, medidas essas que seriam então oficialmente anunciadas quando da visita ao Brasil do ministro português dos Negócios Estrangeiros, em princípios de Setembro.

REFÉNS PAQUISTANESES

NOVA DELI, 12 — (F. P.) — Os separatistas do Paquistão oriental consideram os soldados paquistaneses e os seus partidários como «moeda de troca contra a vida do xeque Mujibur Rahman», cujo julgamento deve ter tido início ontem — declarou, em Nova Dali, Mizan Ur Rehman, secretário da Liga Awami.

Esta individualidade, falando aos jornalistas, afirmou que os separatistas «responderiam convictamente à morte com a morte» e que numerosos oficiais paquistaneses estavam já em poder dos nacionalistas do Leste.

KATHERINE HEPBURN PEDE QUATRO MILHÕES DE INDEMNIZAÇÃO

NOVA YORK, 12 — (ANI) — A actriz Katherine Hepburn apresentou queixa em tribunal contra a imitação da sua voz — «única» — num programa radiofónico de publicidade a uma marca de arenques.

Afirmando que o anúncio se tornava «humilhante» para ela, Katherine pede uma indemnização de quatro milhões de dólares (114 mil contos).

APÓS A CHEGADA A LISBOA

O Banco Nacional Ultramarino ofereceu um almoço aos astronautas americanos

Com um almoço servido na sua Sede, o Banco Nacional Ultramarino homenageou hoje, os astronautas americanos James Lovell e Stuart Roosa, que esta manhã chegaram a Lisboa.

Lovell e Roosa passarão, em breve, cerca de duas semanas de férias em Moçambique, a convite da Safrique (um dos vários empreendimentos levados a efeito pelo B. N. U. naquela Província Ultramarina) organização que é concessionária da maior reserva de caça da Província e uma das maiores do Mundo (25 000 quilómetros quadrados).

Os dois tripulantes das naves Apolo acompanhados pelas esposas foram recebidos na Sala D. Luís Pereira Coutinho, onde lhes foi oferecida uma breve recepção.

Depois, ao almoço, assistiram, como convidados, o Dr Pedro Feitor Pinto (Director dos Serviços de Informação, em representação do Secretário de Estado da Informação e Turismo), H. Kent Goodspeed (Conselheiro da Embaixada dos E. U. A., em representação do Embaixador americano), o Coronel Perley L. Mosier (Adido de Defesa Aeronáutico) e o Eng.º Mendes Barbosa (vice-presidente do Conselho de Administração da TAP). Presentes, pelo B.N.C., os administradores Embaixador Luís Esteves Fernandes, Drs. António Julio de Castro Fernandes (Presidente do Conselho de Administração da Safrique), Camilo Cimourdain de Oliveira e Pedro de Mascarenhas Galvão e o Eng.º Carlos de Albuquerque Schmidt, membro do Conselho Fiscal do Banco Nacional Ultramarino.

Por seu turno, a Safrique estava, também, presente através de Robert Grant e Bert Klineburger (respectivamente, Presidente e Administrador da «Jonas Bros. Seatle Inc.» representante da Safrique nos Estados Unidos) e pelo Administrador Adelino Serras Pires. Alguns dos convidados encontravam-se acompanhados de suas esposas.

Aos dois viajantes do Espaço foram ofertadas artísticas medalhas comemorativas do centenário do Banco e, ás esposas, peças de ourivesaria portuguesa.

A C. P. EXPLICA COMO SE DEU O DESASTRE DE PINHEL

Do Serviço de Informação da C. P. recebemos o seguinte comunicado:

«Relativamente ao acidente ferroviário, ocorrido ontem próximo da estação de Pinhel, linha da Beira Alta, ao qual a Imprensa matutina de hoje se referiu de forma destacada deseja esta companhia, esclarecer o seguinte: O desastre em causa não foi pròpriamente de circulação, mas sim de «estaleiro», uma vez que o mesmo — colisão entre um comboio de terras em manobras com uma máquina da renovação da via — ocorreu numa linha, nessa hora interdita à circulação de comboios de serviço público.

Nas causas do acidente, que estão a ser apuradas em inquérito, o denso nevoeiro foi ao que parece, uma das principais determinantes — que vitimou ligeiramente, pessoal trabalhador da renovação da via.

esta quinzena à venda

UMA DAS MELHORES OBRAS
DUM GRANDE ESCRITOR PORTUGUÊS

gaibéus

ALVES REDOL

TEXTO INTEGRAL

15$

111 livros de bolso europa américa

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR.

S. A. R. L.

SEDE: 46, RUA DA CONCEIÇÃO — LISBOA-2

FÉRIAS

Informamos todos os nossos estimados clientes que por motivo de férias anuais estaremos encerrados de 17 a 29 de Agosto.

Apenas ficará de serviço um piquete de mecânicos para qualquer assistência urgente a máquinas de escritório.

Pedimos desculpa aos nossos clientes por quaisquer inconvenientes que eventualmente ocasionaremos.

INQUÉRITO

NAS PÁGINAS CENTRAIS
As respostas de Serafim Ferreira

DL
SUPLEMENTO LITERÁRIO

737 ■ 12 DE AGOSTO ■ 1971

KIERKEGAARD um artigo de eduardo lourenço E PESSOA ou a comunicação indirecta

Sei muito bem que um homem tem o direito de falar da chuva e do bom tempo, mas a questão que me ocupou durante toda a minha vida, foi muito outra... Há uma relação de silêncio que nos religa a Deus e se quebra quando nos entretemos com outrém do que é para nós o mais alto negócio.
KIERKEGAARD — «Diário»

Ah, qualquer coisa,
Ou sono ou sonho, sem doer isole
O meu já isolado coração,
Se as palavras que eu digo nunca [podem
Levar aos outros mais que o sentido
Que essas palavras neles têm...

PESSOA — *Fausto*

Kiekegaard (des-Marstrand)

A CASAIS MONTEIRO

Incapaz de se unir ao todo que lhe daria a paz e o repouso (voto de que ele conhece a insolúvel contradição) Pessoa reencontra o anverso dessa impossível plenitude na plenitude negativa da fruição do nada desse todo. A conclusão do pequeno poema do «canto de ave»:

Nunca, nunca,em nada,
Raie a madrugada
Ou splenda o dia, ou doire no declive.
Tive
Prazer a durar
Mais do que o nada, a perda, antes de [eu o ir
Gozar

encontra em dezenas de outros poemas a mesma correspondência. Uma das mais belas é a do dístico famoso que termina o poema «D. João, infante de Portugal» de *Mensagem:*

O inteiro mar, ou a orla vã desfeita,
O todo, ou o seu nada.

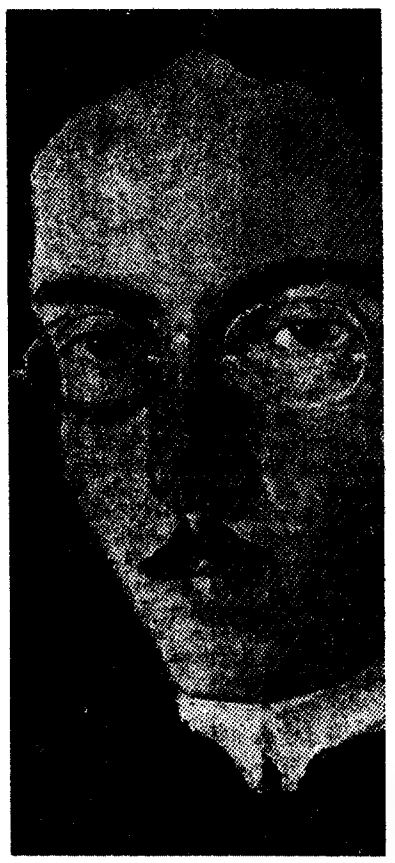
A partilha da sua alma entre esses dois apelos, cuja essência é a mesma, ao menos desde Pascal e do romantismo, foi tão decisiva que nenhum esforço dialéctico teve poder para estabelecer entre eles a ponte salvadora. O tema, a vida, o ritmo único da sua criação poética exprimem os numerosos arabescos dessa dialéctica sem terceiro termo.

A sua tentativa de solução original, mas vivida antes dele, embora sob diversa forma, por Sören Kierkegaard, consistiu, como é universalmente sabido, na criação dos *heterónimos*. Máscaras, mas não da imediata multiplicidade que elas inculcam e em função da qual fizeram correr tanta tinta, o que elas transportam são pedaços de uma túnica retalhada e todavia desejada com desespero sem costura alguma. Casais Monteiro escreveu certeiramente que «o romanesco das despersonalizações é para ele ainda uma forma de criação». Quem perde esta chave perde ao mesmo tempo a porta de entrada no universo poético de Pessoa. Mais importa, contudo, o sentido, o conteúdo dessa criação, o fim a que respondem essas «despersonalizações», que acaso conviria, para pôr termo a uma querela mal iniciada, intitular de *personalizações*. O que Pessoa é como Alberto Caeiro, Álvaro de Campos ou Reis, com efeito, não é *menos* do que aquilo que ele é como Pessoa, mas precisamente *mais*. Por esse excesso de existência que o seu «criador» se não sentia, sairam eles para a luz sem pedir muita licença ao seu autor. Além do mais, esta interpretação tem a virtude simples de ser a mesma de Pessoa, o que é, para nós, o seu mais alto mérito. Sendo assim não há drama algum de «despersonalização» nem é possível deslizar para o leito já preparado de «explicações» psicológicas ou patológicas sem verdadeira relação com a questão essencial a que responde, ou corresponde, a criação heteronímica.

Para poder tratar a heteronímia de Pessoa sob a rubrica da *despersonalização* seria necessário supor uma como que superior e anterior existência ortónima, em relação à qual os heterónimos fossem essa existência diminuída, acidental, sempre referenciada à «vida verdadeira», como acontece na despersonalização. Simplesmente, em Pessoa — e por isso o seu caso é tão extraordinário e a sua heteronimia possui um sentido muito diferente da de Kierkegaard — esse «Pessoa-ele mesmo», não goza de privilégio algum, senão o do registo civil. Sem paradoxo algum, pode até dizer-se que é o mais «heterónimo» dos seus heterónimos, pois será o único que ele jamais «verá» como Pessoa disse que «via» Campos ou Reis. Não há, pois, verdadeiro *drama* ou qualquer conflito *entre* Pessoa, com tão equívoca propriedadade, dito «ele-mesmo» e cada um dos seus heterónimos ou todos em conjunto. *É no não-haver Pessoa, no sentido em que cada «pessoa» crê haver-se* que consistia para ele a dificuldade, ou se se prefere, o drama.

A heteronímia é, realmente, «o drama em gente» de que Pessoa falou, mas ele próprio está entre ela, ou melhor, *ele não é outra coisa que esse drama em gente.* Não há, de um lado, Pessoa, e do outro, os heterónimos. Seria simples de mais e sem grande interesse. A heteronímia é radical ou sê-lo-ia se fosse possível aceitar que o sentimento de *inexistência* e a sua correspondente tradução no plano da linguagem dispensassem a referência a qualquer ortonímia. Uma tal possibilidade é impensável, mas dentro dos humanos limites, Pessoa aproximou-se desta meta ideal de *não ser nada* e, sobretudo, de *não ter um nome para o nada que se é.* Quer dizer, Pessoa não concebeu maneira (e pensou que não era possível) de atribuir *um nome* à sua realidade (senão multiplicando sem limite os nomes...), mas não abdicou da ideia de que havia uma realidade a nomear. A nomeação «Pessoa-ele-mesmo» só é ortónima no evidente sentido empírico. Do mesmo modo, os heterónimos existentes são, só em sentido empírico, a *solução* do «drama em gente». Para um tal drama não havia, e em todo o caso, não houve solução. A heteronímia, tal como a conhecemos, manifesta apenas «o drama em gente», permanecendo aberta, pois heterónimo algum é capaz de reabsorver a dificuldade inteira. Quanto ao conjunto deles mais não fez do que servir de espelho à «ausência» original que lhes deu nascença. É por isso que todo este falso teatro é exemplo ímpar de «comunicação indirecta», mas num grau mais doloroso e radical que a de Kierkegaard, seu inventor solitário. Com efeito, aquele a quem essa linguagem mascarada se destina não é um outro «distraído», a quem só assim se toca, como no caso de Kierkegaard, mas ele mesmo, desde sempre ausente da sua própria casa. O destinatário é este mesmo Pessoa que nos «fala», ficando sem palavra diante do seu próprio enigma.

A bem dizer, só a heteronímia de Kierkegaard merece, com propriedade, o nome de «comunicação indirecta». Os seus numerosos heterónimos — às vezes, quase simples pseudónimos, estão ao serviço de uma estratégia superiormente concertada ou dirigida pelo ortónimo indiscutível, o próprio Kierkegaard. A extrema consciência do abismo que o separa de Deus não impede que ele se sinta presente a si mesmo com aquela intensa opacidade das personalidades imperiosas, nisto muito mais próximo de alguém como Unamuno do que de Fernando Pessoa. Todavia, também a história heteronímica de Kierkegaard comporta aspectos menos concertados do que ele nos desejaria fazer crer, ao reinterpretá-la a anos de distância quando o seu jogo de máscaras já havia adquirido, enfim, aquela póstuma claridade para que fora orientado, mas que não era assim tão clara no momento em que, só como máscara, Kierkegaard podia afinal sair à rua. Quer dizer, também em Kierkegaard a utilização da heteronímia corresponde a uma vertigem abissal diante da figura própria, do destino que ele desejaria interpelar com clara voz, e se esquiva à abordagem directa. Permanece, contudo, o facto de que os Vigilius Haufniersis, os Joahnes Climacus, os Joahnes a Silentio, enfim, todo o carnaval com que durante anos divertiu ou intrigou Copenhague, cumprem o seu destino por conta de Kierkegaard. São as peles inumeráveis de uma única serpente, que o autor da *Repetição* deitará pela borda fora quando chegar a hora do combate sem viseira com a Igreja da Dinamarca, combate sempre adiado e sempre presente para o qual todas as estratégias foram preparação e caminho.



Pessoa (óleo de R. Castãné, 1912)

A profunda diferença entre a heteronímia de Kierkegaard e de Pessoa e que a primeira, no fim de contas, embora tenha uma relação profunda com a complexidade bizarra do personagem e o problema da Verdade que exige para ser escutada pelos homens uma marcha sinuosa ou mascarada, é de ordem apologética e psicológica embora alcance pela sua fundura dimensão ontológica. Tal não é o caso da heteronímia de Pessoa. De raiz é ela ontológica, ma-

(Cont. na pág. 6)

OS CRISTÃOS-NOVOS PORTUGUESES E A INQUISIÇÃO

TRÉPLICA AO SR. ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA/POR I. S. RÉVAH

(Continuação)

B) — *Os «textos institucionais»*

O quimérico bufarinheiro David continua a exaltar a assombrosa erudição do seu procriador: «Há por outro lado, o que podemos chamar os *textos institucionais* a que Saraiva atribui grande importância, como os Regimentos do Santo Ofício, os Regimentos das Confiscações, os Editais da Inquisição, os Privilégios dos Oficiais do Santo Ofício, os Aforismos dos Inquisidores de Fr. António de Sousa. Alguns destes nunca tinham sido aproveitados convenientemente antes de Saraiva». Para justificar esta reivindicação impudente de prioridade, o Sr. David utiliza um esquisito argumento já usado pelo autor de «Inquisição e Cristãos-Novos»: o Regimento inquisitorial *português* de 1640 não é citado por don Julio Caro Baroja no seu enorme livro sobre o criptojudaismo *na Espanha*.

Não vamos fazer a bibliografia dos estudos sobre os Regimentos da Inquisição portuguesa. *O Regimento de 1640, secreto como todos os Regimentos inquisitoriais, foi o primeiro que entrou no conhecimento público*, porque foi reproduzido integralmente *em 1811*, no segundo volume da *Narrativa da perseguição de Hippolyto Joseph da Costa Pereira de Mendonça*, publicada em Londres. Mas, antes do Sr. A. J. Saraiva, nenhum demagogo se lembrou de acusar judicialmente os Inquisidores portugueses que actuaram *desde 1536 até 1639*, utilizando como prova material dos crimes inquisitoriais, um Regimento que esteve em vigor *a partir do dia 22 de Outubro de 1640*. Antes de 1640, a repressão inquisitorial do criptojudaísmo foi sucessivamente orientada:

1.º — pelas instruções (talvez verbais, mas de que não ficou rasto) dadas em 1536 pelo primeiro Inquisidor-mor D. Diogo da Silva;

2.º — pelo Regimento de 1541, descoberto, estudado e publicado (em 1966) por I. S. Révah;

3.º — pelo Regimento de 1552, descoberto, estudado e publicado (em vez, na pág. 104, n.º 32, do seu libelo, 1907) por António Baião (o Sr. Saraiva, na pág. 104, n. 32, do seu libelo, diz que o Regimento de 1552 foi publicado no vol. V do *Arquivo Histórico Português*, mas não dá o nome do editor, nem o título do trabalho de que fazia parte esta reprodução);

4.º — pelo Regimento de 1613, impresso por ordem do Inquisidor-mor D. Pedro de Castilho (e não por D. Pedro de Mascarenhas, como se diz na pág. 76 do libelo saraiviano).

Existem, naturalmente, *diferenças importantíssimas* entre os diversos Regimentos da Inquisição. *Temos a certeza absoluta de que, pelo menos, metade dos Cristãos-Novos perseguidos pelo Santo Ofício português por criptojudaísmo não foram julgados segundo as disposições do Regimento de 1640.* Estatísticas levantadas pelos Inquisidores mostram, com efeito, que:

1.º — entre 1548 e 1632, a Inquisição de Lisboa processou mais de 3565 Cristãos-Novos;

2.º — entre 1567 e 1631, a Inquisição de Coimbra processou pelo menos 0918 Cristãos-Novos;

3.º — desde a sua criação até o ano de 1633, a Inquisição de Évora processou pelo menos 4452 Cristãos-Novos.

Os Regimentos da Inquisição portuguesa são estudados em dois livros *absolutamente fundamentais* para a história do Santo-Ofício e dos Cristãos-Novos. Os dois livros, aos títulos dos quais não há a menor alusão em «Inquisição e Cristãos-Novos», são separatas de artigos que saíram primitivamente em revistas de grande difusão:

1.º — *A Inquisição em Portugal e no Brasil. Subsídios para a sua história*, de António Baião (Lisboa, 1920, 286 e 81 páginas cheias de documentos de alto valor). É uma separata de artigos que se publicaram no *Arquivo Histórico Português*, a partir do volume IV (1906), quer dizer: muito antes da impressão do livro de J. Lúcio de Azevedo, onde o Sr. Saraiva bebeu quase toda a sua ciência de segunda mão. Este excelente livro de A. Baião, o primeiro estudo competente e objectivo sobre a Inquisição portuguesa, é desprezado pelo Sr. A. J. Saraiva que, no entanto, deturpou muitos dos capítulos de outra obra de A. Baião, onde o anedótico ocupa um lugar excessivo, a saber os três tomos dos *Episódios dramáticos da Inquisição portuguesa*. Por uma razão misteriosa, que não consegui apurar, *António Baião nunca é atacado pelo Sr. A. J. Saraiva*, apesar de ser o verdadeiro autor de muitas das «ideias» retomadas por J. L. de Azevedo, Cecil Roth, I. S. Révah, três autores agredidos pelo Sr. A. J. Saraiva. Nos seus numerosos livros e artigos, A. Baião deu múltiplas provas da sua convicção da existência, em Portugal, durante séculos, de uma etnia neo-cristã e de uma religião criptojudia: mas, ao contrário de J. L. de Azevedo, era absolutamente estranho o preconceito anti-semita.

Trajos dos condenados da Inquisição (ao fundo, um auto-da-fé)

2.º — *Os Judeus em Portugal. II. Vicissitudes da sua história desde a época em que foram expulsos até à extinção da Inquisição*, de Joaquim Mendes dos Remédios (Coimbra, 1928. 5 e 455 páginas), separata de artigos publicados nos volumes I - IV (1925-1928) da Revista *Biblos*. Neste livro se publicaram muitos documentos de grande importância, que pertenciam geralmente a livrarias públicas ou privadas de Coimbra.

C — *Os textos polémicos*

O fantasma David acaba a descrição da maravilhosa erudição do seu procriador da maneira seguinte: «Finalmente, há os textos da polémica à volta do Santo Ofício, como as *Notícias Recônditas*, o opusculo de Ribeiro Sanches sobre a origem da designação de cristão-novo, as notícias e comentários de Vieira, de D. Luís da Cunha, do Cavaleiro de Oliveira, as queixas dos Cristãos-Novos publicadas no *Corpo Diplomático Português*: e, em sentido contrário, as representações dos Inquisidores publicadas por L. de Azevedo e no *Corpo Diplomático*, etc.».

David esqueceu Verney, autor importante porque deu o seu parecer em *1765-1766* (quer dizer dois ou três anos antes do fim da perseguição inquisitorial ao criptojudaísmo) e *em Itália* (quer dizer num país onde continuavam a chegar, nesta época tardia, muitos Cristãos-Novos, a maioria dos quais se declaravam publicamente judeus, enquanto os outros, ás vezes parentes dos primeiros, conservavam a máscara cristã para continuarem a desfrutar ou para obterem benefícios eclesiásticos, pensões, procuradorias de bispos portugueses, etc.).

Ao deturpar todos os textos dos adversários da Inquisição, a táctica do Sr. Saraiva é muito simples: pôr em relevo as concessões tácticas dos polemistas e calar as suas teses essenciais. Quase todos os autores (exceptuando o das *Notícias Recônditas*), de Vieira a Verney, pensavam que:

a) havia uma realidade étnica cristã-nova, cuja perpetuação era favorecida pela perseguição inquisitorial e pela discriminação racial;

b) havia uma realidade religiosa criptojudaica, favorecida pelas mesmas causas, que provocava uma intensa emigração de Cristãos-Novos judaizantes.

Quase todos os autores propunham (com mais ou menos clareza, segundo os casos) os remédios seguintes:

a) abolição da discriminação legal e real estabelecida entre as duas «raças» portuguesas;

b) reforma ou abolição da Inquisição que deveria, de todas as maneiras, adoptar os estilos dos tribunais civis, abandonar os procedimentos secretos e os autos-de-fé;

c) *abertura de sinagogas publicas em Portugal*. O Sr. Saraiva utiliza unilateralmente certas declarações do Cavaleiro de Oliveira, autor em geral pouco fidedigno; no entanto, esconde que Oliveira pedia *constantemente* esta medida, ás vezes de forma provocante: «Portugal só será um país próspero e progressivo quando se abolir de vez o tribunal do Santo-Ofício. Antes não. Além disso, nada feito, enquanto, no mesmo lugar onde hoje se acha o Palácio da Inquisição, não plantarem os judeus a Sinagoga» (*Recreação Periódica*, trad. Aquilino Ribeiro. Lisboa, 1922, t. I, p. 115).

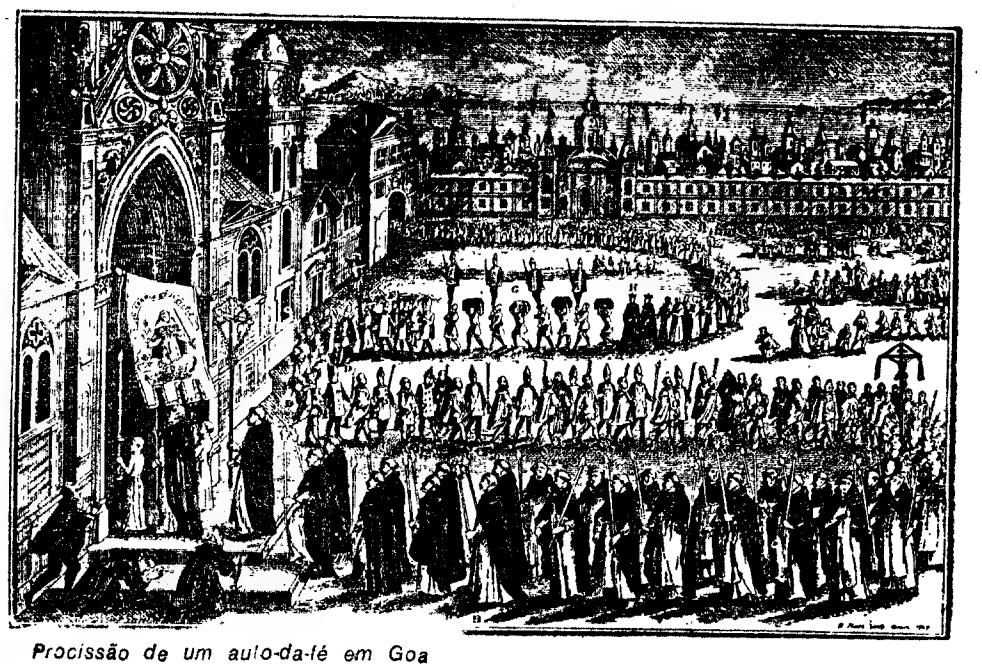
Estes autores pensavam que a abertura de sinagogas publicas produziria a separação entre judaizantes convictos ou tíbios e Cristãos-Novos sinceramente católicos, evitando o contágio de uns por outros. Os católicos não seriam reconduzidos ao criptojudaísmo pela crueldade (e ás vezes injustiça) da perseguição inquisitorial e pela injustiça da discriminação racial. Este pedido de sinagogas publicas confirma a existência de um verdadeiro criptojudaísmo em Portugal entre meados do século XVII e meados do século XVIII.

Com o seu habitual caprichismo, o Sr. A. J. Saraiva quis aumentar, por decisão própria, o numero de adversários da Inquisição. Lê-se na pág. 299 de «Inquisição e Cristãos-Novos»: «A roda de Vieira, íntimo confidente das suas diligências em Roma a favor dos Cristãos-Novos, pertenceu um dos homens mais cultos e eminentes do Portugal seiscentista, Duarte Ribeiro de Macedo, que foi gualmente embaixador em Paris na década de 70, e autor de um «Discurso sobre a introdução das Artes em Portugal» que preconizava uma política económica colbertiana. *Era certamente um adversário da Inquisição, embora dele não restem escritos nesse sentido*, porque durante a batalha contra os estilos do Santo Ofício á volta de 1673, o Padre António Vieira lhe comunica, confidencialmente, tudo quanto a este respeito se trama em Roma» (o itálico é nosso). Publicava-se isto em 1969, mas, no ano antecendente, 1968, a prof.ª D. Virgínia Rau tinha editado (na revista *Do Tempo e da História*, t. II, pp. 24-25) uma carta de Duarte Ribeiro de Macedo ao Secretário de Estado, Francisco Correia de Lacerda, datada de 12 de Setembro de 1671, que prova que Ribeiro de Macedo era um inimigo furibundo dos Cristãos-Novos, cuja expulsão lhe parecia ser a unica solução conforme aos interesses e á fé dos portugueses (ver também a nota de D. Virgínia Rau, no t. III de *Do Tempo e da História*, pp. 197-200).

De toda a literatura acima tratada é preciso separar as *Notícias Recônditas*, panfleto anti-inquisitorial que se integra na renhida controvérsia de 1673-1681, controvérsia que teve sucessivamente por teatro a corte portuguesa e a Cúria Romana. O estudo crítico do panfleto *(que os leitores modernos não conhecem na sua forma original e completa)*, a comparação com outras peças do controvérsia, pró ou anti-inquisitoriais, e com os processos para que o autor do panfleto remete o leitor, fizeram-me abandonar a ideia estabelecida sobre a objectividade essencial das *Notícias Recônditas*. O Sr. David responde que J. L. de Azevedo exaltou a veracidade do panfleto. Paciência! Será um dos «pontos de vista» de Azevedo que não heide «confirmar», e uma ideia não-azevediana que terei extraído dos processos estudados por mim, porque alguns destes processos demonstram que o panfleto falsificava a realidade inquisitorial e que os argumentos, aduzidos pelo Sr. A. J. Saraiva em favor da tradicional atribuição das *Notícias* ao ex-notário do Santo-Ofício, Pedro Lupina Freire, não passam de brincadeiras de mau gosto.

Contrariamente ao que pretende o Sr David, no libelo do Sr. Saraiva não são examinadas as respostas dos Inquisidores portugueses ás acusações levantadas contra a sua acção pela coa-

Auto-da-fé em Lisboa (grav. da História da Inquisição)

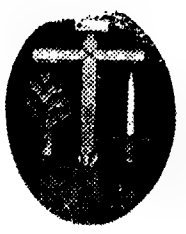


Procissão de um auto-da-fé em Goa

lização dos Cristãos-Novos e dos Jesuítas. Aliás a maior parte da documentação relativa a estas respostas conservava-se ainda inédita.

Com grande surpresa minha, os interlocutores do *Diálogo* não destacam, entre as fontes utilizadas em «Inquisição e Cristãos-Novos», as obras de três Cristãos-Novos peninsulares. No caso de Manuel Fernandes Vilareal e do espanhol Antonio Enríquez Gómez, o Sr. Saraiva limitou-se a deturpar a seu bel-prazer os estudos que publiquei sobre estes autores. Um dos interlocutores (não se sabe bem qual, porque «Afonso» aparece como personagem duas vezes a seguir) enuncia doutamente uma das teses mais ridículas do *Diálogo:* «Saraiva, analisando o significado do *El Político Cristianíssimo*, mostrou que Villa Real é na realidade um precursor da «tolerância» dos Enciclopedistas, tão-pouco judeu como pouco católico, na linha de Uriel da Costa, embora independentemente dele». «AFONSO. São bem fracos, na realidade estes argumentos de reforço aduzidos por Révah. E no entanto ele conhece directamente o processo que tem três mil folhas». Realmente, a improbidade do Sr. Afonso é inexcedível! O processo de Manuel Fernandes Vilareal tem 200 + + 14 + 184 = 398 (trezentas e noventa e oito) folhas.

Vejamos as amizades e as leituras desse «enciclopedista», «na linha de Uriel da Costa, embora independentemente dele». Vilareal passeava em Lisboa, em 1649, com uma carta autógrafa do rabino de Amsterdam, Menasseh ben Israel, o que era pelo menos imprudente, mesmo para um «enciclopedista». Na carta, o célebre rabino dizia a Vilareal: «entonces podré con mas liberalidad y satisfación serv'r a los amigos, y particularmente a Vmd. cuyo ingenio reverencio despues que leí aquellos tan ingeniosos y prudentes *Discursos*». (Na edição de 1642 o título do livro de Vilareal era: «El Político Christianíssimo o *Discursos* Políticos, etc.). Em 14 de Março de 1650, o preso Vilareal, *negativo*, responde ás perguntas da sessão *In genere*. Eis um trecho da sua resposta: «Disse que nunca leu livros que contivessem judaismo nem ceremonias da Lei de Moisés, e sómente leu parte de uns livros que compôs em judeu português, que em nome de Judeu se chama Menasseh ben Israel, e não lhe sabe o nome de cristão, e vive em Amsterdam onde é Gagão (hebraico *hakham* = rabino). E os livros têm por título *Conciliador dos lugares da Escritura no parecer encontrados*, e outro, *da Ressurreição dos mortos*, ambos em espanhol, e outro em língua latina que tem por título *De termino vitae*. E posto que o dito autor é judeu, a doutrina dos ditos livros, quanto ao assunto, não é herética, posto que no discurso consta de opiniões de rabinos e de proposições contrárias a nossa santa fé. E estes livros teve ele réu, e os deu, em Paris (ao marquês de Nisa) o dito *Conciliador*, e os mais lhe mandou de Ruão». Toda a gente sabe que o livro de Menasseh ben Israel, *De la resurreción de los Muertos, libros III*, é principalmente dirigido contra as teses... de Uriel da Costa. Vilareal negou sempre ter oferecido ao Marquês de Nisa o manual de instrução judaica de Menasseh intitulado *Thesouro dos dinin*, e sabemos que esta acusação era caluniosa. Mas, em 20 de Março de 1650, Vilarea', sempre *negativo*, disse na sessão *In Specie:* «Declarou que ele, réu, vio o livro dos *Dinin*, emprestado por Gaspar Gomes de Almeida, a quem o restituiu, e não o teve nem viu mais». No processo figura um testemunho absolutamente fidedigno, segundo o qual se vê outro rabino de Amsterdam, Saul Levi Mortera, o verdadeiro chefe espiritual da comunidade, apreciava muito as obras publicadas pelos dois amigos, Manuel Fernandes Vilareal e António Enríquez Gómez. É inútil citar outros elementos que provam que é absolutamente ridículo afirmar-se que «Villa Real é na realidade um precursor da *tolerância* dos Enciclopedistas, tão-pouco judeu como pouco católico, na linha de Uriel da Costa».



Os interlocutores do *Diálogo* não falam da utilização pelo Sr. A. J. Saraiva da obra do Cristão-Novo Duarte Gomes Solis, *Alegación en favor de la compañia de la India oriental.*

O livro de D. Gomes Solis é citado *oito vezes* em «Inquisição e Cristãos-Novos». Na primeira citação, o Sr. Saraiva oferece a seguinte referência (p. 197, n.º 83): «*Alegación*, ed. de Gentil da Silva, comentada, Lisboa, pág. 209-210». Acontece: 1.º que o Sr. José Gentil da Silva não fez edição nenhuma, com ou sem comentários, da *Alegación;* 2.º que o estudo deste historiador sobre a *Alegación* saiu no tomo VIII das actas do «XIII Congresso luso-espanhol para o progresso das ciências», onde ocupa as páginas 465-537; 3.º, que as oito referências das citações da *Alegación* dadas pelo Sr. A. J. Saraiva correspondem na realidade á «Edição organizada e prefaciada por Mosés Bensabat Amzalak» (Lisboa, 1955: separata dos «Anais do Instituto Superior de Ciências Económicas e Fi[illegible]

(Continua)

Folhetim-artístico

de José-Augusto França

MUSEU, MUSEOLOGIA E «MUTAÇÃO CULTURAL»

JÁ QUE no último folhetim falei de Paris e dos seus Halles de Baltard (obra-prima da arquitectura do ferro infelizmente sacrificada) neste volto a falar de Paris e do grande projecto do «Centre Beaubourg», na vizinhança do antigo mercado, numa zona sem interesse e degradada da cidade velha.

Num vasto quadrilátero do 4.º bairro abriu-se uma clareira para que nela se elevasse um templo novo, de nova idade — um tanto tecnológica e um tanto humanística.

Nestes «tantos» e na sua dosagem reside, aliás, o fundo do problema e a sua gravidade cultural. A era da tecnologia em que o mundo entrou (ou que o mundo atravessa — melhor dizendo, certos de que a História em muitas outras eras ainda virá a entrar) exige dos seus habitantes uma responsabilidade que não pode ser iludida — e que a todos vai tocando na medida do próprio desenvolvimento. «Da palhota à televisão», os povos africanos estão pagando uma entrada na «alegre ocidentalidade» que opõe aos seus «tristes trópicos» — no momento mesmo em que os ocidentais começam a duvidar assaz violentamente da «alegria» que supunham ter e a contestá-la, desejando-se «bons selvagens» em vez de «maus civilizados».

A selvajaria mítica do bom Rousseau e a civilização que ao mesmo tempo foi ilumi. nísticamente encarecida, jogam agora um «cache-cache» complexo que, em termos anglo-saxónicos apropriados, se resolve em situação de «catch» — se me permitem o trocadilho que a hipocrisia e a violência de uns e de outros (ou dos mesmos) justifica.

«Selvagens» ou «hippies» de pé descalço, recusando o bem-estar caríssimo da civilização burguesa ocidental, tomam conta dum caminho de evolução social, contra tudo quanto até agora era definível dentro dos quadros dessa mesma evolução. Quadros maroussianamente «repressivos» que, de subito assim apareceram, numa conjuntura excepcionalmente óptima que mitificou a data de «Maio 68».

...ORA O MUSEU, templo de Musas dos Antigos, teria de ser, naturalmente, abalado pelo vento da contestação. Museu assim, como colunata jónica e frontão, dentro do código neo-palladiano inglês, ou sob outros aspectos idênticamente monumentais — como acreditar nele, dar-lhe um crédito novo? Os futuristas queriam deitar fogo ao Louvre para desoprimirem o seu futuro dum peso passadista. Era tolice de 1910. Em 1968, porém, Restany encabeçou uma milícia artística para se apoderar do Museu de Arte Moderna de Paris, que entrincheirou portas — escapando assim à alegre feira do Odeon... Foi apenas uma peripécia (que logo teria cansado os seus autores, se bem sucedidos) — carnaval necessário e talvez também suficiente no estado actual das coisas. Mas importa reflectir no seu significado — e nessa reflexão vai-se pôr em questão o que o museu seja ou possa ou deva ser, hoje em dia. Com certeza órgão diferente do que era em 1939 — e diferente também do que deveria estar a ser em 1968.

Entre o tecnocrata e o «hippy» (para extremarmos caricaturalmente os exemplos) o museu vê-se, como todas as outras instituições socioculturais da nossa civilização apertado em problemas que não sabem resolver aqueles que embarcaram nestas coisas anos atrás e que, por própria definição do cargo oficial ou oficioso, são necessária e timidamente «conservadores».

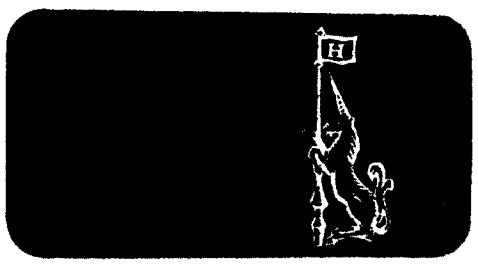
...EIS ENTÃO que Paris, que há muitos anos deixou de ter o museu de arte actual necessário à sua função cultural — vai ter, no «plateau Beaubourg», um centro cultural que será museu e tudo o mais que tende a regenerar dinâmicamente o conceito e a acção do «musée de papa».

Um concurso internacional deu agora o prémio ao jovem arquitecto italiano Renzo Piano — e no quadrilátero da praça elevar-se-á um paralelepípedo de notável circulação aberta, em «loft-space», cujas paredes *abstractas* serão animadas por projecções luminosas, numa decoração estruturalizada em conceito de festa.

De festa que ao mesmo tempo contestará a tradição monumental duma cultura burguesa em mal de tecnologia — e desse mal se servirá para fins de felicidade humanística... A projecção ilusionista torna-se realidade; o psicadelismo integra-se na rua — também as fronteiras entre o carnaval e a quaresma.

CENTRO CULTURAL, centro de artes em espectáculo duma vivência, ou duma convivência permanente (como já os pavilhões de Baltard dos Halles estavam a ser!), uma nova situação assim se cria, posto em questão tudo o mais, em matéria de museus e de museologias.

E pondo-o de tal modo em questão que quem não for capaz de entender as novas regras de imaginação ficará cruelmente fora do jogo de «mutação cultural» que o nosso tempo tem de jogar.



INQUÉRITO

A (NOVA) CRÍTICA EM QUESTÃO

EMBORA, como Eduarda Dionísio, ponha em causa a existência de uma «nova crítica» literária, são de sentido diferente as razões invocadas por Serafim Ferreira. Através da leitura das suas respostas o leitor decerto se aperceberá das marcas dessas diferenças.

Pela nossa parte, e como orientação de leitura, desejamos apenas salientar os seguintes pontos:

1. Para Serafim Ferreira o exercício da actividade crítica põe-se em termos de **«aceitação»** ou **«recusa»;**
2. A valorização atribuída ao longo das suas respostas a noções como **«criação literária», «espírito crítico», «posições pessoais», «intuir pessoal», «experiência pessoal»**, etc.
3. Em relação aos **«problemas da linguagem»** a diferença entre o escritor e o crítico é que aquele os conhece pelo **«lado de dentro»** enquanto este os conhece pelo **«lado de fora»** e por **«via indirecta»**;
4. Para o nosso convidado de hoje não são as **«leituras teóricas que nos desvendam ou levam a aceitar alguns padrões ou critérios de crítica que colocamos depois em prática»**. Para ele, o exercício da crítica faz-se **«a partir da nossa pessoal experiência»**, de um **«intuir pessoal das próprias experiências vividas»**. Parece pois marçar-se aqui uma diferença entre **«experiência pessoal»** e cpe- trechamento teórico. Para Serafim Ferreira, portanto, o apetrechamento teórico parece não fazer parte da **«experiência pessoal»** do crítico.

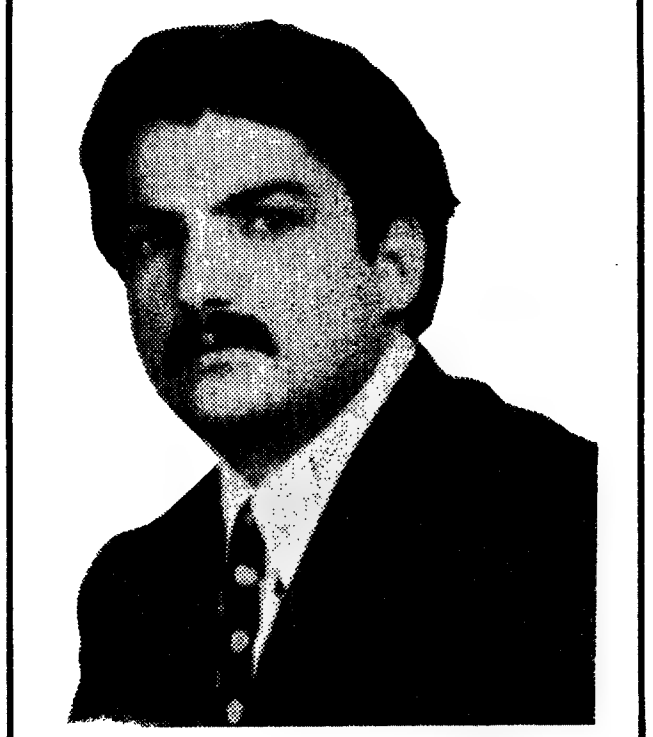
Tendo-se ùltimamente distinguido como polemista, Serafim Ferreira publicou já três livros de ficção **(Noite de Libertação, A Trompete Litoral do Espanto).** Durante alguns anos comentou livros através da página literária do **Jornal de Notícias**, do Porto, da revista **Vida Mundial** e de outras publicações.

As suas respostas ao nosso Inquérito revelam-se extraordinàriamente significativas porque caracterizadoras de um tipo de mentalidade e de um modo de encarar aqui e hoje o exercício de uma actividade crítica.

AS RESPOSTAS DE SERAFIM FERREIRA

1.

NÃO CREIO que exista entre nós o que se possa designar por uma «nova crítica». Pelo contrário, acredito que existem formas diversas de análise literária motivadas, como quase sempre acontece, por certas razões ideológicas, sejam essas razões estéticas, culturais ou de outra natureza. De facto, verifica-se entre nós o surto de uma crítica que procura, na maioria dos casos, fazer a análise da obra literária dentro de esquemas «estruturalistas», encarando o *objecto* literário, tal como Barthes considera, quase exclusivamente como um «sistema de significação». Ora, penso que a uma *nova crítica* devia corresponder necessàriamente uma *nova* literatura (ficção, teatro, poesia, etc.), mas isso parece-me que por enquanto se não verifica entre nós. Existe uma certa informação crítica do fenómeno literário nas suas coordenadas estéticas, mas a essa informação não corresponde uma *efectiva* concretização no plano criador, com obras que estejam ao mesmo nível dessa informação e conhecimento revelado por parte de algumas pessoas que, entre nós, se dedicam à crítica literária, portanto, em moldes que não podem por isso ser eficazes. Assim, a chamada *nova crítica* em Portugal, embora sem grande força e eficácia, tem-se limitado à imposição de *padrões* que se não aplicam à «realidade» literária portuguesa. Enfermando de vícios vários que se amontoam ao longo de muitos anos, a nossa literatura de ficção (e até mesmo a poesia ou o teatro) só nos últimos anos começou a encaminhar-se dentro de coordenadas estéticas que pessoalmente considero significativas, sem esquecer, claro, alguns casos de excepção. Mas a *nova crítica* literária divide-se ainda entre esquemas que, por um lado, querem obedecer e acertar o passo pelos novos padrões críticos (sobretudo pela via estruturalista), mas, por outro lado, continua a debater-se com os problemas que têm muito a ver com a aplicação prática desses esquemas, tantas vezes mais próximos de uma «crítica impressionista» do que à primeira vista se julga. Para mim, aceito que uma *nova crítica* só pode afirmar-se num plano muito difícil de definir: será *nova* nos valores estéticos que aceita ou recusa, portanto, na valorização do que, na criação literária, lhe parece obedecer e corresponder melhor aos padrões afirmados ou já evidenciados por uma *civilização* que muitos dizem estar em crise e outros concordam que se revela ainda enriquecida de valores humanos, culturais e outros de grande significado. Mas repito, uma *nova crítica* literária em Portugal não pode impor-se apenas pelos seus métodos de análise estrutural, deverá antes ter a necessária correspondência no plano estético, no plano da verdadeira criação literária. Ensaiar *novos* métodos de crítica sobre coisas (ou obras) sem interesse poderá ter, na minha opinião, um relativo interesse cultural. Claro que se poderá fazer uma leitura, em «novos moldes» de um Eça, por exemplo, mas o que me parece importante é que a própria obra criadora de Eça continua a afirmar-se mesmo para lá dessa *nova leitura* que hoje se possa fazer (embora não tivesse sido ainda feita). Por isso, é no plano da criação literária que essa *nova crítica* deve achar a sua correspondência e modo de afirmação, seja ideológica ou estética. Quer dizer, a *nova crítica* literária em Portugal depende, quanto a mim, da existência de *novos modos de expressão* literária (autênticamente *novos* e renovadores), que possam originar e justificar a viabilidade estética e ideológica dessa mesma crítica. Porque se é evidente que a crítica (qualquer forma de crítica) só existe em face do *objecto* literário que se critica, também me parece ser exacto (e isso julgo importante) que a *criação literária* — autêntica e renovadora nos seus múltiplos processos criadores — pode apesar de tudo existir sem uma correspondência crítica, seja esta *nova* ou *velha*... (O caso dos melhores poetas e ficcionistas do *Orpheu* é por demais evidente e significativo.) O que me parece ser de colocar em questão, neste caso, são as posições pessoais que *se jogam* (as do crítico e as do escritor) no próprio acto de afirmação, ou seja, aquilo que se aceita, se arrisca e se recusa dentro da linguagem adoptada. Mas acredito que o escritor *se joga* muito mais profundamente, todo de «corpo inteiro», do que o próprio crítico, quando este é exclusivamente crítico e analisa qualquer obra literária do «lado de fora», conhecendo apenas por via indirecta os problemas da linguagem utilizada e manejada na própria criação literária.



Serafim Ferreira: a crítica é feita por todos

2.

PENSO que não há distinção a fazer entre os métodos e processos anteriormente adoptados pela nossa crítica literária. E isto pela simples razão de que muitos textos críticos de um Moniz Barreto, de um Sérgio, de um Casais Monteiro, de um Régio, de um Gaspar Simões, de um Mário Sacramento, de um Óscar Lopes, de um Eduardo Lourenço e alguns outros críticos e ensaístas, que à nossa literatura dedicaram a melhor atenção, continuam a ter e a exercer uma *eficácia* crítica que os «novos» críticos não alcançam, mesmo quando tentam analisar idênticos fenómenos literários ou estudar até os mesmos autores... O que me parece ser de acentuar, com certo fundamento e verdade, é que nos ultimos anos, sobretudo a partir da década de 60, se processou entre nós uma espécie de «acordar crítico» em todos os planos, mas a literatura, creio, não foi dos sectores mais influenciados. No entanto, esse «acordar crítico», esse espírito que com alguma acutilancia se exerceu num dado sentido — o de uma *abertura* para novos caminhos, para uma *modo de* ler diferente e até *polémico* — pode acabar por dar a impressão de haver métodos e processos divergentes dos anteriores. No domínio da crítica literária, sim, julgo que tal coisa não acontece, ao contrário do que, por exemplo, se vê nos domínios do cinema, do teatro, mesmo das artes plásticas.

3.

PELO QUE atrás afirmei, penso que não existe qualquer *ruptura* no sector da nossa actual crítica literária. O que me parece existir é antes uma divergência de critérios, talvez uma «informação» mais debruçada para os problemas internos da criação literária, uma valorização de certas tendências ou coordenadas estéticas julgadas mais «vanguardistas», uma certa imposição de valores quase a um nível bastante pessoal e particular em função do binómio crítico-autor ou o contrário. Daí que não exista actualmente uma sistemática crítica literária, exercida em moldes de regularidade e de atenção para todos os livros que se publicam, mas antes uma crítica literária *dirigida* e *interessada* apenas na defesa de valores estéticos e culturais mais próximos da sua própria posição e aceitação do «objecto» estético. Residirá nisso o tal ponto de ruptura?

4.

A DIVERSIDADE de critérios críticos que por vezes se verifica na nossa actual forma de crítica literária não se me afigurá ser um «conflito» entre gerações nem se trata de maneira nenhuma de uma «polémica». Penso que não há *nara* nem *velha* crítica: existem antes padrões para encarar a arte (a criação literária, sobretudo) mais de acordo com as perspectivas para que essa mesma criação aponta. Se a arte (a criação literária) se *inscrever* no *seu* tempo e no *seu* espaço, a *crítica* terá neces-

AS PERGUNTAS QUE FIZEMOS

1. — **Considera que existe uma Nova Crítica Literária em Portugal?**
2. — **Quanto a si, o que a distingue dos métodos e processos anteriores?**
3. — **Crê que se poderá estabelecer (ao menos ao nível simbólico) um ponto de ruptura?**
4. — **Mais do que um conflito entre gerações, acredita que a polémica verificada entre uma «velha» e uma «nova» crítica, traduz na verdade diferentes modos de encarar o objecto de arte e suas relações com o espaço em que necessàriamente se inscreve?**
5. — **A possibilidade de uma crítica nova está hoje ligada à utilização que ela possa fazer de algumas das disciplinas científicas em que procura apoiar-se. Quanto a si, o que de radicalmente novo lhe trouxeram algumas dessas disciplinas?**
6. — **O que é criticar? Tem a crítica uma função imediata?**
7. — **Acredita ser através da crítica que verdadeiramente se completa o processo de produção iniciado pela escrita?**
8. — **Fale-nos de como pessoalmente encara a prática da crítica e do que através dela procura atingir.**

sàriamente de lhe corresponder, deverá ter em conta esse mesmo e importante «ponto de partida», considerar até o impacto que possa exercer (e quase sempre não exerce), conduzida e veiculada pela análise e imposição crítica quando essa *crítica* parte de pressupostos idênticos aos da criação literária. Claro, considero que a criação literária será tanto mais importante quanto o correspondente *espírito crítico*, praticado com independência e objectividade, se mostrar verdadeiramente à altura de melhor a compreender, justificar e impor. A linguagem escrita, no plano da criação, não se compadece (quando livre e autênticamente afirmada) com fórmulas estereotipadas, com modismos críticos ou outras atitudes que se não justifiquem ou afirmem através de uma coerência ideológica por parte daqueles que (ainda) entre nós praticam com frequência a crítica literária.

5.

SE BEM ENTENDO, o «propósito» desta pergunta, devo dizer que não são apenas certas leituras *teóricas* que nos desvendam ou levam a aceitar alguns padrões ou critérios de crítica que colocamos depois em prática, mas antes um reflectir sobre as coisas que, sendo dos outros, são também *nossas*... Quero dizer que a aprendizagem ou exercício da crítica se faz a partir da nossa pessoal experiência, no desencadear das nossas recusas e opções ao longo do trajecto literário que, a seu modo, cada um de nós acaba sempre por fazer. Um conhecimento mais aprofundado dos problemas relacionadas com a estética, a linguística e a metodologia crítica no panorama da arte contemporânea (o reconhecimento de textos e de autores como Saussure, Martinet, Barthes, Foucault, Jakobson, Sollers, Eco, Volpe, Lefebvre, Morin, Lukacs, Fisher, Axelos ou outros) só poderá naturalmente enriquecer a «bagagem» cultural do crítico e alargar o campo de visão da sua análise literária. Mas acrito com mais agrado o entusiasmo o *intuir* pessoal das próprias experiências vividas, fazer com que a crítica literária seja, no fim de contas, o mesmo *jogo* em que o escritor pessoalmente se empenha, se arrisca e compromete. Quer dizer, esse alargamento «teórico» não servirá muito no próprio *acto crítico* se porventura não houver realmente em relação a quem critica uma gama de experiências que melhor façam *entender* o fenómeno da criação literária nas suas múltiplas implicações. De contrário, acabamos por verificar por parte do crítico um apetrechamento de conhecimentos teóricos que não abarcam inteiramente ou não tiram todo o partido que lhe oferece a própria criação literária. Não aceito um certo *aventurcirismo* que na nossa actual crítica começa a querer impor-se sob a capa de um «artificioso» (por vezes até de certo modo consolidado) ponto de ataque e de condenação de tudo o que não estiver no «quadrante» das suas preferências ou em função dos esquemas que dogmàticamente se aceitam.

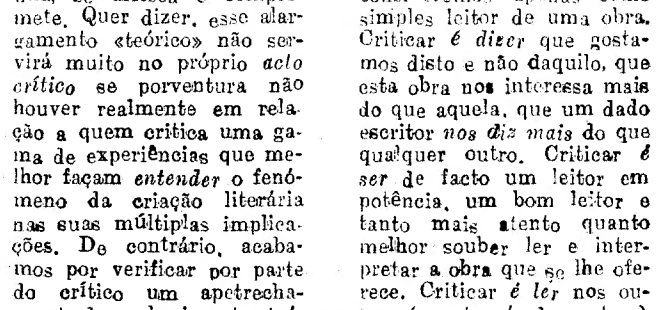
6.

CRITICAR *é apostar, é dizer* o que vale e não vale segundo as nossas opções e preferências. Criticar *é ter* consciência de exercer um direito que a todos pertence, mesmo que por vezes nos consideremos apenas como simples leitor de uma obra. Criticar *é dizer* que gostamos disto e não daquilo, que esta obra nos interessa mais do que aquela, que um dado escritor *nos diz mais* do que qualquer outro. Criticar *é ser* de facto um leitor em potência, um bom leitor e tanto mais atento quanto melhor souber ler e interpretar a obra que se lhe oferece. Criticar *é ler* nos outros (ou através dos outros) aquilo que em nós próprios se revela mais legível, inteligível ou aceitável — ou o contrário. Criticar *é estabelecer* um diálogo em voz alta com aquilo que nos outros (melhor ou pior) fala a nossa mesma linguagem. Mas criticar *é sempre* uma atitude e uma prática ideológica, seja para um lado ou para o outro...

Sim, a crítica tem (e deve ter sempre) uma função imediata se acaso se exerce dentro de certas regras e limites que interessam às três partes em questão: escritor — crítico — leitor. A função da crítica é mais *prevenir* o leitor do que o autor, claro, porque este (quase sempre tem uma certa consciência do valor e do

(Cont. na pág. 7)

JEAN LARTÉGUY



OS LIBERTADORES

O mundo é apenas uma guerra civil sob todas as suas formas: conflitos de gerações, esperanças perdidas, esperanças reencontradas, vida e morte e, sempre sem cessar, renovação.

Colecção AUTORES UNIVERSAIS
Série Monumental
75$00

VOLUME ANTERIOR:
TODO O HOMEM É UMA GUERRA CIVIL

uma edição
LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 — AMADORA

Prontuário das Letras

O coronel desce à cidade

A colecção Livros do Brasil, da editora do mesmo nome, foi lançada há anos sob o signo de Erico Veríssimo: até ao n.º 9 pudemos ler nada menos de sete livros deste escritor, entremeados com o *«Deus lhe pague»* de Joracy Camargo e as *«Terras do sem-fim»* de Jorge Amado. Aliás, em 81 volumes publicados há 20 — práticamente um quarto! — de Veríssimo, o que diz bem do favor de que ele goza nas preferências do editor Souza-Pinto. Aguentada, pois, por Veríssimo, a colecção cresceu, diversificou-se e foi-nos dando (na medida do possível) um panorama relativamente largo da moderna novelística brasileira. Lá temos, entre os nomes que nos revelou, Fernando Sabino, Clarice Lispector, António Callado, o grande João Guimarães Rosa António Olavo Pereira, Herberto Sales e agora, com *O coronel e o lobisomem*, José Candido de Carvalho

Em terra «de pastos e ventos» veio ao mundo o coronel Ponciano de Azevedo Furtado, figura central deste romance. É um homem com quase dois metros de altura e outro tanto de prosápia — faz, acontece, manda, desmanda. Quem quiser adivinhar-lhe a presença basta abrir as ventas: o coronel fuma só charuto Flor de Ouro. Levado pela trama que José Candido de Carvalho tece com dedo de mestre, o leitor espera do coronel isto e mais aquilo, mas a breve trecho emerge a personagem autêntica, esse terratenente cheio de «proscopopeia» que as rodas dentadas do comércio irão triturar em três safras-Amante de «invencionices», perseguidor-perseguido de lobisomens, sereias e onças pintadas, pequeno deus da sua fazenda, o coronel é exemplarmente lançado por terra quando as práticas da sociedade pré-industrial se mostram complexas de mais para quem, como ele, vem da economia de subsistência *tout court*.

Contado na primeira pessoa, *O coronel e o lobisomem* poderá parecer, e até certo ponto é, um herdeiro directo de José Lins do Rego no tema e de João Guimarães Rosa na língua. Mas José Candido de Carvalho tem muito de seu a oferecer, sobretudo o humor, sobretudo a truculência, e também o jeito envolvente com que nos fala do maravilhoso sertanejo Livro de estreia este — estreia de um sólido ficcionista. O Prontuário não hesita em propor *O coronel e o lobisomem* para leitura imediata.

Conhece Fanny Hill?

Em 1749, aperreado por dívidas, um inglês de nome John Cleland, ex-cônsul do seu país na Turquia e na Índia, aceita escrever um romance rotulado de erótico para um editor da especialidade. Assim nasce, um ano depois, *Fanny Hill*, relato das aventuras heterodoxas por que passa uma florinha do campo na selva da grande metrópole. O livro é sucessivamente editado — e adulterado — nos dois séculos seguintes (até mesmo no nosso país), nada perdendo do seu impacto.

Em 1963, nos E.U.A., um juiz declara o texto original publicável sem que daí advenha ofensa á moral pública — é uma obra literária e acabou-se. De onde vida nova para *Fanny Hill*, com 12 milhões de exemplares vendidos. E o interesse de uma editora portuguesa, a Arcádia, que agora pos á venda, em tradução integral, a edição original completa — vírgulas, pontos finais e tudo. Quando ler *Fanny Hill*, descubra também uma saborosa pintura da Inglaterra em meados do século XVIII

O teatro em Cuba

Um actor e encenador português, Rogério Paulo, esteve em Cuba a montar *A traição do padre Martinho*, de Bernardo Santareno. Dessa experiência acaba de resultar um pequeno volume de 100 páginas, *Introdução ao teatro cubano»* (ed. Seara Nova), incluindo um texto de Rine Leal — «História breve do teatro cubano» —, quatro breves notas de Rogério Paulo e extratos de duas críticas á sua encenação.

O caderno é uma obra de informação e deve ler-se como tal. Aliás, Rine Leal satisfaz a nossa curiosidade acrescentando uma lista de 23 títulos correspondentes a outras tantas peças escritas neste século que são, na sua óptica, o fundamental do teatro cubano. A sublinhar: o dramaturgo Nicolás Dorr viu encenadas as duas primeiras obras, *«Las pericas»* e *El palacio de los cartones*, em 1961, quando tinha apenas 14 anos de idade

Leitura de férias

«Ao ir para o banho deve ter-se em vista que tenham cessado completamente os trabalhos da digestão. A escolha da hora do banho depende da constituição do banhista e do fim fisiológico ou terapêutico que se deseja conseguir.

«Se o banhista é robusto e procura apenas no banho a tonificação da água fria e a espécie de massagem produzida pelo embate da vaga, a sua hora mais oportuna é de manhã. Para

Ramalho: na praia

as pessoas débeis que procuram no banho os efeitos da composição química da água salgada sobre os tecidos, a hora mais conveniente é das duas horas ás cinco da tarde, quando por efeito do calor a temperatura do mar sobe a cinco ou seis graus.

O uso geralmente seguido de ir directamente da cama para o mar, esperando na praia que o corpo arrefeça, é essencialmente anti-higiénico.

«Como já dissemos, baseados na autoridade dos mais abalizados especialistas, a pele deve estar quente ao entrar na água, e mesmo a transpiração não só não é nociva mas é salutar.

«Um certo exercício moderado, um pequeno passeio a pé, ao sol, é muito útil. O que mais convém evitar não é o contacto da água com o corpo quente, é o contacto do ar. As constipações contraem-se na barraca ao despir, ou á beira da água ao esperar».

Ramalho Ortigão, *As praias de Portugal*

Kierkegaard e Pessoa — ou a comunicação indirecta

Fernando Pessoa: profeta do moderno sem-sentido

(Continuação da pág. 1)

nifestando não só uma incapacidade radical de se *ser* como uma dificuldade maior ainda de adequadamente traduzir «essa ausência de realidade». Em Kierkegaard é a ofuscante presença da Verdade, embora sob a forma de Abismo e de quase Absurdo, que corta as pontes da comunicação humana e obriga «os espiões de Deus» a revestirem-se da máscara (e do paradoxo) para restabelecer a existência humana na luz provocante do Absoluto. Para Pessoa, as pontes de comunicação humana foram cortadas mais fundo ainda e não se sabe por quem. Da ordem abolida, suspensa ou perseguida, o único que parece testemunhá-la é justamente a comunicação impossível com os outros e connosco mesmos. É em côncavo que de algum modo a ausente realidade se desenha. Na paisagem inundada e desértica, os heterónimos são ao mesmo tempo os portões e o caminho inteiro mas para parte alguma que se saiba ou possa nomear. Índice e indício são, contudo, daquilo mesmo que por ausente os fez nascer. Se o não fossem, mereceriam eles acaso a atenção fascinada que despertam e as lágrimas invisíveis endereçadas ao abandono humano que eles significam?

A heteronimia de Pessoa não se resume numa simples denegação da ideia mesma de Verdade, nem equivalência de todas as verdades, nem tentativa de se aproximar da Verdade somando os pontos de vista contrários ou desposando eclèctiçamente a verdade de cada um deles por não haver essa única Verdade senão como irredutível multiplicidade das verdades. Tudo isto se encontra, efectivamente, no «drama em gente» mas subordinado a uma dialéctica mais nobre e mais trágica. Se a heteronimia correspondesse apenas a tão exteriores dificuldades seria impossível tomá-la a sério. E mais impossível ainda explicar a no fundo idêntica emoção que em cada heterónimo veste as, por hipótese, «diversas» e «irredutíveis» verdades. Na realidade, a criação heteronímica traduz um único movimento espiritual, uma só e inconfundível tragédia da consciência, em face de si e da realidade total. A criação heteronímica exprime *ao mesmo tempo* (e isto em excesso se esqueceu) *a impotência radical de conceber e exprimir a Unidade e a tentativa de se aproximar dela sob a forma de unidades diferentes mas que só por ela e nela têm sentido.*

Aparentemente, foi isto dito já e serviu até de tema a uma famosa tese universitária. Sem menosprezo dos méritos próprios de um trabalho que, não por acaso, se tornou «clássico», nós entendemos de uma outra maneira as relações da «unidade e de diversidade» na poesia de Fernando Pessoa. Aqui só nos interessa marcar a diferença com respeito ao problema da «comunicação indirecta». Para o professor Prado Coelho — e na esteira de certas indicações de Gaspar Simões — a heteronimia é, fundamentalmente, uma *ocultação*, e mesmo um *fingimento*, da parte de Fernando Pessoa. Como, porém, um homem não se esconde tanto como o desejaria, compete ao crítico descobrir o Pessoa autêntico sob tanta máscara, ou ficção. Este pressuposto do prof. Prado Coelho suscitará uma investigação psicológica cuja conclusão é fácil de adivinhar. Aceitando como hipótese essa vontade e projecto de *ocultação* não foi difícil ao ilustre crítico denunciar «incoerências» várias na sua realização ou descobrir afinidades tão gritantes entre os «diversos» heterónimos destinados a nosso engano, que a conclusão se impõe de uma falência do propósito por parte do Poeta. Através da «diversidade», empiricamente aceite, o crítico descobre o fio da «unidade», dessa unidade que a heteronimia tinha por função *ocultar*. Essa unidade será menos de conteúdo — nesse capítulo o prof. Prado Coelho explicita sobretudo as «incoerências» ou «contradições» dos heterónimos — que de tiques estilísticos, imagens, através dos quais o incorrigível *fingidor* oferece ao seu analista a possibilidade de o desmascarar. Não há dúvida que certas declarações de Pessoa, quando de todo se separam do contexto ou da transcendental e dialéctica ironia que nunca o abandonou, podem emprestar uma justificação a esta caça e descoberta de uma «Unidade», para nós, sem o verdadeiro objecto. Em primeiro lugar porque a poesia de Pessoa (a poesia de cada heterónimo ou do conjunto deles) *supõe e institui uma consciência decaída, como que expulsa desde sempre da Unidade*. Como poeta Fernando Pessoa dá corpo e voz a um abismo aberto e nunca fechado, que é a consciência de si incomensurável e heterogénia à verdadeira realidade. Em segundo lugar, porque esse sentimento de «queda», dentro do qual nasceu como poeta e que ele reconhece como «queda» é, ao mesmo tempo, *a mais pura e terrível manifestação da existência dessa Unidade*. Por isso, só no domínio das aparências e numa perspectiva psicológica que justamente o universo de Pessoa recusa, é que a questão da «unidade e diversidade» tal como o prof. Prado Coelho a pôs e brilhantemente resolveu, oferece realmente sentido. Fernando Pessoa podia tomar à sua conta, mas em sentido oposto, a celebrada passagem do «Mistério de Jesus» de Pascal: «tu não me buscarias se não me tivesses já encontrado». Pessoa «não procuraria se não tivesse perdido». A Unidade é para o poeta a mais inevocável, mas também a mais irredutível das presenças por ser eterna Presença. Sòmente o seu ser é um ser de sombra, um verdadeiro sósia do Nada, anterior a todas as manifestações, um Nada que é a figura emblemática do Deus «a quem a verdade morreu». Ter encontrado empiricamente «a unidade» de Fernando Pessoa ou é tautológico ou sem sentido. Nessa perspectiva, meramente exterior, pode dizer-se que não sòmente tal «unidade» não existe nem podia existir, como o mérito imortal da poesia de Pessoa foi o de emprestar uma voz inesquecível à evidência oposta, em suma, *à eterna ausência* que constitui, «é» e «jaz» no centro da existência humana.

ESCOLA NAVAL

ADMISSÃO DE CADETES DA ARMADA

Nos termos do Regulamento da Escola Naval aprovado por Decreto 454/70 de 1 de Outubro de 1970 está aberto concurso até 16 de Agosto para admissão de:

50 cadetes do curso de Marinha
10 cadetes do curso de Engenheiros maquinistas navais
12 cadetes do curso de Administração naval

1. CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

— Ser cidadão português, filho de pais portugueses
— Ter pelo menos 1,64 metros de altura
— Ter idade não superior a 19 anos para o curso de Marinha e 20 anos para os cursos de Engenheiro maquinista naval e administração naval, feitos até 31 de Dezembro de 1971.
— Ter habilitações que permitam o seu ingresso em cursos superiores com afinidade dos professados na Escola Naval alínea f) e alínea g) do 3.º ciclo liceal.

2. ADMISSÃO CONDICIONAL AO CONCURSO

Para eventual provimento das vagas que não forem preenchidas pelos candidatos que satisfaçam as condições de admissão acima indicadas, poderão ser admitidos condicionalmente ao concurso candidatos nas seguintes condições, prioritárias pela ordem que vão referidas:

a) Com aprovação no curso complementar dos liceus de qualquer alínea, desde que tenham obtido aprovação em Matemática e Ciências Físico-Químicas para os cursos de Marinha e de Engenheiros maquinistas navais ou Matemática e Geografia para o curso de Administração Naval;

b) Com possibilidade de completarem o curso complementar dos liceus na época de exames de Outubro;

c) Com acuidade visual inferior à estabelecida no quadro constante da Portaria n.º 22.987 de 31 de Outubro de 1967, mas obedecendo às condições do despacho ministerial de 25/10/69:

1) Para a classe de Marinha — grupo B
2) Para as classes de Engenheiros maquinistas navais e de Administração naval — grupo C

d) Com mais 1 ano de idade que o estipulado nas condições de admissão.

3. DOCUMENTOS A ENTREGAR

a) **Até 16 de Agosto:**

— Requerimento dirigido ao Comandante da Escola Naval pedindo a admissão ao concurso;
— Declaração do estado de solteiro;
— Autorização dos pais para assentar praça ou certificado de emancipação;
— Declaração em papel comum das suas habilitações e respectivas classificações.

b) **Até 21 de Agosto:**

— Certidão narrativa completa do registo de nascimento;
— Certidão do registo criminal;
— Certificado especificado das habilitações literárias.

4. PROVAS A PRESTAR

— Inspecção médica
— Provas de aptidão física
— Exame psicotécnico.

Os candidatos residentes no Continente prestarão estas provas na Escola Naval, em Lisboa (Alfeite) na semana de 16 a 20 de Agosto.

Para os candidatos residentes nas ilhas adjacentes e nas províncias ultramarinas a inspecção médica e as provas de aptidão física são realizadas na sede dos respectivos comandos territoriais da Armada na mesma semana.

O Ministério da Marinha tomará a seu cargo transporte para Lisboa dos candidatos aprovados fiquem dentro das vacaturas existentes.

5. ALISTAMENTO

O alistamento dos candidatos no Corpo de Alunos da Escola Naval será feito em 1 de Setembro, pela ordem que ficarem aprovados, e implica para o aluno a obrigatoriedade de servir a Armada durante oito anos, a contar da data de promoção a guarda-marinha.

6. DURAÇÃO DOS CURSOS

Os cursos na Escola Naval têm a duração de quatro anos.

As cadeiras de natureza académica, de índole e programas semelhantes às professadas nas Universidades, são consideradas equivalentes nos termos legais.

7. CONDIÇÕES DE FREQUÊNCIA

Os alunos têm direito aos vencimentos fixados pela legislação vigente (450$00 como cadete do 1.º ano e alimentação e 3.500$00 como aspirante nos anos seguintes), aos artigos de fardamento que fazem parte da tabela superiormente aprovada e ainda a assistência médica, cirúrgia, medicamentosa e hospitalar nas mesmas circunstâncias que os oficiais.

Os alunos são isentos do pagamento de propinas, e recebem as publicações necessárias ao estudo das matérias que fazem parte dos planos de curso.

★

As condições de admissão e minutas de requerimentos poderão ser consultados na Escola Naval, no Alfeite, e nos liceus, colégios, capitanias dos portos e delegações marítimas.

Quaisquer outras informações poderão ser obtidas na Secretaria da Escola Naval e pelos telefones de Lisboa 27 09 56, 27 09 51 e 27 00 41.

Os candidatos que precisem de deslocar-se à Escola Naval poderão utilizar qualquer dos seguintes meios:

1. — Vedetas que saem da Doca da Marinha às 9 horas e às 9 h. 45 minutos.
2. — Carrinhas da E. N. que largam de Cacilhas às 9 h. 10 m. e às 10 h. 15 m.
3. — Táxis de Cacilhas para a Escola Naval.

Escola Naval, Alfeite, em 23 de Julho de 1971.

O Secretário,

António Gomes da Silva Cruz
Cap. frag. AN

Empresa desesperada, desesperante e que o desesperou. Combater o Anjo, o enviado carismático do Senhor, é doce e fácil ao lado deste combate de sombras que tem lugar na luminosa poesia de Pessoa... Ele no-lo diz como ninguém mais em versos que não exprimem apenas um clássico sentimento da irrealidade humana já expresso em fórmulas de fogo na poesia de Pindaro, de Shakespeare ou Calderon. À experiência clássica da «vida como sonho» Pessoa acrescentou como uma ultima demão nocturna. É difícil exprimir o sentimento de uma absoluta e radical irrealidade e comunicar a visão de um nada como coração de tudo, com mais claridade do que Pessoa nos versos admiráveis e tão pouco comentados do tríptico «No tumulo de Christian Rosencreutz». Eles constituem como que o modelo da quadratura do tema da «vida como sonho»:

Ah, mas aqui onde irreais erramos
Dormimos o que somos, e a verdade,
Inda que enfim em sonhos a vejamos,
Vêmo-la, porque em sonho, em falsidade.

Sombras buscando corpos, se os achamos
Como sentir a sua realidade?
Com mãos de Sombra, Sombras, que toca-
[mos?
Nosso toque é ausência e vaculdade.

Com este poema e outros análogos, a consciência poética de Pessoa situa-se num mais além da sua dialéctica sem terceiro terno — ou áquem, se se prefere — mas em pleno centro da preocupação ontológica contemporanea, dando forma antecipada a uma mitologia fascinada pela Ausência, de que hó hoje começamos a avaliar a extensão e os inquietantes sortilégios. A visão de um universo que nos reenvia perpétuamente

Pessoa, no ano da morte

a nossa própria imagem, tão impróprio para nos fornecer um rosto verdadeiro como nós de tocar a sua realidade, *é a de um mundo intra-humano prisioneiro da sua radical impotência*. O terceiro terceto, porém, abre uma imprevista janela no túmulo da nossa irrealidade. O que ele sugere conta entre o mais profundo que Pessoa escreveu e certamente pode ser escrito:

Quem desta Alma fechada nos liberta?
Sem ver ouvimos para além da sala
de ser: mas como, aqui, a porta aberta?

A questão da «comunicação indirecta» alcança de chofre, a sua dimensão metafísica. É a questão mesma da realidade-humana e do seu acesso, o da fantástica proximidade de nós mesmos e do abismo inconcebível que também de nós mesmos nos separa. A heteronimia revela-se assim, não como uma aberração psicológica pitoresca, mas como ilustração espectacular de um drama que se representa no coração da expressão humana e através do qual se decide o alcance dos nossos poderes e a forma dos nossos limites. *A fundamental e única questão é a da capacidade ontológica da Linguagem.* A criação dos heterónimos como consciências-suportes de todas as linguagens possíveis, capazes de receber na sua arquitectura as possibilidades existenciais de Pessoa, é uma resposta, entre outras, para essa *deficiência ontológica* primordial inscrita em nós mesmos e no coração da linguagem. Todavia, Pessoa adivinhou que para além da sala onde se não é plenamente, uma palavra *total* tinha o misterioso poder de se fazer ouvir. Melhor ainda: pressentiu que «a porta» estava de algum modo aberta ou que ela se abria pelo apelo lancinante, ávido de luz, que brilha na ardente noite dos seus poemas.

* * *

Junto desta misteriosa e imprevista Porta Aberta nos deteremos. Ela abre e fecha, para nós, a questão da «comunicação indirecta». Simplesmente, este abrir e fechar não têm começo nem fim. Somos caminho, nascemos em caminho e só a marcha, roubando-nos o presente, «isso onde por acaso menos estamos», nos dá o «outrora» inalcançável e o seu futuro que é, ás vezes, o nosso. Assim alcançamos, quando «os deuses do caminho» o favorecem, a autenticidade e a possivel transparência, num mundo onde a porta não está aberta de par em par senão para aqueles que o atravessam sem se aperceber do que Pessoa chamava «o mistério de existir». Para aqueles a quem tal mistério sacode, a porta, mesmo aberta, é enigma supremo. Kierkegaard conheceu o mistério dessa Porta Aberta que é para ele, cada Homem unido a Deus pelo abismo que dele o separa. Os outros é que o não conheciam e para ensiná-los, como bom pedagogo de verdades sepultas, revestiu as Máscaras que os apressados tomavam pelo Rosto. Essas mascaras não lhe cairam do «alto» — senão do alto de onde tudo desce — como as de Pessoa. Ele mesmo as afivelou com uma ciência e uma meticulosidade infinitas sem perder pé no seu próprio jogo. Sempre nele a Porta esteve aberta e ele soube-o A sua questão era a de a mostrar aos outros e entrar nela «como em casa» ganhando, enfim, aquele Rosto que a cidade só entrevia através das Máscaras.

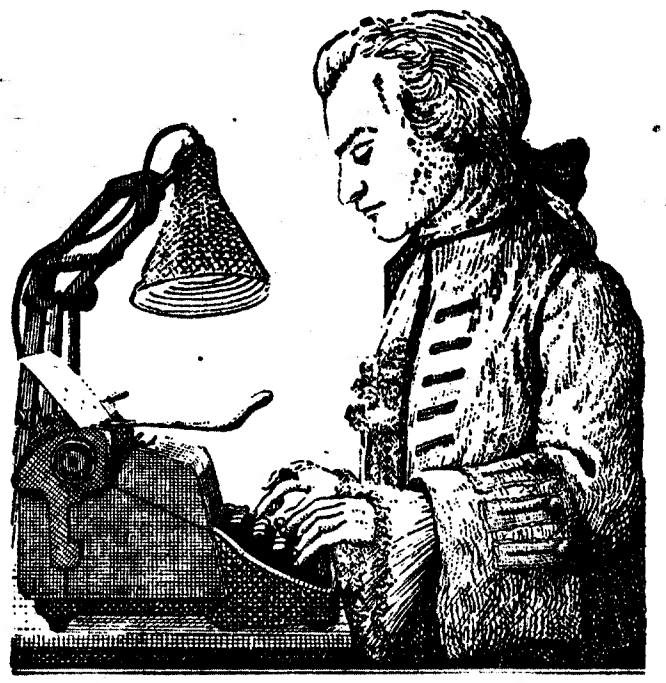
A questão de Pessoa foi infinitamente mais inumana. Se Kierkegaard era «espião de Deus», Pessoa foi «espião do Nada», profeta do moderno sem-sentido, «boca de sombra» a que ele emprestou os próprios lábios, sem poder crer até ao fim que através do seu «dizer» a mesma sombra vinha morrer na praia da luz que a anulava. Isso o pressentiu apenas e em nome desse p[re]sentimento jogou em Máscaras que nele eram Rosto todo o seu destino. Assim, habitante da pura noite construiu o luminoso canto onde cada um de nós vê, melhor d[o] que ele, a estreita Porta Aberta no limiar da qual seu absurdo e fraterno coração agonizou para, enfim, a merecer.

(Fragmento)

EDUARDO LOURENÇO

Hamburgo, Montpellier (1954-56).

A (NOVA) CRÍTICA EM QUESTÃO



(Continuação da pág. 5)

sentido que a sua própria obra possui e representa. A função imediata da crítica deve ser a de elucidar o leitor, esclarecê-lo e orientá-lo para a aceitação (ou recusa) do que lhe pode interessar (ou não) no domínio da criação literária. Creio ser essa realmente a função imediata da crítica, embora entre nós seja prática corrente que a crítica se deve voltar mais para o escritor do que para o leitor. Daí que a nossa crítica, *nova* ou *velha*, tantas vezes se fulanize e individualize, se interesse mais pelos livros e seus autores que aborda e critica, sem ter muito em conta o papel que deve ser exercido para (e pelo) público leitor. Afirmando-se através de um tipo de linguagem hermética e fechada, a nossa crítica literária (a das revistas e suplementos literários) corre o perigo de ser (e até certo ponto é isso que acontece) um *modo de ler* muito limitado, sem o propósito de abrir novos caminhos ao leitor menos preparado quanto às correntes estéticas e literárias que mais lhe poderão interessar. Ora, é precisamente em relação à *nova crítica*, aquela que agora se quer impor, que esse «exagero» se torna mais notado e habitual.

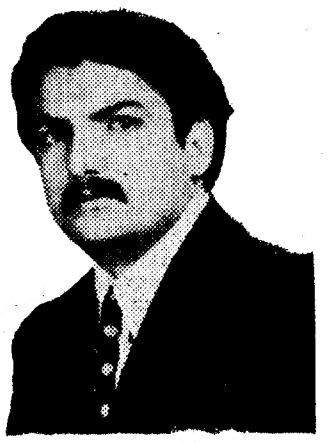
7.

SIM, no caso do escritor que se desdobra entre a criação e a actividade crítica. E parece-me ser essa a característica mais evidente no panorama da nossa crítica actual. São muitos os autores que exercem simultâneamente essas duas formas de realização literária. Reside aí talvez a melhor e mais positiva contribuição crítica dos últimos anos, mas receio que o «crítico» faça destruir o criador (ficcionista, dramaturgo ou poeta) por imposição de normas mais rígidas ou de uma vigilância crítica que obrigue o escritor a estar mais debruçado e metido dentro da sua obra, retirando-lhe assim a «espontaneidade» necessária que, creio, se deve exigir à criação literária como primeira qualidade da sua afirmação estética. O fenómeno da *escrita* exerce-se, pois, simultâneamente nos dois sentidos, um valoriza e enriquece o outro: claro, o escritor não perde nada se for sempre o mais atento, lúcido e exigente crítico da obra que vai realizando durante o seu trajecto literário.

8.

JULGO que a crítica é (e deve ser) *feita por todos*, com queria Lautréamont para a poesia. Já disse atrás que todo o leitor é sempre um crítico em potência. Mesmo que não tenha o propósito imediato de escrever sobre qualquer livro, a verdade é que pessoalmente faço sempre a minha crítica à obra que leio. Pretendo compreender que um progressivo enriquecimento cultural nunca seja para mim *asfixiante*, no sentido em que Jean Dubuffet aceita e considera a cultura no seu conjunto, nunca me atrofie o espírito ou torne impeditivo o facto de poder dizer que gosto (ou não gosto) de um certo livro de poemas, de uma peça de teatro, de um romance, de um quadro, de um filme, de um concerto etc., mesmo que haja razões para os outros aceitarem qualquer dessas formas artísticas.

Quando exerço a crítica literária (e já fiz isso com certa regularidade, bem ou mal), penso sempre que posso levar os meus possíveis leitores a gostar (ou a não gostar) dos livros que pessoalmente mais me interessam. Raramente me tenho preocupado com os autores dos livros que leio e em seguida critico, embora compreenda que o crítico não se pode alhear inteiramente da sua incondicional adesão a certos autores que consigo melhor se identificam. Mas, mesmo que seja apenas para testemunhar essa «identificação» e levar alguns (sempre tão poucos) leitores a participar também nela, creio que talvez se justifique assim a actividade crítica: falar do que sabemos e como sabemos para que os outros (mais os leitores do que os autores) aprendam, como nós, a entender e a ler *melhor* as obras que podem ser (ou não) da sua preferência. E isso, claro, nem sempre acontece — talvez por parte da crítica, talvez por parte da desatenção do público, talvez mesmo por parte de uma *cultura* tão repartida e tão mal estudada como é a nossa...



S. Ferreira: gostar ou não gostar

Mas, por mim, creio que procuro sempre «atingir» pelo menos *um leitor* (no sentido gideano, é evidente) para que ele compreenda e aceite o que a mim pessoalmente mais me interessa e entusiasma no plano da criação literária.

SERAFIM FERREIRA

SALDOS
NA QUADRANTE
LIVROS BRASILEIROS E INGLESES
AGOSTO e SETEMBRO

TELEVISÃO
Tome contacto com o mundo vendo através de um SIEMENS não há aborrecimentos. Compre na CASA MAX — Av. Praia da Vitória, 2 e 2-c; R. D. Estefânia, 193, 193-f.

COPYWRITER JUNIOR
Somos uma Agência de Publicidade. Estamos a crescer. Estamos a expandir-nos. Precisamos dum (ou duma) copywriter junior com fluência a escrever e imaginação a criar. Responda indicando habilitações, experiência prévia e ordenado pretendido, a este jornal n.º 880.

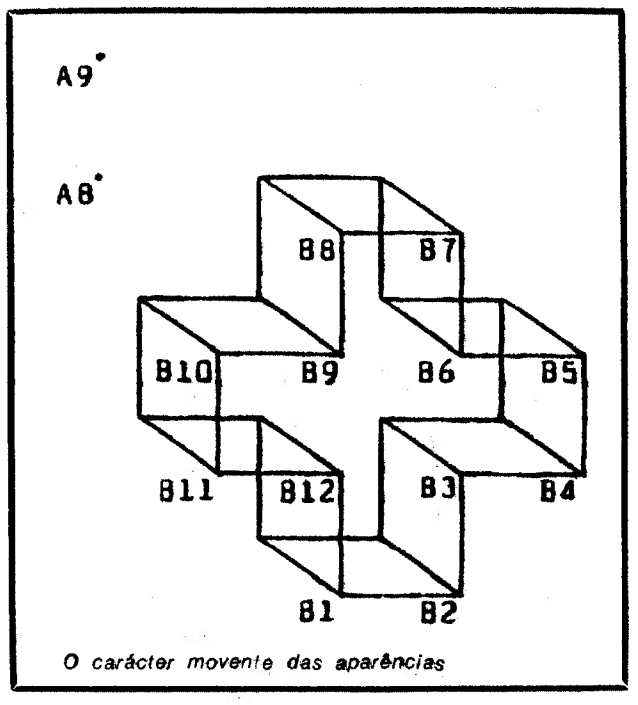
MOBILIDADE VISUAL, APARÊNCIA E REPRESENTAÇÃO (I)

UTILIZANDO algumas experiências e verificações efectuadas no domínio da percepção visual, poderemos simultâneamente deduzir que o nosso olhar se encontra condicionado por uma mecânica específica e que as formas com que dialogamos fazem parte de uma aparência limitada e legislada por essa mecânica. Aí se deve introduzir o reconhecimento de que os dados da nossa experiência psicológica passada, por uma constante aquisição de informações, interferem no processo da visão, ampliando o campo do nosso julgamento sobre o real.

Testes muito simples confirmam que formulamos constantemente juízos sobre a aparência dos objectos numa relação com o meio. Se nos for proposta a representação de um círculo num suporte quadrado, poderemos determinar visualmente, com aproximada justeza, qual a posição do círculo relativamente aos limites do plano. Para a realização deste julgamento, sem interferência de operações auxiliares, contam as propriedades específicas do meio em que se insere a forma dada e as aquisições básicas do nosso comportamento psicológico. A colocação das formas em certas zonas do plano, como de resto no espaço real em que nos movemos, tem assim uma importância fundamental para nos decidirmos quanto à sua natureza e ao seu significado.

Se apresentarmos a um indivíduo, durante um curto espaço de tempo, um objecto qualquer, ele fará desse objecto uma descrição sintética. Tal descrição corresponderá a uma apreensão das características essenciais do objecto, em geral as que delimitam o seu significado comum e quase sempre a sua função. De uma outra forma, se a exposição do objecto for mais demorada, envolvendo portanto um maior número de solicitações, o observador poderá particularizar o seu julgamento. Seja como for, tem de se reconhecer que a sua tendência é a de orientar a leitura do geral para o particular. O factor distância pode, em certa medida, ilustrar esse mecanismo: um homem bastante afastado do observador será apenas reconhecido como figura humana. Ao contrário, se esse homem se aproximar lentamente do ponto em que se encontra o observador, este poderá entrar em linha de conta com novos dados — tamanho, indumentária, fisionomia, etc. — resumindo uma caracterização de natureza mais particular. A percepção dos objectos que se distanciam de nós no espaço faz-se, portanto, segundo estruturas cada vez mais simples. O manifesto carácter selectivo da visão reconhece-se sobretudo no facto de reduzirmos os objectos ao seu padrão aparente mais inteligível, o que implica um processo de simplificação. Este processo, que é portanto inerente ao acto visual, aplica-se com frequência à própria técnica de representação, na escolha de padrões gráficos mais ou menos complexos que decorrem da estrutura das formas reais.

Quer se considere a representação no plano, quer se considere a influência recíproca dos fenómenos no real, torna-se evidente que o acto visual corresponde a um julgamento sobre as aparências, no quadro de uma mecânica de relações complexas para a qual concorre amplamente a nossa experiência passada. É nesse sentido que poderemos considerar o acto visual como um acto criador, na medida em que não se circunscreve a um registo passivo das ocorrências, antes as penetra e relaciona consoante uma maior ou menor aprendizagem do real. Aqui se poderia acrescentar, com Ernest Fischer, que «a realidade compreende toda a imensa diversidade de interacções entre as quais o homem com os seus dons de sensibilidade e de compreensão é envolvido.» E ainda o seguinte desenvolvimento dessa afirmação: «Um artista pintando uma paisagem obedece ás leis da Natureza descobertas pelos físicos, pelos químicos e pelos biólogos. Mas o que ele representa na sua arte não é uma natureza independente de si mesmo. É uma paisagem vista através das suas próprias sensações, da sua própria experiência. Não é o simples acessório de um órgão sensorial que apercebe o mundo exterior; é também um homem que pertence a uma época particular, a uma classe, a uma nação, que possui um temperamento e um carácter particulares, e todas estas coisas desempenham um papel na maneira como ele vê, sente e pinta a paisagem.» (1)



O carácter movente das aparências

VER É COMPREENDER

Se apresentarmos a várias pessoas um determinado padrão (por exemplo, dois triângulos rectângulos quase iguais unidos simétricamente por um dos ângulos não rectângulos) (2), verificaremos que do grupo de indivíduos expostos ao teste se destacam duas tendências de leitura e representação do padrão: a) ou os dois triângulos são iguais e simétricos; b) ou os dois triângulos são francamente desiguais e assimétricos. Ambas as leituras, gráficamente traduzidas, correspondem em grande medida ao processo simplificador da visão já referido. Dada a ambiguidade da relação inicialmente estabelecida, o observador procura desfazê-la em benefício de uma maior clareza. O conteúdo aparece iluminado por um especial tratamento da forma segundo a qualidade selectiva (portanto interpretativa, portanto criadora) da visão. Esta qualidade prolonga-se ou transmite-se com frequência ao processo da representação, não apenas quando se utilizam linhas que *nivelam* as flutuações ambíguas do modelo, mas também quando estas flutuações são traduzidas por equivalências *acentuadas*.

Se identificarmos a cabeça humana como uma simples esfera, no limite expressivo da simplificação, no sinal, teremos naturalmente a exemplificação de um processo de representação que reduz os acidentes anatómicos á estrutura mais elementar do modelo. No polo oposto deste comportamento, admitindo uma *simplificação por acentuação*, poderíamos portanto situar algumas tendências da arte contemporânea onde a forma é exacerbada pelos meios específicos da linguagem plástica, condensando a afirmação expressionista de uma maneira de ver ou de ser. «O pensamento psicológico recente», confirma-nos Arnheim, «admite que consideremos o acto visual como uma actividade criadora da psique humana. A percepção consegue, ao nível dos sentidos, o que no campo da razão se chama entendimento. A vista de todo o homem participa também, ainda que modestamente, da capacidade do artista para produzir figuras que interpretam a experiência de maneira válida por meio da forma organizada. Ver é compreender» (3).

VER É AGIR

Poderemos agora admitir, com melhor fundamento, que a visão se caracteriza por uma espécie de *mobilidade*. Também uma mobilidade crítica, naturalmente, desenvolvendo juízos que, em termos gerais, assentam na escolha dos elementos significativos das aparências e na redução dos objectos ao seu esquema mais característico. São assim formuladas constantes segregações e julgamentos que desvendam e criam relações no plano do real. De facto, a mobilidade da visão não depende apenas do mecanismo fisiológico que lhe serve de suporte, antes decorre das capacidades organizadoras que a experiência conferiu ao observador, permitindo-lhe uma acção no real inevitávelmente indagadora e inventiva. «A visão difere da câmara fotográfica porque consiste numa exploração activa e não num simples registo». (4) A para mecânica do olhar transforma-se assim na riqueza operacional do ver, que é de facto, uma forma de agir, de julgar, de compreender, de criar, em suma. A reacção aos padrões estimulantes implica, por assim dizer, um acto mecânico, psicológicamente explicável, e um acto criador, mais ou menos inventivo, mais ou menos informado, que parte quase sempre, e fundamentalmente, da caracterização mais representativa dos objectos. Esta forma de compreensão das aparências para além da pluralidade dos seus aspectos de motivação e acção, prolonga-se de diferentes maneiras ao domínio da linguagem expressiva, já que o homem experimenta na realidade uma urgência de organizar as formas a fim de exprimir a sua visão do real e a sua capacidade de imaginar. «Olhar é um acto», diz-nos Garaudy. «Justifica-se por uma análise que corresponde para lá das convenções contemplativas da pintura do passado, á experiência de um homem que explora activamente o mundo e as coisas, que tem a consciência do seu poder de transformar-se, e sobretudo da acção que pode exercer sobre elas para as transformar. Essa análise comporta novas exigências em relação á linguagem plástica, igualmente em relação ao espectador, convidado ele também não já só a uma mera contemplação, mas a uma acção» (5).

ROCHA DE SOUSA

(1) «A necessidade da Arte».
(2) «Arte e Percepção Visual», de Rudolf Arnheim.
(3) «Arte e Percepção Visual».
(4) «Arte e Percepção Visual».
(5) «Um Realismo sem Fronteiras».

(Continua)

Cal(i)grafias

UMA PRÁTICA COLECTIVA

APESAR das dificuldades de funcionamento e das hesitações que todos lhe reconhecemos, *O Tempo e o Modo* continua a ser a única revista portuguesa que vale a pena ler e apoiar.

Alguns decerto falarão das suas incertezas, dos seus altos e baixos, da ambiguidade de algumas das suas posições teóricas. É o preço de uma aprendizagem que como tal se tem assumido; são as consequências de uma actividade cujos objectivos — creio que para todos nós — se mostram ainda pouco claros e difíceis de delimitar.

O que ninguém no entanto lhes poderá negar é a prática colectiva que, ao nível de Redacção, eles têm tentado pôr a funcionar; as reflexões sobre alguns dos principais fenómenos da vida nacional: a tentativa de criticamente clarificar alguns dos processos através dos quais a classe dominante vai exercendo o seu poder; toda uma prática que, enfim, se torna neste momento difícil de descrever.

O seu último número — o 88 de Junho de 71 — abre com um breve mas importante texto que desmascara o projecto ideológico de alguns «intelectuais burgueses realistas e «progressistas» (?) dos anos 70 do século XX português». Tal projecto diz respeito à «actualização» das *críticas* feitas por Eça de Queiroz à sociedade portuguesa do seu tempo (1871 — ano da Comuna de Paris e das Conferências do Casino). Cem anos depois os promotores desta «reabilitação» querem fazer-nos crer que tudo está ainda na mesma e que em nada portanto a crítica de Eça perdeu actualidade. Como se diz no texto de *O Tempo e o Modo* «não vale a pena demonstrar aos queirozianos como o mundo e Portugal mudaram em cem anos. Como as Conferências do Casino foram substituídas por outras ao ar livre; como os seus promotores progressistas se transformaram progressivamente em saudosistas do velho Portugal aristocrático e como os seus filhos militaram na contra-revolução; como, lá fora, depois de 1871 (ano da Comuna) houve revoluções populares que nem a traição dos «intelectuais» pôde deter.» Vale pois a pena «chamar as coisas pelos seus nomes e denunciar o reaccionarismo de um projecto (...) que se propõe criticar o presente e a construção do futuro com os olhos e os instrumentos do passado».

Além dos textos sobre as lições da Comuna de Paris ou sobre um Portugal de 1871, longe da Comuna, chamamos a atenção dos nossos leitores para o texto *Batatas, Petróleo e Livros* tentando desmontar a estratégia da burguesia ao permitir, apoiar ou incentivar o aumento da produção de livros e do seu consumo. «A burguesia precisa que «todos» leiam os seus livros». Daí que ela tenha procedido por iniciativa própria como que a uma «revolução cultural» passando rápidamente de «uma sociedade de costumes tradicionalmente brandos e de livros tradicionalmente poucos (...) a uma sociedade fustigada pelo saber».

Neste processo se incluem os livros de bolso (materializando o projecto de «um livro para todos» ou do «livro acima das classes» ou do «livro que vem ter com a rua» ou da «cultura ao alcance de todos») as feiras (processo de escoamento através de «saldos» dos «stocks» que nas prateleiras se foram amontoando ao longo do ano, permitindo assim o escoamento rápido dos *velhos* produtos e portanto a necessária disponibilidade para a *criação* de novos que no ano seguinte sofrerão idêntico tratamento).

Este número da revista encerra com um texto de Philippe Sollers (faltando no entanto indicar que se trata de tradução de um dos últimos números de Tel Quel) e outro de Nuno Judice sobre António Maria Lisboa. Sobre este último texto somos de opinião que a mais cuidada fundamentação de algumas das suas teses não deixaria de beneficiar a «clareza» do texto.

Aqui prestamos o nosso apoio á actividade da revista e ao trabalho colectivo que pela sua equipa de redacção tem sido (ou procurado ser) levado a efeito. Para ela chamamos pois a atenção dos nossos leitores.

NEUSON DE MATOS